



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
FACULDADE DE ARTES E LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS

As “leituras” de Roberto de Mesquita

Dissertação de **Mestrado no âmbito de 2.º. Ciclo de Estudos conducente ao
Grau de Mestre em Letras – Estudos Didáticos, Culturais,
Linguísticos e Literários**

Orientador: **Professor Doutor António dos Santos Pereira**

**Eduardo Manuel de Mendonça
Covilhã – 2008/2009**

Eduardo Manuel de Mendonça

As "leituras" de Roberto de Mesquita

À minha esposa e filha, como reconhecimento pelo apoio, incentivo e compreensão desde sempre manifestados.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor António dos Santos Pereira, meu orientador, pelas orientações e sugestões apresentadas, pela receptividade ao meu trabalho e pelo profissionalismo com que acompanhou a minha pesquisa.

Aos meus Pais, que sempre me brindaram com o melhor que tinham e podiam.

A todos quantos encontrei, na minha carreira académica e profissional, pelo convívio e pelos ensinamentos partilhados.

Introdução

Roberto de Mesquita. Poeta. Nascido e criado na ilha das Flores, um minúsculo pedaço de terra, 141,7 km², que marca a fronteira mais ocidental do território português. Aí conviveu com uma natureza quase edénica, em alguns aspectos, ainda, inexplorada, mas caprichosa e exposta à fúria dos elementos, particularmente nos meses mais rigorosos, correspondentes às estações do Outono, do Inverno e de parte da Primavera. Os momentos de bonança eram relativamente breves, correspondiam, por regra, a uma parte da Primavera e ao Verão. Ostentavam o dom de permitir o retemperar dos ânimos, pois facilitavam a comunicação com o exterior, insular e transcontinental, assistiam à chegada dos familiares, em “dia de São-Vapor”¹, emigrados nas Américas ou radicados nas restantes ilhas do arquipélago e no continente português, e dos forasteiros, curiosos e intrigados com os usos e costumes deste povo peculiar:

«Oh, meu Deus! Descubro que a gente enterrada há cinquenta anos se encontra outra vez nas Flores, viva e aferrada às mesmas palavras e às mesmas manias do passado, numa meia-sombra em que se cria bolor. Estou talvez no Purgatório – o Inferno é mais ao norte... Certos seres mortos na minha mocidade, e que eu não sabia onde se tinham metido, foram desterrados para as Flores.»²

Dos condicionalismos da vivência em meio insular, procuraremos dar razão, na Parte I deste trabalho, procedendo a uma caracterização, de forma necessariamente breve, da geografia física e das circunstâncias atmosféricas que condicionam o arquipélago açoriano (Sub-capítulo 1.1). Do mesmo modo, conscientes do efeito

¹ Para uma apreciação do impacto causado pela chegada dos navios aos diferentes portos açorianos, veja-se ÁVILA, Ermelindo, “Dia de São Vapor”, in <http://domeuretiro.blogspot.com/2008/03/dia-de-so-vapor.html>

² BRANDÃO, Raul, *As Ilhas Desconhecidas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991, p. 51

modelador do meio ambiente sobre as sociedades humanas, torna-se incontornável a referência aos traços idiossincráticos mais relevantes do habitante ilhéu, que o diferenciam, de algum modo, dos seus compatriotas residentes em outros espaços do solo pátrio (Sub-capítulo 1.2), contamos com o apoio de alguns estudos de natureza sociológica, realizados por relevantes personalidades, nos contextos regional e nacional.

A relação dialéctica alimentada pelo papel do homem em interacção com o meio onde vive, a constatação das suas singularidades, o estabelecimento de formas específicas de expressão social, cultural e religiosa, consolidando-se ao longo de cinco séculos de história insular, marcam, indelevelmente, a psique e o modo de estar no mundo dos açorianos. Estas marcas constantes e significativas surgem plasmadas no conceito de “açorianidade”, proposto por Vitorino Nemésio, e de que apresentamos os seus traços mais significativos no Capítulo 2.

Estas realidades humanas e geográficas, *sui generis*, por sua vez, deram lugar a universos ficcionais que, no plano da literatura, constituem aquilo a que, progressivamente, se vem convencionando chamar de Literatura Açoriana. Trata-se, pois, de um *corpus* de textos, produzidos por autores açorianos ou que residiram no arquipélago o tempo suficiente para compreender e assimilar os valores, o modo de sentir e de encarar a vida, tal como ela é experienciada no arquipélago, textos esses enquadráveis nos diversos modos e géneros literários, versando sobre temática açoriana: as suas gentes, a sua cultura, o seu linguajar característico, a sua mundividência, etc. Uma vez que a discussão sobre a existência, ou não, da denominada Literatura Açoriana se mantém actual, procuraremos fazer uma resenha histórica dessa problemática (Capítulo 3), pautando-nos pelas posições assumidas entre a crítica mais abalizada.

Estabelecidos estes pressupostos, geográficos, sociológicos e ideológicos, propomo-nos recuperar a obra poética de Roberto de Mesquita, no intuito de pôr em evidência os vários diálogos intertextuais que ela mantém com os diversos policódigos estético-literários que caracterizam a poesia portuguesa finissecular (Parte II). Deste modo, o presente trabalho apresenta-se como mais um contributo para a compreensão e afirmação da qualidade estética e literária de *Almas Cativas*, ao

mesmo tempo que procurará chamar à atenção para a necessidade de se recuperar e homenagear uma figura e uma obra singulares no plano da criação literária, tal como ela se apresenta nos Açores³, e no contexto da poesia portuguesa de fins de Oitocentos e inícios do século XX⁴.

Vivendo toda a vida nos Açores, principalmente na sua terra natal, a ilha das Flores (estudou um ano em Angra do Heroísmo – 1885; transferiu-se para a Horta, onde se manteve até 1890/1891, quando deu por terminados os estudos; em 1897, radica-se em S. Roque do Pico, trabalhando como escriturário da Fazenda Pública, sendo no ano seguinte transferido para Santa Cruz das Flores; em 1912, toma posse como chefe de Finanças na ilha do Corvo, onde permanece quase um ano; a sua única saída ao continente português acontece em 1904, a fim de se apresentar a concurso para escrivão da Fazenda Pública e, nessa viagem, desloca-se até Viseu, para se encontrar com o irmão, à época professor de Liceu nesta cidade, tendo ainda ensejo de conhecer, pessoalmente, Eugénio de Castro e Manuel da Silva Gaio, amigos de Carlos de Mesquita)⁵, Roberto de Mesquita foi capaz de, através da leitura, contornar as limitações que a insularidade lhe impunha, tomando conhecimento com a obra dos mais importantes autores da poesia finissecular, quer nacional, quer estrangeira⁶.

Na terceira e última parte deste trabalho, retoma-se a questão da Literatura Açoriana, procurando explicitar-se elementos caracterizadores da “açorianidade” presentes em *Almas Cativas* e, por esse facto, susceptíveis da integração da obra poética mesquitiana no âmbito e dentro dos limites daquele universo literário. Pretende-se, pois, deste modo, confirmar a opinião de um dos mais argutos críticos da

³ Para Luís de Miranda Rocha, Roberto de Mesquita é “o mais importante poeta genuinamente açoriano”, in *Para uma Introdução a Roberto de Mesquita*, Angra do Heroísmo, SREC, 1981, pp. 345-346

⁴ Na opinião de Jacinto do Prado Coelho, por exemplo, Roberto de Mesquita é “no quadro do parnasianismo e sobretudo do simbolismo (...) um dos mais altos expoentes logo a seguir a Camilo Pessanha...”, in “Roberto de Mesquita e o Simbolismo, *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1976, p. 215

⁵ Cf. SILVEIRA, Pedro da, “Cronologia”, in MESQUITA, Roberto de, *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Prefácio de Jacinto do Prado Coelho, Comentário de Marcelino Lima, fixação do texto, recolha de dispersos e notas de Pedro da Silveira, Lisboa, Ática, 1973

⁶ Veja-se a lista de obras que compunham a biblioteca pessoal do autor, em JÚNIOR, Venâncio Augusto Ferro, *Roberto de Mesquita*, Dissertação para Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1941, p. 62 e FERREIRA, Manuel, *O segredo das “Almas Cativas”*, Santa Cruz das Flores, Câmara Municipal, 1991, pp. 179-180

poética mesquitiana, Vitorino Nemésio, que vê na poesia do autor florentino a manifestação mais acabada do “perfil difuso e abúlico da açorianidade”⁷.

⁷ NEMÉSIO, Vitorino, “O poeta e o Isolamento: Roberto de Mesquita”, in *Conhecimento de Poesia*, 3ª edição, Lisboa, IN-CM, 1997, p. 124

Parte I

1. Os Açores, a terra e o homem

No Atlântico Norte, a meio caminho entre a Europa e a América, surgem as nove ilhas dos Açores, formadas por acção de vulcões gerados no fundo do oceano, há alguns milhões de anos e que, em fases sucessivas, lançando lavas e cinzas, acabaram por vir à superfície.

Passaram os séculos, os agentes naturais foram moldando e cobrindo esses montes pedregosos e cinzentos de terra trazida pelo mar. Trouxeram as sementes de várias plantas – o louro das ilhas (*Laurus azorica*), o cedro do mato (*Juniperus brevifolia*), constituindo a típica floresta laurissilva, a faia da ilha (*Myrica faya*), a urze, etc.⁸) –, que aqui encontraram as condições ideais para se fixarem – a humidade, quase permanente, as temperaturas temperadas, o solo virgem, embora «pobre devido ao acentuado declive do relevo e à juventude do seu substracto rochoso»⁹ – fazendo com que algumas delas passassem a existir só nestas ilhas. Mais tarde, vieram os animais anfíbios – como as focas ou os lobos-do-mar – e os aéreos - garças, cagarros, milhafres, corvos marinhos, etc.

«Desde Hesíodo, no século VIII a. C., que a literatura difundia uma mitologia ligada à existência de lugares recônditos e ilhas fantásticas.»¹⁰ Posteriormente, o filósofo grego Platão (428-347 a.C.), em dois dos seus diálogos (*Timeu* e *Crítias*) fala num continente – a Atlântida – que existira entre a Europa e a América e que teria

⁸ VV. AA., *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*, vol. I, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, p. 33

⁹ *Idem, ibidem, loc. cit.*

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 49

desaparecido com o Dilúvio, ficando fora de água apenas os altos cumes que passariam a constituir os arquipélagos dos Açores, Madeira e Canárias. Porém, são apenas lendas, porque a moderna vulcanologia demonstra que no local dos Açores, nunca existiu qualquer continente.

Passados vários milhares de anos, o elemento humano chega a estas ilhas e encarrega-se de lhes modificar a paisagem natural, por necessidades de subsistência, numa fase inicial, e de aproveitamento económico, mais tarde.

1.1. A terra

«Várias circunstâncias – umas, de ordem geográfica; outras, de ordem histórica – podem explicar o ambiente em que se criou e desenvolveu uma população operosa, diferenciada no conjunto português, se não exagero nem deforme, pela sua predominante capacidade de adaptação.»

Vitorino Nemésio, “O Açoriano e os Açores”, *Sob os Signos de Agora*, Lisboa, IN-CM, 1995, p. 91

Localizados sobre a Dorsal Média Atlântica, os Açores espriam-se na direcção NO-SE¹¹ e fazem parte da área biogeográfica designada por Macaronésia (*makáron* = feliz, afortunado; *nesoi* = ilhas), onde constam, também, os arquipélagos da Madeira e das Ilhas Selvagens, Canárias e de Cabo Verde.

O arquipélago açoriano divide-se em três grupos: o Ocidental, constituído pelas ilhas das Flores e do Corvo; o Grupo Central, por Terceira, Graciosa, S. Jorge, Pico e Faial e o Grupo Oriental, por S. Miguel e Santa Maria. Com um clima oceânico, temperado e húmido, influenciado pela localização habitual do anticiclone que toma o seu nome, os Açores apresentam índices pluviométricos elevados, originando a formação de lagoas de razoável dimensão nas crateras dos antigos vulcões. A precipitação ocorre em todos os meses do ano verificando-se, no entanto, dois

¹¹ PORTILLO, Lorenzo (direcção geral), “Açores”, in *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, vol. I, Alfragide, Ediclube, 1996.

períodos distintos, concentrando os meses de Outubro a Março, aproximadamente, 75 % da precipitação total do ano¹². A temperatura do ar é, também, influenciada pela corrente quente do Golfo do México, facto que contribui para suavizar os Invernos (14° C de média) e os Verões (25° C). Como consequência destes factores, a pluviosidade, a humidade relativa do ar e as temperaturas amenas, a flora açoriana¹³ apresenta-se-nos muito exuberante, com bosques espessos de laurissilva (*laurus* = loureiro; *silva* = floresta, bosque) e esplendorosas pastagens. Contudo, esta floresta higrófila (ugros = húmido; filia = inclinação) tem vindo a ser substituída por outras espécies exóticas, não endémicas, como a criptoméria japónica, a araucária, as hortênsias e as azáleas.

Relativamente à fauna, quer pela distância em relação ao continente europeu e/ou americano, quer pela própria idade de formação do arquipélago, ela é bastante mais pobre, quando comparada com a flora. São apenas de salientar, na categoria da avifauna, o priôlo¹⁴, espécie nativa da ilha de S. Miguel, o milhafre, também conhecido por queimado ou águia-de-asa-redonda, o cagarro, o pombo da rocha, o garajau e a gaivota, os quais, não sendo espécies endémicas, pelo isolamento geográfico, se adaptaram às ilhas e, por isso, apresentam características morfológicas próprias, chegando a constituir-se como subespécies.

De natureza vulcânica, as ilhas apresentam evidentes vestígios desta acção telúrica. De uma maneira geral, o relevo dos Açores é bastante acidentado e vigoroso: quase todas as ilhas são percorridas, na direcção E-W, por montanhas com duas vertentes (norte e sul), semeadas de cones vulcânicos e retalhadas por grandes ravinas e vales estreitos e profundos por onde correm ribeiras tumultuosas. Os aspectos morfológicos das ilhas derivam dos tipos de erupção e do estado de erosão que sofreram. Há ilhas que assumem a forma simples de um cone (Corvo e Faial), enquanto outras se caracterizam por formas de associação entre diversos maciços vulcânicos ligados por plataformas com níveis de declive variáveis (S. Miguel) ou por formas eruptivas alinhadas ao longo de fendas (S. Jorge). Noutros casos verificam-se formas mistas.

¹² "Plano Regional da Água", Açores, Secretaria Regional do Ordenamento do Território e dos Recursos Hídricos.

¹³ BORGES, Paulo A. V. *et alii*. *Listagem da fauna e flora terrestres dos Açores*, Direcção Regional do Ambiente, Angra do Heroísmo, 2005.

¹⁴ RAMOS, Jaime A. e FRANCISCO, David, *O priôlo e a floresta natural de altitude*, 2ª ed., Nordeste, Câmara Municipal, 2005.

O encontro das terras com o mar dá-se frequentemente através de declives muito acentuados, sendo a agressividade das costas cortada apenas por algumas praias. A erosão, particularmente pela acção das vagas, tem talhado nas costas das ilhas arribas que atingem, nalguns casos, alturas consideráveis. Com os pequenos fragmentos da erosão que são transportados para o interior das baías, abrigadas por promontórios, formaram-se as praias existentes. A costa alta e escarpada dá, por vezes, lugar às “fajãs” que se formam entre as arribas e o mar, por acumulação, na base destas, dos sedimentos transportados pelos cursos de água. As fajãs são áreas cujo solo fértil constitui um importante atractivo à fixação das populações.

Os circunstancialismos atmosféricos, aliados à natureza vulcânica do solo, ao mar oceânico, eterno agente de sugestivas imagens do efémero e do indescritível, e ao jogo caprichoso das nuvens e dos ventos, têm contribuído para a convocação da veia impressionista do artista plástico, manifestada, por exemplo, por Raul Brandão, no périplo que realizou pelas ilhas açorianas, a propósito da ilha do Corvo:

«Pedra negra, areia negra e um mar esverdeado, que de Inverno assalta, vagalhão atrás de vagalhão, este grande rochedo a pique, com fragas caídas lá no fundo e que as águas corroem num ruído incessante de tragédia. Céu muito baixo, nuvens esbranquiçadas. Braveza, solidão e negrume.»¹⁵

Ou, mais adiante, já na ilha das Flores:

«Olho num espanto a volúpia do monte verde cortado por sebes azuis de hortenses, com uma grande nuvem cor de chumbo em cima; a falésia monstruosa em roxo e verde, a luz carregada de humidade com clarões esbranquiçados de nevoeiro, que alastram e se desfazem em névoa peneirada e fina...»¹⁶

1.2. O homem

De entre os arquipélagos atlânticos, os Açores foram os primeiros a verem esboçadas as primeiras tentativas de elaboração da sua historiografia, principalmente

¹⁵ BRANDÃO, Raul, *op. cit.*, p. 25.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 48.

com as *Saudades da Terra*, de Gaspar Frutuoso, no século XVI, e António Cordeiro, com a sua *História Insulana*, publicada em 1717¹⁷.

No entanto, o descobrimento ou achamento dos Açores permanece revestido de uma grande margem de contornos imprecisos e de uma atmosfera mítica, que o torna, simultaneamente, cativante de explorar e de difícil esclarecimento. Para além da tradição lendária, originária na Antiguidade Clássica, o mistério adensa-se, na Idade Média, com as referências, mais ou menos imaginosas, à ilha de S. Brandão, à ilha do Brasil, à das Sete Cidades, etc., e plasmadas nas cartas-portulanos¹⁸ da época.

A referência à chegada de povos mediterrânicos aos Açores, particularmente, à ilha do Corvo, onde teriam sido descobertas algumas moedas fenícias, carece de provas minimamente aceitáveis. O mesmo se pode dizer do pouco provável contacto dos nórdicos (vikings) com estas ilhas. Estaremos, pois, em presença de conjecturas, sem qualquer suporte documental válido e irrefutável. Assim,

«No actual estado da investigação histórica, em face dos testemunhos credíveis e das possibilidades técnicas conhecidas à época, tudo aponta para que as primeiras navegações na área atlântica do arquipélago dos Açores só tenham ocorrido no século XV e no quadro do trabalho desenvolvido pelos homens da Casa do infante D. Henrique.»¹⁹

A humanização da paisagem açoriana ter-se-á realizado a partir do decénio de 1440 e progredido, em lapsos de tempo mais ou menos alongados (tomando como referência que a descoberta da ilha de Santa Maria, a primeira a ser avistada pelos navegadores, ocorreu em 1427 e as ilhas das Flores e do Corvo, no Grupo Ocidental do arquipélago, aconteceu em 1452), de oriente para ocidente, à medida que foram sendo criadas as condições essenciais (após a largada de animais domésticos, que constitui um meio de averiguação da fertilidade da terra e cuja reprodução permitia o abastecimento dos povoadores, e o desbravamento da flora existente) à fixação dos povoadores.

«O povoamento dos Açores principia sob o impulso do 1º donatário, o infante D. Henrique, registando progressos no grupo oriental, sobretudo em Santa Maria, e incursões no centro do arquipélago, principalmente na Terceira. Depois, a colonização ainda experimenta avanços consideráveis, nomeadamente entre 1470 e 1483, agora

¹⁷ Cf. VV. AA., “Prefácio”, in *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*, vol. I, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, p. 9

¹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 49-50

¹⁹ *Idem, ibidem*, pp. 51-52

sob a direcção da infanta D. Beatriz, que promove o desenvolvimento de S. Miguel e a ocupação das ilhas do grupo central. Aliás, a acção da tutora dos donatários até serve possivelmente de exemplo ao alargamento da povoação às ilhas mais ocidentais, cuja relevância estratégica emerge em finais de Quatrocentos.»²⁰

1.2.1. As origens

Não fazendo parte do âmbito deste trabalho a dilucidação da data exacta da descoberta dos Açores, mantemos, todavia, presente que Gaspar Frutuoso a situa por volta de 1431²¹ e que Joaquim Veríssimo Serrão admite como muito provável que navegadores genoveses tenham arribado a estas ilhas, nas viagens atlânticas que realizaram, ainda no séc. XIV²². Contudo, acompanhamos a moderna historiografia que admite que o descobrimento dos Açores se verificou no ano de 1427, por Diogo de Silves, de nacionalidade portuguesa e que Frei Gonçalo Velho teria, depois, sido encarregado do respectivo povoamento. Refira-se, ainda, que só as sete ilhas que compõem os grupos Central e Oriental do arquipélago foram descobertas nesta viagem. As Ilhas do grupo Ocidental seriam descobertas em 1452, por Diogo de Teive.

A história açoriana inicia-se, então, verdadeiramente, no séc. XV, quando os primeiros navegadores-aventureiros arribaram a estas terras. Pela segunda metade de Quatrocentos, começam a fixar-se, sucessivamente, à medida que as navegações progrediam para Ocidente, «Durante o “Verão” (marítimo), mercadores e tratantes

²⁰ *Idem, ibidem*, p. 69

²¹ “Pelas informações e notícias que o Infante D. Henrique tinha d'estas ilhas dos AÇORES, (...) ou porque Deus lh'o inspirava para bem destes reinos, no ano do Senhor de 1431, reinando em Portugal el-rei D. João, de Boa Memória (...) tendo o dito infante em casa um nobre fidalgo e esforçado cavaleiro, chamado Frei Gonçalo Velho das Pias, comendador do Castelo de Almourol (...) o mandou descobrir destas Ilhas dos AÇORES a Ilha de Santa Maria e por ventura a de S. Miguel (...) o qual partiu no dito ano da vila de Sagres, e navegando com próspero vento para Ocidente, depois de passados alguns dias de navegação (...) teve vista de uns penedos (...) chamados agora todos Formigas (...)”. Cf. FRUTUOSO, Frutuoso, *Saudades da Terra*, Livro III, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998, p. 5.

²² “Não é de pôr em dúvida que houve viagens isoladas a uma ou mais ilhas dos AÇORES, pois os genoveses foram tentados pelo Atlântico ao longo do século XIV (...). Como já se referiu a propósito da Madeira, não se tratava de viagens científicas ou conducentes ao povoamento ou à exploração das ilhas. Nem sempre a ancoragem teve lugar, podendo suceder que os nautas se limitassem a encontrar terras de que tomavam conhecimento”. SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, II, Lisboa, Editorial Verbo, 1977, p. 145.

(indígenas e alógenos), mestres de navios e barqueiros, pescadores e mareantes colaboravam na construção e na representação mental (também cartográfica) do espaço. À sua acção vinha juntar-se, numa outra escala, o contributo da grande navegação (com relevo para a “*rota do Cabo*” e a “*carrera de Índias*”), além do trabalho de sapa dos «*corsários*» e dos técnicos da guerra naval. Deste modo, iam ficando as ilhas *atadas* umas às outras (no «*Inverno*» *despegavam-se*), já que acabou por se constituir um minúsculo *continente* (centrado em Angra) em relação com alguns *istmos* (como os portos da Horta, das Velas ou de Ponta Delgada) e estes, por sua vez, com as várias *ilhas de terra*.»²³

A proveniência destes primeiros açorianos vai sendo conhecida, à medida que proliferam os estudos da toponímia, da etnografia, da linguística e de outras ciências sociais, os quais nos permitem concluir que estes colonizadores seriam, de início, oriundos do sul do país – Algarve e Alentejo²⁴ – e, progressivamente, a área de recrutamento foi-se alargando ao restante território nacional. É de assinalar, também, a presença de flamengos, em particular nas ilhas do Faial e do Pico, e de castelhanos, devido ao domínio filipino, na ilha Terceira, em ambos os casos, deixando as suas marcas quer na toponímia, quer na antroponímia locais.

Numa paisagem onde predomina a braveza da natureza, marítima ou terrestre, é significativa a interpretação que Gaspar Frutuoso faz das primeiras reacções dos povoadores face aos fenómenos vulcânicos recorrentes:

“Onde (S. Miguel) morando os descobridores em suas cafuas de palha e feno, ouviram quase por espaço de um ano tamanho arrojido, bramidos e roncões, que a terra dava com grandes tremores, ainda procedido da subversão e fogo do pico que se sumiram dantes, que estando todos pasmados e medrosos, sobstantando a vida com muito trabalho, assentaram de se tornar para o reino, mas por falta de embarcação o não fizeram, por ser já tornado o navio em que haviam vindo”²⁵.

Sob uma atmosfera preferentemente nublada, embora amena, rodeadas de férteis pastagens e densas matas, estas gentes estabeleceram-se um pouco por toda a parte, preferindo fixar-se nos litorais das costas Sul, mais soalheiras, e dividindo a sua

²³ SANTOS, João Marinho dos, *Os Açores nos séculos XV e XVI*, vol. I, Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Secretaria Regional da Educação e Cultura, p. 11.

²⁴ VV. AA., *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*, vol. I, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 93-95

²⁵ Frutuoso, Gaspar, *Saudades da Terra*, Liv. IV, v. I, pp. 14/15.

actividade entre a terra e o mar, certamente mais àquela que a este, devido à sua quase indomabilidade na maior parte do ano. Gerou-se, deste modo, nestes primeiros tempos, um tipo de *organização tradicional* da sociedade, na qual a agricultura se mostrava altamente excedentária e as relações sociais se circunscreviam «aos quadros estreitos da família e da freguesia, afirmando-se o costume/tradição como o princípio regulador da organização típica das comunidades humanas»²⁶.

Aos poucos, esta estrutura societária foi-se diversificando, dando lugar à, natural, diferenciação entre produtores e comerciantes. Nas ilhas de maior atracção populacional, onde as extensões de terra arável foram progressivamente aumentando, verificou-se o crescimento e a diversificação dos bens agrícolas: inicialmente, os produtos cerealíferos; mais tarde, em sintonia com a viragem dos principais mercados europeus para as transacções comerciais com o Norte da Europa, particularmente com Bruges e Flandres, a exploração do pastel e do gado bovino, esta última, exigida «pela grande navegação transatlântica»²⁷.

Um acontecimento crucial, o Descobrimento do Caminho Marítimo para o Índico, viria a ter a maior repercussão nos Açores. As frotas convergem para as Ilhas e Angra passa a ser considerada escala obrigatória das naus da Índia. No porto desta cidade atlântica, fundeiam grandes esquadras para repouso de tripulações, aguada e reaprovisionamento de víveres, na sua viagem de regresso. Enquanto isso, estes comboios de navios abastecem-se dos produtos das Ilhas, dos vinhos do Pico, do Faial, de S. Jorge e também do excelente vinho da Madeira que os barcos daquela Ilha traziam, para levar em troca cereais, sobretudo trigo. Embarcava-se muito peixe seco, como medida de apoio às embarcações que demandam estas ilhas e, por isso, é amplamente solicitado pelos mareantes nacionais e estrangeiros.

Desenvolve-se, pois, um comércio interno e externo importante, concentrado pelas circunstâncias, no porto de Angra que, deste modo, em breve, se transforma no empório comercial das Ilhas, como afirma o cronista, Pe. António Cordeiro:

«(...) tinha muitos navios próprios, de alto bordo, com que comerciava com Portugal, com o Brasil, com Angola e Maranhão". Mercadores nacionais e estrangeiros estabeleciam-se nos Açores, alforjando grandes fortunas, pois como diz aquele autor, "... e alguns que entrando ali com um pão na mão, sem mais riqueza, chegaram por

²⁶ SANTOS, João Marinho dos, *ibidem*, p. 11.

²⁷ SANTOS, João Marinho dos, *ibidem*, p. 12

anos à sobredita excessiva pelas comissões de suas terras, pelas compras que fazem aos morgados da terra de seus trigos, e pelas letras de câmbio que lhes passam para Portugal (...) raramente se vê mercador ou contratador quebrado em esta Ilha...»²⁸.

Assim, por circunstâncias de ordem geográfica, económica e social se criou e desenvolveu uma população que, aos poucos, vai absorvendo e assimilando determinados traços identitários, tão peculiares e distintos daqueles dos seus meios de origem, e que, deste modo, a individualizam. Já Nemésio nos havia chamado a atenção para este carácter *sui generis* dos açorianos, ao sustentar que: «se observarmos *in loco* um natural dos Açores verdadeiramente típico (e já os vou mostrar carregados de destino islenho), teremos de concluir por um exemplar aproximado do português da segunda metade de Quatrocentos, introduzidos nele os coeficientes de correcção que o viveiro insular elaborou»²⁹.

1.2.2. Características

O tempo, a Natureza e as vicissitudes históricas encarregaram-se de moldar os habitantes insulares, tornando-os peculiares no modo de ser, de estar e interpretar o mundo. A impressão do “cárcere” e o fascínio do infinito, impõem-se como os dois pólos que conformam a matriz deste *modus vivendi* açórico. Por eles se manifesta a razão de viver e de morrer do homem açoriano, a de ficar e de partir, numa constante inquietação dialéctica entre a inércia e o sonho.

Na conferência proferida por Vitorino Nemésio, em Coimbra, intitulada “O Açoriano e os Açores”, pronunciada a 13 de Fevereiro de 1928, onde se pretendia dar a conhecer um pouco da realidade dos Açores, se bem que de uma maneira um pouco generalista e impressionista, embora plena de intuição, o eminente conferencista procede, movido por uma acutilante sensibilidade, a uma tipificação do homem

²⁸ CORDEIRO, Pe. António, *História Insulana*, 3ª edição, Angra do Heroísmo, SREC, 1981, p. 293

²⁹ NEMÉSIO, Vitorino, “O Açoriano e os Açores”, in *Sob os Signos de Agora*, Lisboa, IN-CM, 1995, p. 91.

açoriano e considera o micalense (o mais trabalhador, o mais introvertido e talvez mais rude nos tipos rurais), o terceirense (bem menos trabalhador, mais festeiro e convivente, com traços de certa manha rural), que agrupa com um tipo mais genérico de o açoriano das "ilhas de baixo", e o picaroto, que é uma subdivisão do grupo anterior, mas que lhe oferece traços muito distintivos, a ponto de o considerar a "nata do insulano" (homens do mar, homens de palavra, dando conta da vida com frontalidade e brio). Em *Mau Tempo no Canal*, há de novo a insinuação da excelência dos homens do Pico, prontos para o báculo ou para o leme de uma canoa da baleia. O Pico forneceu às altas hierarquias da Igreja vários nomes e celebrizou-se, também, pela pesca da baleia, com a sua gesta e até a sua literatura própria (caso das narrativas do escritor picoense Dias de Melo):

«Em verdade, continua Nemésio sobre o homem do Pico - nenhum açoriano se lhe avanteja na concepção séria da vida, temperada embora por uma ingenuidade que é o segredo do seu triunfo nas lides a que se entrega. (...) O picoense ou picaroto (esta designação é muito mais expressiva) trabalha na vinha e na horta, poda o pomar, vai à moenda com o seu taleigo de novidade, mas está sempre pronto para saltar à canoa à saga da baleia»³⁰.

A imagem que Nemésio guarda do picaroto é sobretudo essa postura heróica e simples dada pelo pescador de baleias que arrisca a vida e do risco faz o seu timbre de carácter. «E vê-lo então nessa vida admirável das campanhas (...), sóbrias como a campanha do pescador da Galileia, tiram ao mar o óleo do cachalote ou o ambar raríssimo da baleia»³¹.

Da alma rural à citadina, a psique do açoriano não fica por caracterizar: cidadão do mundo, como o próprio Nemésio; hospitaleiro por índole e por tradição; sempre pronto a acolher os seus convidados com o respeito pelos mais decorosos preceitos da arte de bem receber. É o que acontece, por tradição e orgulho narcisista, em Angra do Heroísmo, metaforicamente apelidada de «sala de morgados»³², ou, embora com menos detalhe, na Horta, esta com um espírito mais virado para a inovação, para o moderno, para o exercício do espírito são ou, por fim, se bem que de uma maneira

³⁰ NEMÉSIO, Vitorino, *ibidem*, p. 97

³¹ NEMÉSIO, Vitorino, *ibidem*, *loc. cit.*

³² NEMÉSIO, Vitorino, *ibidem*, p. 98.

mais sisuda, mais introvertida e desconfiada, em Ponta Delgada, o açoriano oferece aos seus convivas o melhor que tem, nos planos material e espiritual.

No entanto, o seu carácter indolente, porventura exacerbado pelos condicionalismos meteorológicos, «(...) a sua energia é como que abafada pela humidade atmosférica.»³³, não torna o habitante insular muito apto à participação activa no exercício da cidadania, particularmente naqueles domínios que mais exigem «(...) um certo esforço desinteressado e um relativo pendor para a luta dos sentimentos e das ideias. (...) Se, porém, procurarmos as verdadeiras razões desta falha, iremos achá-las na lei da sociabilidade açoriana. A pequena vizinhança é o seu tipo de agregação...»³⁴. Não admira, portanto, que evite o confronto de ideias, o conflito de interesses, que podem, eventualmente, pôr em causa o seu relacionamento com o vizinho. É claro que, como em tudo, há excepções e o exemplo de Antero de Quental, com a sua activa participação cívica e ideológica, impõe-se-nos de forma evidente.

Prontos também para a emigração, por disponibilidade, por necessidade, por amor ao risco, pelo apelo de um parente. Convém lembrar que devemos considerar três tipos de emigração nos Açores: uma emigração histórica (para o Brasil, mormente para as regiões de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em meados do século XVIII, uma emigração norte-americana e canadense (sobretudo a partir do final do século XIX e muito numerosa, a tal ponto que há mais açorianos e seus descendentes nos E.U.A. que nos Açores) e uma "emigração" Continental, i. é., uns milhares de açorianos e seus descendentes que, sobretudo por razões de carreira e estudos superiores, se fixaram no continente português.

³³ NEMÉSIO, Vitorino, *ibidem*, *loc. cit.*

³⁴ NEMÉSIO, Vitorino, *ibidem*, *loc. cit.*

2. Da consciência da insularidade ao conceito de açorianidade

«Provavelmente, são os poetas e os homens de letras os que melhor sabem captar o sentido profundo da alma açoriana.»

(Discurso do Presidente da República na Câmara Municipal de Ponta Delgada, 09/10/2007)³⁵

Entre 1880 e 1940, um conjunto significativo de intelectuais açorianos fazem publicar uma série de reflexões concorrentes para a afirmação de factos e argumentos susceptíveis de fundar os Açores como um espaço marcado pela peculiaridade e pela diferença. Tratando-se, embora, de estudos oriundos de áreas do conhecimento muito diversificadas³⁶, têm em comum as mesmas preocupações genéricas, as motivações e alguns dos pressupostos que dão corpo às suas teorias.

Em primeiro lugar, todos eles encaram a identidade açoriana pelos prismas da unidade e da diversidade. A afirmação dos Açores como um espaço unitário dá-se pela constatação de que a descontinuidade geográfica das ilhas provoca a diversidade das suas culturas locais e que, por essa razão, não existiria uma verdadeira «consciência açoriana»³⁷, mas que urgia incentivar e cimentar, particularmente, a partir do trabalho dos intelectuais e artistas³⁸. Quanto à diferença, ela tende a ser enunciada relativamente ao todo nacional, num processo marcado por um movimento de transformação da distância geográfica com uma dupla valoração: por um lado, essa distância é encarada “ressentidamente”, pois que se torna geradora de desvantagens e

³⁵ In Página Oficial da Presidência da República, <http://www.presidencia.pt>.

³⁶ Cf., por ex., Francisco Arruda Furtado (1854-1887), autodidacta naturalista; Aristides Moreira da Mota (1855-1942), político e advogado; Gervásio Lima (1876-1945), escritor e ensaísta; Luís da Silva Ribeiro (1882-1955), jurista, político, dedicado às questões de etnografia insular e Vitorino Nemésio (1901-1978), escritor, ensaísta e intelectual.

³⁷ CORDEIRO, Carlos, *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República*, Lisboa, Salamandra, 1999, pp. 242 e segs.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 247.

discriminações³⁹, mas, por outro, essa mesma distância, que separa o arquipélago do restante território nacional, teria proporcionado aos habitantes insulares a preservação da sua identidade mais genuína, mais original. Os açorianos tornam-se, então, nos fiéis depositários da antiga raça portuguesa, pois que não sofreram os efeitos de contaminação sócio-cultural a que estavam sujeitos os habitantes do continente.⁴⁰

Segundo o juízo crítico e, simultaneamente, intuicionista de Vitorino Nemésio, ao observarmos o açoriano actual, não podemos deixar de ver nele:

«...um exemplar aproximado do português da segunda metade de Quatrocentos, introduzidos nele os coeficientes de correcção que o viveiro insular elaborou. Daqui, pois, a necessidade de tomar em linha de conta um como que pré-açoriano que entronca em nobre e plebeu, contribuindo assim para enformar a população das ilhas dos seus elementos superiores de civilização...»⁴¹.

Outro aspecto comum a todos estes estudiosos será a argumentação em torno de uma específica “etnografia açoriana”, isto é, um conjunto de asserções de forte orientação etnocultural, na qual ocupam lugar relevante determinados conceitos e ideias sobre o povo, as suas raízes étnicas e a sua cultura. Complementarmente, as considerações sobre o modo de ser dos insulares colocam-nos no plano da psicologia étnica.

Em 1884, Arruda Furtado (1854-1887), naturalista micalense estabelecido em Lisboa, publica um estudo⁴² sobre o povo açoriano, particularmente o micalense, no qual, numa perspectiva darwinista⁴³, o autor se mostra convicto de que o facto de os açorianos em geral e dos micalenses em particular terem «sido separados do continente na chamada época gloriosa da história portuguesa, numa época em que (...) uma corrente de novas e grandes ideias circulava em todo o país» e serem «sequestrados inteiramente a essa corrente de pensamentos novos e abandonados

³⁹ CORDEIRO, Carlos, “Identidade e autonomia. Do discurso contestatário à afirmação identitária nos Açores”, in Boletim do Núcleo Cultural da Horta, Horta, nº 15, pp. 237-249.

⁴⁰ CORDEIRO, Carlos, “Identidade e autonomia. Do discurso contestatário à afirmação identitária nos Açores”, *op. cit.*, pp. 237-249.

⁴¹ NEMÉSIO, Vitorino, “O Açoriano e os Açores”, *Sob os Signos de Agora*, Lisboa, IN-CM, 1995, p. 91.

⁴² LEAL, João, “Açorianidade: Literatura, Política, Etnografia (1880-1940)”, in *Etnográfica*, Lisboa, vol.1, 1997.

⁴³ MATOS, Manuel Cadafaz de, *Arruda Furtado, Correspondente de Darwin*, Lisboa, IN-CM, 1986.

para aqui», teria tido consequências negativas sobre a cultura dos açorianos.

Abordando o “estado psicológico actual” do camponês micaelense, conclui o autor:

«Estamos em face de um povo sem instrução, com os sentimentos mais grosseiros, servindo nos seus quatro séculos de existência a uma completa exploração. Encontrando facilmente na cultura rotineira do solo os recursos de que carecem e uma emigração fácil no caso contrário, nada os obriga a desenvolver a sua inteligência curta, e são, para o encobrir, excessivamente manhosos, condição que acusam imediatamente no falar ronco, mastigado, e respondendo sempre vagamente ao que se lhes pergunta»⁴⁴.

Nesta perspectiva, a diferença dos povos açorianos em relação a Portugal continental seria um motivo de forte consternação, ao contrário do que sugere muita da literatura publicada em defesa da autonomia dos Açores e da sua cultura específica, a qual, como vimos, anterior ao século XIX.

Os discursos doutrinários inseridos no processo de contestação político-administrativa, hoje conhecido como “primeiro movimento autonomista açoriano”, levado a cabo, especialmente, na ilha de S. Miguel e ligado a personalidades como Aristides da Mota (1855-1942) e Mont’Alverne Sequeira (1859-1931)⁴⁵, expressaram, a partir dos anos 90 do século XIX, o descontentamento em relação à situação económica e político-administrativa que então se fazia sentir, no arquipélago.

Embora de maneira algo incipiente e subsidiária das causas maiores – a transferência de mais poderes para as autoridades locais, a redução da carga fiscal e o incremento do investimento na economia insular, a que o poder central oferecia resistência⁴⁶ - o tema da identidade açoriana é tratado sob pontos de vista etnogenealógicos e da psicologia étnica:

«a acção do clima, do insulamento, das relações com povos de outras raças, especialmente devidas à emigração, e por isso muito impressivas, têm dado à população açoriana, que já originariamente provém de diversas nacionalidades (alusão a uma suposta influência bretã na cultura micaelense, já abordada por Arruda Furtado, e à presença de colonos flamengos, nas ilhas do Grupo Central), hábitos de vida material e moral, um modo de ser da consciência individual e colectiva, sensivelmente diferentes dos da população portuguesa continental»⁴⁷.

⁴⁴ FURTADO, Arruda, *Materiaes para o Estudo Anthropológico dos Povos Açorianos. O Povo Michaelense*, Ponta Delgada, Typ. Popular, 1884, p. 43.

⁴⁵ Cf. SEQUEIRA, Montalverne de, *Correspondência (1881-1930)*, Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores, 1980.

⁴⁶ CORDEIRO, Carlos, *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República*, Lisboa, Salamandra, 1999, pp. 23 e segs.

⁴⁷ MOTTA, Aristides da, “Projecto de lei apresentado à Câmara dos Srs. Deputados na sessão de 31 de Março de 1892”, in *A Autonomia dos Açores na Legislação Portuguesa 1892-1947*, org. pref. e notas de LEITE, José Reis, Horta, Assembleia Regional dos Açores, 1987.

Esta consciência identitária não está, porém, enraizada nos discursos das elites intelectuais da época, o que provoca o lamento de Armando da Silva, em 1896:

«Porque não cantam os poetas açorianos as paisagens das suas terras encantadoras, o mar que bate e geme ao longo de todas essas abruptas costas? (...) Sejam os poetas açorianos, em vez de *pasticheurs* sem imaginação nem originalidade, poetas dos Açores. Serão maiores desse feitio, apesar do Arquipélago ser muito pequeno»⁴⁸.

Se o regionalismo aqui patente assumia posições mais exclusivas que inclusivas, isto é, tendencialmente separatistas, esta posição tende a radicalizar-se, no segundo movimento autonomista, uma vez mais, com forte expressão na ilha de S. Miguel e uma quase completa indiferença nas restantes ilhas. No auge deste movimento, entre 1921 e 1925, são publicados uma série de artigos, no *Diário dos Açores*, de Ponta Delgada, onde se focam temas como a assistência, a saúde e higiene públicas, administração da justiça, a instrução pública, em tom crítico e censurador da actuação do governo central. Pretendia-se um sistema administrativo que permitisse a aplicação das receitas públicas geradas nos Açores em benefício das próprias ilhas, o aligeiramento dos entraves burocráticos, a diferenciação das leis a serem aplicadas nos Açores, o alargamento das competências dos órgãos da administração açoriana⁴⁹.

É neste ambiente de vontades contestatárias e separatistas que surgem alguns dos mais importantes escritos do terceirense Luís da Silva Ribeiro, considerado o etnólogo por excelência dos Açores, mas também com importantes ensaios e artigos versando outras áreas do saber, como a História e a Política. Esta eminente figura angrense espelha bem o distanciamento e as reservas que as restantes ilhas açorianas consagravam às pretensões das elites micalenses. Numa conferência proferida na Associação de Classe dos Empregados de Comércio de Angra do Heroísmo, em 1919, intitulada “Os Açores de Portugal”, afirma Luís da Silva Ribeiro:

«Pensando sobre a independência açoriana por modo diverso de muitos dos meus patrícios e estando convencido de que o meu modo de pensar é verdadeiro, julgo um dever não o ocultar ou não limitar o seu conhecimento ao número restrito dos (...) ouvintes da conferência; e porque não quero que passe sem o protesto de um

⁴⁸ In CORDEIRO, Carlos, *op. cit.*, p. 25.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, pp. 316 e seguintes.

açoriano português o que se diz acerca da nossa independência e do papel que alguns nela pretendem confiar aos Estados Unidos da América»⁵⁰.

Clarificada, pois, a posição relativamente às pretensões micalenses, este ilustre terceirense, considerado, por muitos, uma das figuras cimeiras da cultura açoriana do século XX⁵¹, vai tratar da especificidade açoriana, enquadrada na sua dimensão portuguesa, conferindo aos temas da etnogenealogia e da psicologia étnica um lugar central. Ao contrário dos autores vistos anteriormente, Luís Ribeiro encara a especificidade do açoriano como o resultado do português da época heróica dos Descobrimentos, modelado pela geografia física, pelas especificidades climáticas e pelo circunstancialismo geológico a que tem estado sujeito ao longo da sua permanência no arquipélago. Assim, ao invés de um tal distanciamento “ressentido”, a que faziam alusão Arruda Furtado e, mais tarde, alguns dos ideólogos autonomistas, na teorização ribeiriana, os habitantes açóricos surgem-nos como os herdeiros do que de melhor tinha o português de Quatrocentos, tornando-os, portanto, “mais e melhores portugueses”⁵².

A questão da identidade açoriana, numa perspectiva etnogenealógica e da psicologia étnica, terá continuidade em Vitorino Nemésio, na palestra “O Açoriano e os Açores”⁵³.

Em 1932, era publicado o curto ensaio “Açorianidade”, na revista *Ínsula*, de Ponta Delgada. Aí, os Açores são novamente definidos como «um corpo autónomo de terras portuguesas, um autêntico viveiro de lusitanidade quatrocentista»⁵⁴ e, indirectamente retomando a sua tripla divisão do açoriano, em “micalense”, o “das ilhas de baixo” e o “picaroto”⁵⁵, complementa essa caracterização de conjunto das particularidades da psicologia insular condicionada pelas condicionantes geográficas,

⁵⁰ RIBEIRO, Luís da Silva, “Os Açores de Portugal”, *Obras II. História*, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira – Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983.

⁵¹ VV.AA., *In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1982.

⁵² RIBEIRO, Luís da Silva, *op. cit.*

⁵³ Cf. *Infra*, 1.2.2.

⁵⁴ In ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983, pp. 32-33.

⁵⁵ NEMÉSIO, Vitorino, “O Açoriano e os Açores”, *Sob os Signos de Agora*, Lisboa, IN-CM, 1995, pp. 94-97.

afirmando que: «A geografia vale outro tanto que a história...»⁵⁶. Neste ensaio, reafirma-se que factores como o isolamento, «a embriaguez do isolamento», a proximidade do mar, a penetração da alma pelo clima e pela terra vulcânica, poderosos, tornam-se condicionantes desta especificidade da psicologia colectiva açoriana⁵⁷.

Estes dois textos nemesianos serão mais detalhadamente complementados, em 1936, por Luís da Silva Ribeiro, numa série de artigos intitulados *Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade* e dados à estampa no jornal *Correio dos Açores*, de Ponta Delgada, posteriormente coligidos em volume⁵⁸.

Reconhecendo os princípios teóricos de que partiu Nemésio, o ensaio começa por reiterar a origem basicamente portuguesa da população do arquipélago, ainda que faça referência a elementos étnicos estrangeiros, particularmente o flamengo, como, aliás, já o fizera Vitorino Nemésio, em *O Açoriano e os Açores*, e à pretensa influência bretã no povoamento de S. Miguel, já aventada por Arruda Furtado, se bem que, esta última, não mereça da parte de Luís Ribeiro grande credibilidade⁵⁹. Porém, o grande objectivo dos *Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade* é o de proceder à sistematização das particularidades da psicologia étnica açoriana. Para isso, Luís Ribeiro retoma, e amplia, o ponto de vista geográfico de Nemésio. Como é referido no início do ensaio, o autor procurou fixar o que lhe pareceu:

«Mais característico no meio açoriano – o vulcanismo, a presença constante do mar, a insularidade ou isolamento do resto do mundo, a humidade do ar, a nebulosidade do céu, a temperatura oscilante entre estreitos limites, a pressão atmosférica, os vendavais e tempestades, a diferença entre as ilhas e o continente pelo que respeita às condições geográficas e da paisagem...»⁶⁰

A partir daí, pretendia:

«Verificar quais as qualidades morais comuns a todos os ilhéus (...) e ver até que ponto estas qualidades morais e a sua feição própria eram consequência das condições mesológicas ou, pelo menos, quais as possíveis relações entre umas e outras»⁶¹.

⁵⁶ In ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *op. cit.*, p. 34.

⁵⁷ *Idem, ibidem*.

⁵⁸ RIBEIRO, Luís da Silva, *Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.

⁵⁹ *Idem, ibidem*, pp. 17-21.

⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 15.

⁶¹ *Idem, ibidem*, pp. 15-16.

Nesta procura de correspondência entre “condições mesológicas” e “qualidades morais”, Luís Ribeiro descobre que a psique insular foi moldada por factores físicos, como o vulcanismo, a presença constante e eterna do mar, a humidade, a nebulosidade. Estes elementos, conjugados com o distanciamento geográfico em relação aos continentes europeu e americano, haveriam de contribuir para fazer do açoriano um ser profundamente religioso, com um espírito submisso e um modo de agir indolente, mas com enorme espírito satírico.

Este ensaio de Luís da Silva Ribeiro, bem como outros que se lhe seguiram⁶², apresenta-se particularmente importante pelo modo como torna presentes as manifestações da cultura popular açoriana, enquanto manifestações concretas dessas “qualidades morais”. Ou seja:

«Não se trata apenas de estabelecer a influência que a geografia tem na formação do carácter étnico açoriano e de o sistematizar a esta luz, trata-se também de proceder ao levantamento, na cultura popular açoriana, dos objectos etnográficos susceptíveis de ilustrarem essa especificidade etnocultural.»⁶³

Os quatro ensaios referenciados: *Os Açores de Portugal* (1919), de Luís Ribeiro, *O Açoriano e os Açores* (1928) e *Açorianidade* (1932), de Vitorino Nemésio e *Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade* (1936), de Luís Ribeiro, instituem-se como os documentos teóricos mais relevantes neste processo de elaboração, e explanação, de um rosto identitário açoriano, que já tem nome, “açorianidade”, mas que, progressiva e continuamente, vai ganhando forma, em particular, a partir dos anos sessenta e setenta do século XX, pelas comunicações apresentadas nas sucessivas Semanas de Estudo dos Açores.

Mais recentemente, a partir de finais dos anos setenta e até 1995, o discurso identitário açoriano tem vindo a enriquecer-se, através dos estudos apresentados sobre as mais variadas áreas do saber: da política à sociologia, da história à economia, da literatura académica à cultura e literatura populares, nos Congressos de Comunidades Açorianas⁶⁴, realizados nas três principais cidades do arquipélago.

⁶² Cf., “O Mar no Cancioneiro Popular dos Açores” (1940), “A Saudade na Poesia Popular Açoriana” (1953) ou “A Propósito de Uma Canção Popular Terceirense – As Velhas” (1946).

⁶³ LEAL, João, *op. cit.*, p. 207.

⁶⁴ I Congresso de Comunidades Açorianas, Angra do Heroísmo, 1978; II Congresso de Comunidades Açorianas, Angra do Heroísmo, 1986; III Congresso..., Ponta Delgada, 1991; IV Congresso..., Horta, 1995

Entretanto, a partir de 2006, começaram a realizar-se, em S. Miguel, os Encontros Açorianos da Lusofonia⁶⁵, inspirados nos Colóquios Anuais da Lusofonia. Os objectivos, de acordo com os organizadores, são:

«Manter, anualmente, um fluxo de personalidades (incluindo autores e escritores, expatriados ou não, nas Américas e no Resto do Mundo) para que, conjuntamente com os que vivem nestas nove ilhas e no continente, debatam a permanência lusófona nos quatro cantos do mundo. Deste intercâmbio de experiências entre açorianos (residentes ou expatriados) e todos aqueles que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística e à história dos Açores, podemos aspirar a tornar mais conhecida a identidade lusófona açoriana. O desconhecimento, a nível do Continente e do resto do mundo, da nossa realidade insular combate-se levando a cabo iniciativas como estes Encontros, que visam igualmente divulgar o nome dos Açores e a sua presença no seio de uma Lusofonia alargada com mais de duzentos milhões. Deste modo, pretendemos aproximar povos e culturas no seio da grande nação dos lusofalantes, independentemente da sua nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência, todos unidos pelo facto de falarmos uma mesma língua.»⁶⁶

Conseguindo reunir um número alargado de congressistas, das mais diversas áreas do saber, estes Encontros Açorianos da Lusofonia pugnam, ainda, por:

«contribuir para o levantamento de factores exógenos e endógenos que permeiam essa açorianidade lusófona e criativamente questionar a influência que os factores da insularidade e do isolamento tiveram na preservação do carácter açoriano. Trata-se de debater a problemática da língua portuguesa no mundo, em articulação com outras comunidades culturais, históricas e linguísticas lusófonas como agentes fundamentais de mudança.»⁶⁷

3. A questão da literatura açoriana revisitada

Após os estudos críticos de Luís da Silva Ribeiro e de Vitorino Nemésio⁶⁸, já anteriormente citados, onde se procurou explicitar, de forma mais ou menos sistematizada, o conceito de açorianidade e descrever o perfil específico do modo de ser e de agir das gentes açóricas, muitos outros trabalhos, académicos ou de simples

⁶⁵ 1º Encontro Açoriano da Lusofonia, Ribeira Grande, 05-07 de Maio de 2006; 2º Encontro..., Ribeira Grande, 04-06 de Maio de 2007; 3º Encontro..., Lagoa, 08-11 de Maio de 2008

⁶⁶ Cf. Nota de Abertura (Intro), in <http://lusofoniaazores2008.com.sapo.pt/intro.htm>

⁶⁷ Idem, *ibidem*

⁶⁸ RIBEIRO, Luís da Silva, *Os Açores de Portugal* (1919) e *Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade* (1936); NEMÉSIO, Vitorino, *O Açoriano e os Açores* (1928) e *Açorianidade* (1932).

opinião, de diversos autores, procuraram precisar e ampliar o âmbito de discussão desta temática.

A importância do espaço insular, enquanto elemento modelador de mentalidade, de vivências e de costumes, tem surgido, entre os teóricos da açorianidade e da afirmação de uma expressão literária açoriana com temáticas, formas e matizes característicos e singulares, com uma incidência basilar e incontornável. Em 1965, José Enes, dissertando sobre a importância vital da consciência do lugar, da ligação umbilical à terra que nos viu nascer, como pressuposto essencial para a determinação das potencialidades humanas e existenciais próprias, afirma:

«Quando um homem consegue dar ao complexo de factores geográficos e étnicos, em cujo enquadramento se fixou a evolução da sua existência, a funcionalidade visiva de uma parte do mundo ou do mundo todo, desempenha a função de órgão consciencializador das coordenadas históricas da colectividade a que pertence. Este fenómeno está na base do comportamento com que os povos tomam as iniciativas que determinam os rumos da história decidindo as formas de civilização. Daqui resulta a importância que assume para a vida de um povo o pensamento de auto-consciencialização filosófica do seu itinerários e das suas potencialidades.»⁶⁹

Mais recentemente, em 1982, João de Melo lamenta uma certa ausência de consciência da realidade açoriana em alguns autores insulares, pois que na escrita destes «ou o tratamento literário das situações por eles reveladas abstrai do espaço e do tempo açorianos, ou esse espaço é tão incharacterístico que chega a ser evasão cultural»⁷⁰.

Esta emergência da importância do espaço enquanto elemento modelador de uma inequívoca concepção da realidade, neste particular, a mundividência insular, está claramente explicitada no pensamento de Eduardo Lourenço, quando afirma:

«Eu sei – e se o não soubesse a realidade histórica e mítica do arquipélago mo lembraria – que não estou precisamente em Viana do Castelo nem em Bragança que não são definidas na Constituição como regiões autónomas (e que o fossem...) mas *nos Açores*, território e realidade singular no espaço de raiz e invenção portuguesas a que nos séculos, a distância e os homens imprimem uma *identidade* particular.

(...)

Só o caso dos Açores me parece representar a forma mais pura do *autonomismo*, quer dizer, de um estatuto à parte no conjunto nacional, fundado num sentimento de

⁶⁹ ENES, José, “A Integração do Açoriano no Mundo Actual”, in *Livro da III Semana de Estudos dos Açores*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1965, p. 313.

⁷⁰ MELO, João de, “Há ou não uma Literatura Açoriana”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983.

diferença de estrutura positiva e não meramente *ressentida*, diferença que existe e deve ser preservada nos termos que são os seus, mas não exacerbada, nem na ordem política, nem na cultura.

(...)

A questão entre Portugal e os Açores é uma questão de *conhecimento*, de mútuo *reconhecimento*. Esse reconhecimento mútuo e necessário é urgente para que uns e outros não deliremos sobre puros fantasmas.»⁷¹

Em conferência pronunciada na “II Semana de Etnologia do Atlântico”, Adelaide Batista⁷², partindo do conceito de “identidade” e de “unidade”, termos já explicitados por Northrop Frye⁷³, entende por “identidade açoriana” a «consciência vital e dinâmica que se tece da constante tensão entre “identidade” e “unidade”, ou seja, entre o sentido de um imaginário e cultura próprios, locais e o sentido político da unidade nacional»⁷⁴.

Deste modo, de acordo com esta investigadora açoriana, o espaço:

«(...) possui papel marcante no modo de ser-e-estar-no-mundo das pessoas; condiciona as mentalidades, o clima psicológico, a cultura e a vida social das populações. (...) Por isso se torna capital, primeiro, a aceitação de um espaço que se impõe pela sua especificidade, ou, por outras palavras, a existência de uma “realidade açoriana”, para depois se prosseguir numa profunda tomada de consciência da mesma, consciência essa que contribuirá para clarificar a nossa cultura, preparando-a para outras e sucessivas manifestações de si própria.»⁷⁵

Parece-nos, pois, facto assente que os Açores se constituem como uma região única, com particularidades muito próprias e modos de pensar, igualmente, característicos. Na verdade, o vulcanismo, a insularidade ou isolamento, a humidade do ar, a nebulosidade do céu, o devir histórico, originaram uma série de traços distintivos (a religiosidade profunda, o espírito de submissão, a adaptabilidade às circunstâncias e aos meios, a indolência, a imaginação criadora, o sentido da perfeição

⁷¹ LOURENÇO, Eduardo, “Da Autonomia como questão cultural”, in *A Autonomia Como Fenómeno Cultural e Político*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1987, pp. 52, 56-57, 60-61.

⁷² BATISTA, Adelaide, “Identidade e Espírito do Lugar”, in *João de Melo e a Literatura Açoriana*, Lisboa, Dom Quixote, 1993.

⁷³ FRYE, Northrop, *The Bush Garden. Essays on the Canadian Imagination*, Canada, Hunter Rose Comp., 1971. Para este crítico literário canadense, a consciência de “unidade” assenta num sentimento nacional de cariz fundamentalmente político; a noção de “identidade”, por sua vez, prende-se essencialmente com questões do âmbito da cultura e do imaginário. Estes dois conceitos estão indissolúvelmente associados quando pretendemos abordar a questão da “identidade”, seja ela a de um povo, de um grupo ou, apenas, a de um indivíduo.

⁷⁴ BATISTA, Adelaide, *op. cit.*, p. 82.

⁷⁵ BATISTA, Adelaide, *op. cit.*, pp. 84-85.

e do pormenor, o espírito satírico e certo grau de saudosismo)⁷⁶ que distinguem o açoriano dos restantes habitantes da lusa pátria.

E quanto à Literatura? Porque há-de, esta, ser indiferente a estes condicionantes geográficos, sociológicos, históricos, culturais?

Acompanhando o raciocínio de Vamberto de Freitas, também somos daqueles que acreditam que:

«A ficção açoriana actual é uma inigualável fonte de história social comum a nós (açorianos) todos, e que, nestes dias de grande confusão política e cultural em todo o mundo, é-nos indispensável a um mais aprofundado entendimento de quem somos e como somos.»⁷⁷

Nesta perspectiva, a Literatura transforma-se em elemento essencial para a afirmação de uma identidade específica e concorre, a par com os elementos condicionantes apresentados, em particular, por Luís Ribeiro e Vitorino Nemésio, para a definição da açorianidade, expressa ou latente. Na expressão literária dos autores açorianos, ou “açorianizados”, se entretece, enquanto espaço aberto e dialogante, a alma de um povo e de uma região. Embora funcionando como para-realidade, a literatura açoriana acciona, através de uma perspectiva distanciada e, por vezes, difusa das coisas, uma consciência plena do meio envolvente e, então, também ela se torna, para além de artifício estético, uma referência sócio-histórica, uma fonte onde podemos descobrir o que nos define e o que nos dá uma personalidade singular. Sabemos, no entanto, que a questão da literatura açoriana serviu, em momentos de grande tensão social, outros fins, que não propriamente os da criação e divulgação literárias em si mesmas.

Recorde-se, a propósito, a publicação da *Antologia da Poesia Açoriana do século XVIII a 1975*⁷⁸, da responsabilidade do poeta, crítico literário e ensaísta florentino, Pedro da Silveira, e em cujo Prefácio se tecem várias considerações em defesa da existência da literatura açoriana, ao mesmo tempo que se responsabilizam determinados grupos literários nacionais por uma certa resistência quanto à

⁷⁶ Cf. RIBEIRO, Luís da Silva, *Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1964.

⁷⁷ FREITAS, Vamberto, *O Imaginário dos Escritores Açorianos*, Lisboa, Edições Salamandra, 1992, p. 242.

⁷⁸ SILVEIRA, Pedro, *Antologia da Poesia Açoriana do século XVIII a 1975*, Lisboa, Sá da Costa, 1977.

autonomização desta literatura pensada e gerada nos Açores, ou relativa a este arquipélago e às suas gentes. Demonstrando a vitalidade e a qualidade da produção literária açoriana, este texto de Pedro da Silveira rapidamente foi visto como uma manifestação da adesão do seu autor ao movimento separatista que, no tempo da sua publicação, procurava exacerbar os ânimos dos açorianos contra um pretenso domínio “colonialista” do Continente sobre o arquipélago.

Se bem que o termo “colonialista” apareça referido por Pedro da Silveira, neste Prefácio, parece-nos que o seu uso, não possuindo uma finalidade política em si mesma, procura apenas caracterizar um certo estado de domínio e de influência de valores, motivos temáticos e estético-literários nacionais sobre uma específica realidade regional, neste caso, insular. Por isso, não admira uma evidente aversão e, até, alguma acrimónia, relativamente às convicções silveirianas da legitimidade da afirmação da Literatura Açoriana.

O próprio Pedro da Silveira nos esclarece, no mesmo Prefácio: «Já deixei notado que o separatismo (entendido como corrente que preconizava a independência total dos Açores) não produziu nenhuma doutrina normativa de literatura, isto é, sobre o que deveria ser a literatura açoriana». Afinal, a real intenção do autor não foi mais do que mostrar à sociedade que nos Açores se vem desenvolvendo uma forma de expressão literária a qual, pelas suas características singulares, merece autonomizar-se, relativamente à Literatura Portuguesa, isto é, a literatura açoriana «apenas precisa (...) de sair do “guetto” que lhe tem sido a sina, de ser mais bem conhecida»⁷⁹.

No julgamento crítico de Pedro da Silveira, o que estava em causa seria a aceitação, de facto, de que os escritores açorianos vinham sendo responsáveis pela criação de uma escrita que se diferenciava da de outros autores de língua portuguesa. É que, nesta literatura açoriana, são visíveis as especificidades que identificam o açoriano como um ser moldado por fenómenos atmosféricos, telúricos e sociológicos e que, por consequência, originaram vivências e comportamentos particulares, consolidados ao longo dos séculos e exacerbados pelo enclausuramento ilhéu.

⁷⁹ SILVEIRA, Pedro, Prefácio a *Antologia da Poesia Açoriana do século XVIII a 1975*, Lisboa, Sá da Costa, 1977.

O ideário de Pedro da Silveira vem exercendo, desde muito cedo, uma forte influência entre aqueles que tiveram oportunidade de contactar com o próprio poeta ou com a sua obra⁸⁰. Mas, seria entre a designada “Geração Glacial”⁸¹ que este crítico florentino exerceria um maior impacto. Segundo o testemunho de Onésimo Teotónio de Almeida:

«Todos quantos se interessaram verdadeiramente pelos Açores como espaço cultural com uma marca identitária forte, tiveram sempre, directa ou indirectamente, Pedro da Silveira como referência importante, mesmo quando para dele se demarcarem. A crítica literária, os estudos sobre a açorianidade, que então começaram a proliferar dentro e fora do arquipélago, passaram infalivelmente a citar poemas seus ou a inscrevê-los como epígrafe de ensaios, ao lado de outras de Vitorino Nemésio e do simbolista Roberto de Mesquita, este também florentino, descoberto postumamente por Nemésio e posto a circular pelo próprio Pedro da Silveira (o seu *Almas Cativas* saiu na Ática em 1974, coordenado por Pedro da Silveira, com prefácio de Jacinto do Prado Coelho e comentários de Marcelino Lima). Vejam-se os escritos de José Enes, José Martins Garcia, Luís de Miranda Rocha, Eduíno de Jesus, Vamberto Freitas, Adelaide Baptista, Álamo Oliveira, Carlos Faria, Urbano Bettencourt, Maria Teresa Marques, Victor Rui Soares, Frank Fagundes, Diniz Borges, Lisa Godinho, Luiz António Assis Brasil e seus estudantes no Rio Grande do Sul, no Brasil, as teses que por aqui e por ali foram surgindo e – por que não mencionar? – os meus próprios escritos.»⁸²

As vicissitudes da vida, o apelo diaspórico, haveriam de dispersar a “Geração Glacial” pelos quatro cantos do mundo, mas, a uni-los, estará sempre o mesmo apego à terra que os viu nascer e aos valores que lhes foram conformando o carácter. Entretanto, a crítica literária, bem como os estudos sobre a açorianidade, começam a proliferar dentro e fora do arquipélago, particularmente, depois que a literatura açoriana atinge os páramos universitários.

Assim é, após a criação da Universidade dos Açores, pois que esta se torna no principal pólo irradiador, e instigador, da criação e divulgação da literatura e crítica literária açorianas, através de autores como Machado Pires, Martins Garcia, Adelaide Batista⁸³, Urbano Bettencourt⁸⁴, entre outros.

José Martins Garcia, romancista, contista e poeta, dramaturgo, ensaísta e crítico, advertindo para o vício de alguns defensores da literatura açoriana em entendê-la como a expressão de uma cultura específica e que, portanto, permitiria

⁸⁰ Cf. Artigos de homenagem a Pedro da Silveira, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, nº 15, 2006.

⁸¹ Para um breve resenha histórica, ver MELO, João de, “A produção literária açoriana nos últimos dez anos (1968-1978)”, in *Revista Colóquio/Letras*, n.º 50, Jul. 1979, pp. 43-54.

⁸² ALMEIDA, Onésimo Teotónio, “Pedro da Silveira: uma homenagem em três andamentos”, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, nº 15, 2006.

⁸³ BATISTA, Adelaide Monteiro, *João de Melo e a Literatura Açoriana*, Lisboa, Dom Quixote, 1993.

⁸⁴ BETTENCOURT, Urbano, *O gosto das palavras*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983.

àquela autonomizar-se, defende, por outra via, que «a literatura dum comunidade é um corpus verbal determinado por uma exigência de qualidade estética.»⁸⁵ e que, portanto, se deve afirmar pelo seu valor estético, não por exprimir, simplesmente, um *modus vivendi* local e/ou regional. Preocupando-se em fazer a distinção entre “literatura popular” e “literatura de autor”, o crítico picoense conclui que a literatura açoriana não pode resumir-se a um espaço geográfico, porque isso seria condená-la a fronteiras exíguas, que a própria produção literária insular se encarregou de desmentir⁸⁶, nem «a valorização dos nossos usos e costumes, a atenção prestada às nossas manifestações culturais, o descritivismo empírico da etnografia e do folclore não podem colidir com as realizações e aspirações da literatura açoriana.»⁸⁷, porque nem a Etnografia nem a Antropologia podem, por si sós, emitir, legitimamente, juízos de valor sobre a Literatura – para este, existem a Semiótica, a Linguística, a Teoria da Literatura, e outras afins. Considerando que a literatura açoriana deixou de ater-se às normas restritivas de um regionalismo limitativo e castrador, Martins Garcia entende que esta, ao invés, se afirma «pelo *modo* como os escritores açorianos (dentro ou fora dos Açores; nascidos nos Açores ou algures) tratam o material que esteia as suas obras»⁸⁸.

Assim, o *modo*, ou *forma específica* de elaboração das obras, é que trazem especificidade e originalidade à literatura gerada nos Açores, ou sobre eles debruçada. Tomando como referencial literário os exemplos de Roberto de Mesquita e de Vitorino Nemésio, Martins Garcia descobre, na escrita destes, um sentimento de “perdição da ilha” e a conseqüente formulação de uma “Ilha mítica”, existente no íntimo de cada escritor açoriano. Este sintoma de constante inquietação, de angústia, será exacerbado, durante a escrita literária, por fenómenos sociológicos como a diáspora e a guerra colonial, aos quais a literatura açoriana, amplamente, se referencia. Relançando um olhar sobre *Pedras Negras*, de Dias de Melo, o crítico reconhece “A

⁸⁵ GARCIA, José Martins, “Ainda a Questão da Literatura Açoriana”, in *Para uma Literatura Açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.

⁸⁶ Cf, por exemplo, a literatura produzida nos círculos da emigração na América do Norte; a literatura de temática da guerra colonial ou da emigração; a literatura de autores não açorianos, mas relativa aos Açores, ou às suas gentes.

⁸⁷ GARCIA, José Martins, “Actualidade da Literatura Açoriana”, in *Para uma Literatura Açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987.

⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 114.

partida, a conquista duma parcela da «abundância» americana, o regresso, a perdição de quanto fora alcançado conferem ao protagonista (Francisco Marroco) a dimensão de vítima da fatalidade insular” e que:

«Subjacente a esta visão pessimista, podemos, no entanto, descortinar algo mais: a hostilidade do meio para com os nativos, a ideia de que a adversidade que os fez partir é a mesma adversidade que os despoja dos haveres e do sentido da vida quando eles regressam às origens. Uma ilha perdida – diríamos – nunca mais se reencontra.»⁸⁹

Relativamente aos efeitos da guerra colonial⁹⁰, para a qual foi convocado, proporcionalmente, o maior contingente das tropas portuguesas que iam lutar em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, em defesa do anacrónico projecto colonial de Salazar, elucida-nos, suficientemente, o espírito arguto de Martins Garcia:

«Poder-se-á perguntar se um fenómeno tão passageiro como uma guerra com a duração duns catorze anos será assim tão importante no âmbito da literatura açoriana. Responderei que essa guerra adquiriu vasta repercussão na tomada de consciência duma condição: a de que a nossa periclitância insulada mais periclitante se tornava quando nos sentíamos joguetes de forças que não tínhamos podido ou sabido combater eficazmente. Os açorianos lançados na guerra colonial em África – qualquer que seja ou tenha sido a sua ideologia, quaisquer que sejam ou tenham sido as suas divergências ideológicas – souberam que não lhes cabia, apesar do seu estatuto de adjacência, a missão de assegurar sobre outros povos uma soberania que se negava a si mesma no meio de doências contraditórias.»⁹¹

Em artigo datado de 1984, António Machado Pires, ex-Reitor da Universidade dos Açores, partindo da dicotomia “regional”/“universal”, chega à conclusão de que a literatura açoriana, sendo originariamente resultado de uma apreensão estético-literária de fundo regional, não deixa de ter o direito, pela excelência da sua escrita, à universalidade e à intemporalidade. E clarifica o seu pensamento, acrescentando que:

«A existência de uma verdadeira (...) literatura regional não é uma questão de quantidade, mas uma questão de qualidade. Neste sentido, não são açorianos os autores nascidos nos Açores ou que deles falam, mas todos aqueles que criam, transmitem ou apelam para uma peculiaridade açoriana, com qualidade literária.»⁹²

⁸⁹ *Idem, ibidem*, p. 121.

⁹⁰ É vasta a literatura sobre a guerra colonial, da responsabilidade de autores açorianos: José Martins Garcia, *Lugar de Massacre* (1975); João de Melo, *A Memória de Ver Matar e Morrer*, Lisboa, Prelo, 1977, posteriormente, reeditada como *Autópsia de um Mar de Ruínas* (1984); Cristóvão de Aguiar, *Ciclone de Setembro* (1985); Álamo de Oliveira, *Até Hoje: memória de cão* (1988) etc.

⁹¹ *Idem, ibidem*, p. 123

⁹² PIRES, A. M. B. Machado, “Para um conceito de literatura açoriana”, in *Raul Brandão e Vitorino Nemésio*, Lisboa, IN-CM, 1988, p. 54.

Por considerar a designação “literatura açoriana” um sintagma «demasiado genérico, ambíguo e incaracterizante»⁹³, o crítico terceirense prefere usar a expressão *literatura de significação açoriana*⁹⁴, expressão, quiçá, menos militante, menos afirmativa da força identitária da literatura açoriana, mas, ainda assim, suficientemente esclarecedora de uma tendência de escrita insular. Em clara sintonia com as ideias de Martins Garcia, Machado Pires identifica como motivos da *açorianidade literária*, no caso concreto, pela sua aplicação à poética nemesiana, o uso da linguagem, enquanto exercício lúdico da genialidade do escritor, e a visão da “ilha ao longe”:

«Com os seus cais e mares simbólicos, que significam afinal a sua condição de ilhéu desprendida da carnalidade geológica da ilha concreta e alçada a Ilha (com maiúscula): uma ilha global, feita de sensações e reminiscência, vozes do passado e apelos do presente, de partidas e revisitas – um cais de partida para a grande aventura verbal de autoconhecimento do próprio poeta.»⁹⁵

Uma vez mais, os pensamentos dos ensaístas e críticos, terceirense e picoense, se encontram ao considerarem Roberto de Mesquita e Vitorino Nemésio como os dois melhores exemplos da açorianidade literária, porque souberam dar conta da tipicidade local, do *modus vivendi* característico e específico das gentes insulares, sem cair no descritivismo etnográfico, nem na análise antropológica. O poeta florentino foi capaz, sem sair dos claustros da sua ilha, de exprimir a emotividade insular, a insatisfação de estar prisioneiro de si mesmo, no meio do Atlântico, e condenado eternamente a ver o mundo ao longe, a revolta contra um destino que amordaça e que oprime, mas também, e por outro lado, aquela submissão à terra-natal, aquele acomodar-se às contingências da vida, como já haviam realçado Nemésio e Luís da Silva Ribeiro, nos ensaios anteriormente citados e relativos à açorianidade. Por outro lado, Vitorino Nemésio, vivendo fora dos Açores, foi capaz de, nas palavras de Eduíno Borges Garcia, mostrar o homem dos Açores «(...) estudado em diversas das suas mais características

⁹³ Idem, *ibidem*, p. 59.

⁹⁴ A mesma expressão, “literatura de significação açoriana” fora utilizada por CARVALHO, Ruy Galvão de, em “Possibilidade de uma literatura de significação açoriana, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983, p. 68, enquanto que expressão semelhante, “literatura portuguesa de expressão açoriana”, já havia sido utilizada por Cristóvão de Aguiar, em entrevista ao Portuguese Times, de 09/08/1979, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983, p. 110.

⁹⁵ PIRES, A. M. B. Machado, *op. cit.*, p. 60.

facetar. Quem não for dos Açores fica a conhecer como são os Açores, como é o homem dos Açores...»⁹⁶.

Reconhecendo um grande aumento da discussão teórica sobre a literatura açoriana, acompanhado por um notório acréscimo da produção literária, *lato sensu*, no arquipélago, no período pós 25 de Abril, Machado Pires considera que a questão essencial permanece, isto é, a da sua essencialidade, do que a pode tornar substantiva, relativamente a outras literaturas e conclui que:

«Não são literários os textos que atiram as suas redes ao grande mar das peculiaridades e descritivismos, mas os que efectivamente o são: aqueles que não dependem do tema, mas do modo, da essencialidade linguística em fusão com o tema. Porque na literatura de língua se trata: e assim, com mais ou menos “dialectismo”, estamos perante um fenómeno de produção de escrita em língua portuguesa e da linguagem em geral como meio de arte e expressão.»⁹⁷

No Continente português, o olhar analítico e inquiridor, bem como a pena criativa e geradora de uma constante novidade estética, tem continuidade na actividade crítica e literária de Eduíno de Jesus, de Cristóvão de Aguiar, de João de Melo, Vasco Pereira da Costa etc.

João de Melo, para citar apenas um exemplo, ficcionista, poeta e ensaísta, residindo desde muito cedo no Continente português, onde se formou, levando, dos Açores, apenas a instrução primária, sempre revelou manter, em relação à literatura e aos autores açorianos, um olhar observador e crítico. Fez parte de “Geração Glacial”, suplemento literário do jornal angrése *A União*, onde colaborava por correspondência.

O facto deste escritor micalense viver grande parte da sua vida fora dos Açores não o inibiu de tomar parte activa na discussão da problemática da literatura açoriana. A sua obra ficcional e ensaística constitui-se, pois, como importante contributo para a clarificação da questão literária açoriana.

No Prefácio a *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*⁹⁸, João de Melo começa por colocar a questão literária açoriana em dois planos distintos: o da Literatura, propriamente dita, que o ensaísta considera não existir fora do âmbito da Literatura

⁹⁶ GARCIA, Eduíno Borges, “Por uma autêntica literatura açoriana”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983, p. 48.

⁹⁷ PIRES, A. M. B. Machado, *op. cit.*, pp. 66-67.

⁹⁸ MELO, João de, *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, Lisboa, Vega, 1978.

Portuguesa, e o da Açorianidade, termo este que aparece mais explícito em, por exemplo, Martins Garcia e Machado Pires, como vimos acima, sob o sintagma “açorianidade literária”. Assim, de acordo com o ensaísta, a açorianidade literária, ou Obra Literária Açoriana⁹⁹, caracterizar-se-ia, essencialmente, pela temática, através do uso recursivo de motivos ligados à terra, ao mar e à emigração.

Posteriormente¹⁰⁰, em 1982, João de Melo torna o seu pensamento mais explícito ao considerar que a Açorianidade, de *per si*, não constitui um Literatura, nem esta se autonomiza pelo aparecimento de um ou outro caso de excepcional autoria literária. A literatura açoriana deverá, então, identificar-se, e autonomizar-se, através de uma “consciência literária”¹⁰¹ e de uma consequente “escrita literária”¹⁰² que, na altura, o crítico micalense acreditava não ter, ainda, «muito a ver com o homem açoriano e com o meio em que vive»¹⁰³. A essência de uma verdadeira literatura açoriana estará, então, «na revelação do autêntico regionalismo, não apenas linguístico, mas sobretudo temático, ético e histórico»¹⁰⁴, como nos foi revelado por Vitorino Nemésio, na perspectiva de João de Melo.

O tema da literatura açoriana será retomado posteriormente¹⁰⁵, em 1986, e aí, o ensaísta, reconhecendo a excelência de alguns autores açorianos, descobre na escrita destes «uma certa tradição de pendor histórico e etnográfico, como nos livros de Vitorino Nemésio e de Dias de Melo, nomeadamente; há a ilha perante o mundo do trabalho, da saída quase mística, da viagem, do mar eterno; há a literatura geográfica e de todos os caminhos plausíveis; há o universo idiossincrático, onde entram as coisas do quotidiano, como insularidade, efemeridade da vida, religiosidade, terror sagrado dos vulcões, partida, regresso, viagem, mito do paraíso perdido ou sempre reencontrado, etc. Há, como disse, o mar, o mar e novamente o mar. Literatura da emigração existe também...»¹⁰⁶.

⁹⁹ *Idem, ibidem*, pp. 11-12.

¹⁰⁰ Melo, João de, “Há ou não uma literatura açoriana?”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983.

¹⁰¹ *Idem, ibidem*, p. 167.

¹⁰² *Idem, ibidem, loc. cit.*

¹⁰³ *Idem, ibidem, loc. cit.*

¹⁰⁴ *Idem, ibidem*, p. 168.

¹⁰⁵ Melo, João de, “O lugar, a memória e a vida na moderna ficção açoriana”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *Da Literatura Açoriana: subsídios para um balanço*, Angra do Heroísmo, SREC, 1986.

¹⁰⁶ *Idem, ibidem*, pp. 71-72

Do continente americano, particularmente, dos Estados Unidos, têm sido apresentados alguns dos melhores estudos críticos sobre a literatura açoriana, ou de inspiração açoriana, como acontece com a literatura da diáspora, e sobre os seus autores. Referimo-nos, concretamente, aos que saem da pena de Onésimo Teotónio de Almeida, de Eduardo Mayone Dias¹⁰⁷, de Vamberto Freitas¹⁰⁸, Heraldo Gregório da Silva¹⁰⁹, etc.

Relativamente a Onésimo Teotónio de Almeida, professor, escritor, crítico literário e ensaísta, a ele se deve o maior esforço de debate e análise da açorianidade e da literatura açoriana. O seu livro *A Questão da Literatura Açoriana*¹¹⁰, de 1983, reunindo uma série de 21 depoimentos, de origens e formação académica diversas, não propositadamente elaborados para esta compilação, seguindo-se uma “Revisitação” da questão, da responsabilidade do próprio autor, representou, porventura, o mais sério e consistente esforço de sistematização e clarificação da questão da literatura açoriana, conforme esta tem sido encarada a partir da segunda metade do século XX. Da sua leitura, fica-se com a ideia de que as posições assumidas são, muitas vezes, opostas e inconciliáveis, resultado, porventura, da constatação de que:

«(...) a indefinição da expressão “literatura açoriana” patente ao longo destes textos, onde vários autores propõem os critérios que no seu entender são demarcadores e divisórios, é uma consequência da indefinição de um conceito muito mais geral – o da própria “literatura”.»¹¹¹

O que motivou, então, o despoletar da questão terá sido, por um lado, a verificação de que «em novos países (Brasil, Estados Unidos, Canadá, ...) falando a mesma língua do país colonizador, começaram a nascer obras que por diversas razões foram sendo consideradas suficientemente distintas para serem referidas como uma literatura independente daquela produzida na mesma língua na mãe-pátria»¹¹² e, por outro lado, a constatação da «existência de um grupo cultural e linguístico

¹⁰⁷ DIAS, Eduardo Mayone, *Açorianos na Califórnia*, Angra do Heroísmo, SREC, 1982

¹⁰⁸ FREITAS, Vamberto, *O imaginário dos escritores açorianos*, Lisboa, Salamandra, 1992; *Mar cavado: da literatura açoriana e de outras narrativas*, Lisboa, Salamandra, 1998

¹⁰⁹ SILVA, Heraldo Gregório da, *Açorianidade na prosa de Vitorino Nemésio - Realidade, Poesia e Mito*, Lisboa, IN-CM, 1985

¹¹⁰ ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983

¹¹¹ Idem, *ibidem*, p. 182

¹¹² Idem, *ibidem*, p. 184.

geograficamente separado e que se organiza culturalmente em moldes diferentes, ou ao menos em circunstâncias diferentes – que levou ao uso do termo “literatura” para designar-lhes o seu corpo de obras literárias»¹¹³.

Reconhecendo que, em quase todos os depoimentos constantes nesta colectânea, os argumentos apresentados se prendem com razões do domínio da Etnografia e da Antropologia, exceptuando o depoimento de João Gaspar Simões que coloca a questão da literatura açoriana no campo das relações entre o “regionalismo e universalidade”¹¹⁴, Onésimo Teotónio de Almeida é sensível ao critério da qualidade estético-literária das obras, fazendo contrapor, como exemplo, as posições de João de Melo¹¹⁵, o qual reconhece qualidade literária nos autores e nas obras açorianos, e Cristóvão de Aguiar, que faz referência a «uma grande crise de valores literários nos Açores e corre-se mesmo o risco de, no futuro, Nemésio, como escritor de ambiência açoriana, vir a ser apontado como caso único e isolado na literatura portuguesa»¹¹⁶. Conclui Onésimo Teotónio de Almeida que «nada parece impedir que se continue a usar a expressão “literatura açoriana” independentemente da obrigação de se lhe ter de incluir no significado o sentido de autonomia»¹¹⁷, dado que ela é, normalmente, utilizada para, de um modo fácil e cómodo, referenciar um conjunto específico de obras literárias.

Em 1986, Onésimo Teotónio de Almeida publica¹¹⁸ um conjunto de estudos apresentados no 1º Encontro Internacional sobre Literatura Açoriana, realizada entre Março e Abril de 1983, e promovida pelo Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, Providence, Rhode Island. Este Simpósio tinha como objectivo, nas palavras do ensaísta, demonstrar:

«O facto de nos Açores existir uma experiência, já quase secular, de uma literatura que reflecte de modo muito especial o mundo açoriano, o que não aconteceu nem na Madeira nem em qualquer outra parte de Portugal, ao menos com o nível de consciência e de corrente ou tradição em que ela surge nos Açores.»¹¹⁹

¹¹³ *Idem, ibidem*, pp. 184-185.

¹¹⁴ SIMÕES, João Gaspar, *Existirá uma literatura Açoriana?*, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *op. cit.*

¹¹⁵ MELO, João de, *“Há ou não uma literatura açoriana?”*, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *op. cit.*

¹¹⁶ AGUIAR, Cristóvão de, *“O homem açoriano é um mito e a expressão «literatura açoriana» é um equívoco”*, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *op. cit.*

¹¹⁷ ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *op. cit.*, p. 212.

¹¹⁸ ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *Da Literatura Açoriana: subsídios para um balanço*, Angra do Heroísmo, SREC, 1986.

¹¹⁹ *Idem, ibidem*, pp. 17-18.

A colectânea de artigos apresentada procura fazer um balanço da actividade literária não só no arquipélago, como entre aqueles que emigraram para o Continente português, para os Estados Unidos e para o Canadá, e tem por finalidade a clarificação do que se deve entender, ou não, como “literatura açoriana”, para além de, consequentemente, pretender ser um agente divulgador dessa mesma literatura, nos meios culto universitários, ou não. Deste modo, pela sua leitura, tomamos conhecimento de algumas das ideias matriciais dos mais importantes autores açorianos (Roberto de Mesquita, Côrtes-Rodrigues, Vitorino Nemésio, Santos Barros) e também de alguns escritores da diáspora, divididos entre formas de pensamento e de estar-no-mundo insulares e valores especificamente americanos. Por fim, Onésimo Teotónio de Almeida reúne, em *Açores, Açorianos e Açorianidade*¹²⁰, um conjunto de artigos previamente publicados na imprensa regional e continental e de comunicações lidas em diversos encontros literário-culturais. Nos trabalhos apresentados nesta obra, são tratados, fundamentalmente, dois assuntos fulcrais para o entendimento de como a vida e a arte nos Açores foi tomando características próprias: a açorianidade e a restante literatura de todo um grupo de autores que vão dando corpo à literatura produzida nos, ou relativa aos, Açores.

Relativamente à presença açoriana no Brasil, particularmente nos estados de Santa Catarina e de Rio Grande do Sul, ela continua a evidenciar marcas de vitalidade, quer nos meios académicos, quer nos usos e costumes das populações.

A abordagem ao fenómeno da açorianidade pode ser comprovada, por exemplo, na Tese apresentada pelo investigador Eugénio Pascele Lacerda¹²¹, para obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social, *O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos locais e globais da açorianidade*, apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina do Sul, em 2003.

¹²⁰ ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *Açores, Açorianos, Açorianidade*, Ponta Delgada, Signo, 1989.

¹²¹ LACERDA, Eugénio Pascele, *O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos locais e globais da açorianidade*, in http://www.musa.ufsc.br/docs/eugenio_tese.pdf

Deve-se, no entanto, a Luíz António de Assis Brasil¹²², professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul, o mais sistemático e interessado labor de interpretação e divulgação da cultura e literatura açorianas na região sul do Brasil. Este universitário, escritor e crítico literário, com pós-doutoramento em Literatura Açoriana, pela Universidade dos Açores (1992), tem mantido contacto estreito com os movimentos literários oriundos da diáspora açoriana, nomeadamente, com o Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, Providence, Rhode Island, onde desempenhou funções docentes, em 1998, e com o próprio arquipélago dos Açores, onde tem participado em vários encontros e colóquios de natureza cultural e/ou literária. O seu artigo “A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia”¹²³ constitui um importante documento da criação literária açoriana nos últimos tempos e revela, ao mesmo tempo, uma sensibilidade e uma capacidade de análise e de percepção, em relação à realidade açoriana que só podem espantar a quem não esteja ao corrente da sua actividade profissional na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde tem incentivado e orientado vários trabalhos de mestrado e doutoramento em Literatura Açoriana.

No que diz respeito à açorianidade e à literatura açoriana, defende Assis Brasil que as vertentes temáticas que lhes dão corpo são a emigração, a guerra colonial e a consciência insular. Consequentemente, ela torna-se expressão de valores próprios que legitimam a defesa de uma literatura autónoma da literatura portuguesa, na qual, todavia, está incluída. Na opinião do investigador e ensaísta brasileiro:

«Inevitável afirmar: a açorianidade traz seu cariz de orgulho pela situação de ilhéu, que faz com que o açoriano reivindique para si uma própria escala de valores éticos e sociais, distinta do Continente. Seria incorrecto chamar de *bairrismo* a este sentimento, pois o transcende em muitos aspectos: enquanto o bairrismo considera o *outro* como a síntese dos males e estabelece uma visão dicotômica na realidade nacional, o açorianismo não aparta o açoriano da comunidade portuguesa — mas o identifica perante seus patrícios continentais. Unida a esta ideia da açorianidade, e

¹²² Luiz António de Assis Brasil: descendente de família açoriana radicada no sul do Brasil há várias gerações. Nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1945. Romancista várias vezes premiado; *A margem imóvel do rio* ganhou recentemente o terceiro lugar no Prémio Portugal Telecom de Literatura Brasileira 2004 (único romance premiado); o romance *Cães da província* (1987) recebeu o Prémio Literário Nacional e deu ao autor o título de Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul. Alguns dos seus romances foram adaptados ao cinema, entre eles, *Um quarto de légua em quadro*. Professor e ensaísta, publicou em 2003 *Escritos Açorianos - A Viagem de Retorno - Tópicos acerca da Narrativa Açoriana pós-25 de Abril* (Ed. Salamandra, Lisboa).

¹²³ BRASIL, Luiz António Assis, “A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia”, in *Via Atlântica*, S. Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, nº 2, 1999.

quase se confundindo com ela, situa-se a questão da *insularidade*, que ultrapassa o estritamente literário. É um sentimento que se expressa pela distância, pela nostalgia, pela contemplação melancólica da paisagem, dos garajaus que voltam todo o ano, da bruma que tudo obscurece, do mar quase sempre crespo, das tempestades, das nuvens densas e baixas do inverno, do *azorean torpor*; que significa uma espécie de resignação às inclemências e dificuldades da vida insular, algo indizível mas profundamente experimentado.»¹²⁴

Em função do exposto, permitimo-nos retirar duas ou três conclusões que nos parecem pertinentes para a clarificação da problemática em apreço, a qual, vindo já de longa data (recorde-se que já os mentores do 1º Movimento Autonomo dos Açores se serviam do argumento da literatura específica açoriana, como reforço das suas ideias), se deverá manter, sempre que se olhar para a questão com desconfiança política ou como uma pretensa ameaça a determinadas militâncias literárias.

Em primeiro lugar, das opiniões críticas acima expostas, claro se torna que a ninguém restam dúvidas de que nos Açores se vai assistindo, cada vez mais, a uma proliferação de autores e de textos de variada importância e qualidade literária. Este fenómeno resulta, directamente, de um aumento dos níveis de escolaridade das populações, por um lado, do maior acesso aos meios facilitadores de cultura, em especial, às editoras e às formas de publicitação literária, por outro, e, ainda, devido ao papel formador, interventivo e incentivador que a criação da Universidade dos Açores ofereceu à comunidade açoriana, em particular.

Em segundo lugar, das argumentações expostas pelos vários intervenientes, verifica-se que, uns tendem a valorizar mais as componentes que se ligam, directamente, com a especificidade insular, isto é, a capacidade de as suas obras nos apresentarem aspectos idiossincráticos específicos dos meios natural e humano açorianos, tornando-se, portanto, como retratos das suas terras e das suas gentes; outros, ao invés, não descurando os aspectos referidos, acentuam como essencial a componente literária, ou seja, a qualidade da expressão literária com que cada obra chega até ao público-leitor. Assim, de um lado, estamos perante razões das ciências sociais mais abrangentes, como a Etnografia e a Antropologia; do outro, procura-se

¹²⁴ BRASIL, Luiz António Assis, "Vertentes da Literatura Açoriana Pós-25 de Abril", in <http://www.pucrs.br/fale/pos/literaturaslusofonas/memoriadasgentes/trabalho6.htm>

enquadrar o fenómeno da escrita autoral e ficcional açoriana no âmbito da Teoria da Literatura e dos Estudos Literários.

É nossa convicção que uma escrita que procura afirmar-se no âmbito de uma determinada filiação literária deve fazê-lo pela capacidade que tem de mostrar ao mundo as peculiaridades do comportamento humano, enquadradas no seu ambiente natural particular e motivadas por forças excepcionais que condicionam esse mesmo comportamento (no caso açoriano, os circunstancialismos telúricos, atmosféricos, de isolamento, de miséria e de abundância, da história, da evolução psíquica processado ao longo de cinco séculos de adaptação à terra, tudo isto a que se chamou de insularidade e que, depois, evoluiu para o conceito de açorianidade). No entanto, é-lhe imprescindível, também, revelar um *modo sui generis* de encarar os factos e de os exprimir, isto é, uma sensibilidade particular e uma técnica expressiva inovadora e invulgar, porque se destaca da norma, que torna os seus autores agentes excepcionais na revelação de aspectos ocultos, ou menos visíveis, da realidade comum e as suas obras, elementos criativos autónomos, pelas suas qualidades literárias intrínsecas. Por isso, a concertação destas duas perspectivas, parece-nos, será o caminho mais seguro e plausível para a afirmação de uma verdadeira literatura açoriana, que se pretende seja autónoma, e não independente, da literatura portuguesa.

Como consequência directa das razões acima apontadas, foi colocada a questão do carácter regionalista/universalista da literatura açoriana. Parece-nos, todavia, que esta variante argumentativa se torna mais acessória do que substantiva, relativamente à problemática em análise. É-o, porque, num plano restritivo, todas as literaturas nacionais acabam por ser regionais, em relação umas às outras (a literatura portuguesa é regional em relação à castelhana, francesa, inglesa, ...). Torna-se, ainda, um elemento acessório da discussão, porque nenhuma literatura conhecida se constitui, apenas e só, por obras que, pela sua excepcionalidade, quer temática quer expressiva, se tornaram modelos universais e, por isso, património da Humanidade.

No caso concreto da literatura açoriana, como em qualquer outra literatura, este será sempre um processo de evolução gradativo. A prática de escrita acabará, necessariamente, por condicionar a qualidade da sua literatura. Quanto maior o número de agentes de escrita, mais condições se criam para a consolidação de

sensibilidades, de temáticas e de formas de expressão peculiares, que dão forma a essa mesma literatura. Mais ainda, potencializam-se, por esta forma, as probabilidades de surgimento dos tais “génios da escrita”, aquelas figuras de excepção que se tornam, elas sim, pela sua obra, modelos universais e objecto de pertença da Humanidade.

PARTE II

1. As “leituras”¹²⁵ de Roberto de Mesquita

O poeta florentino Roberto de Mesquita (1871-1923) é o segundo filho do casal António Fernando de Mesquita Henriques¹²⁶ e D. Maria Amélia de Freitas Henriques. Realizou os estudos primários na pequena e pacata vila de Santa Cruz das Flores e, logo depois, é enviado, juntamente com o irmão Carlos, para a cidade de Angra do Heroísmo, onde deverão prosseguir a sua formação escolar, condição essencial, a par com a detenção dos bens materiais e fundiários, para a ascensão social e profissional, particularmente sentida nestas remotas ilhas¹²⁷.

Terá sido nesta cidade episcopal açoriana, naturalmente virada para os saraus literários, em virtude da existência do seminário diocesano e do Liceu Nacional, ambas as instituições a funcionarem conjuntamente no Convento de S. Francisco, que Carlos

¹²⁵ Por “leituras” entendemos, aqui, um processo de descortinação dos hábitos de leitura, e prováveis influências ideológicas e estéticas, de Roberto de Mesquita, dado que, infelizmente, do seu espólio quase nada sobrou, visto terem sido queimados todos os textos manuscritos do autor, incluindo a correspondência com o irmão, pelos herdeiros de Maria Alice Lopes (esposa do poeta florentino), após o falecimento desta, em 1955. Cf. SILVEIRA, Pedro da, “Cronologia”, in *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ática, 1973. JÚNIOR, Venâncio Augusto Ferro, *Roberto de Mesquita – Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1941, assevera a existência, na biblioteca de Roberto de Mesquita dos autores, entre outros, Baudelaire, Verlaine, Eugénio de Castro, Maeterlink, Shakespeare e Goethe.

¹²⁶ António Fernando de Mesquita Henriques casa-se em segundas núpcias, após a morte da primeira mulher em 1868. Deste primeiro casamento teve três filhos, Adelaide Teodora (n. 1865), Carlos (irmão gêmeo de Adelaide, falecido aos oito meses de idade) e Maria Vitória (n. 1868). Do segundo, teve quatro filhos, Carlos de Mesquita (n. 1870), Roberto de Mesquita, Maria Leonor (n. 1873) e Júlia (n. 1884). Cf. SILVEIRA, Pedro da, “Cronologia”, in *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ática, 1973

¹²⁷ MAGALHÃES, Justino, “Cultura letrada e modernidade – escolarização e sociedade no distrito da Horta”, in VV.AA., *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Actas do III Colóquio, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 2004, pp. 388-389

de Mesquita começa a interessar-se pela criação literária e sendo, por esta altura, apenas, assistido pelo irmão Roberto. No entanto, o sucesso escolar dos manos Mesquita sofreu um forte revés, por falta de aplicação, por certo, mas também, provavelmente, por acção de um professor destes que, também ele oriundo da ilha das Flores, seria “velho inimigo pessoal de António Fernando de Mesquita”¹²⁸.

Em Outubro de 1886, Carlos e Roberto de Mesquita matriculam-se no Liceu Nacional da Horta e aí prosseguem os seus estudos. A partir daqui, Carlos de Mesquita, terminado o curso dos liceus, irá para Coimbra, a fim de cursar Direito; quanto ao irmão Roberto, a documentação existente no arquivo do liceu da Horta permite acompanhá-lo até ao 3º ano, sendo omissa após este estágio, pelo que, muito provavelmente, terá dado por concluídos os seus estudos. De facto, assim deverá ter sido, pois vai começar, daqui em diante, a sua colaboração na imprensa regional, em especial aquela sediada na ilha das Flores¹²⁹ e no Faial.

Entretanto, a Horta da segunda metade da década de 1880, afirmava-se como o principal pólo da actividade literária insular, suplantando as outras duas urbes açorianas, que estavam como que adormecidas ou mais preocupadas com as questões autónomas que mantinham com o Governo Central. A ilha do Faial e a sua cidade, em particular, sofrem os efeitos benéficos de um conjunto de factores que se fazem sentir, particularmente, nesta altura:

- os Dabney, família de origem francesa, mas oriunda de Boston, nos Estados Unidos, dedicada ao tráfego marítimo internacional, estabelecem-se na cidade da Horta em 1805, atraídos pela posição geoestratégica da ilha e pelas condições oferecidas pelo seu porto marítimo. Criam riqueza a partir da exportação dos vinhos da ilha do Pico, de aguardentes, da laranja, do transporte marítimo de carga e de passageiros e do óleo de baleia. Oferecem apoio logístico às companhias baleeiras norte-americanas. Tornam-se representantes consulares dos Estados Unidos da América nos Açores¹³⁰. Neste percurso que consolidou a riqueza da família Dabney,

¹²⁸ SILVEIRA, Pedro da, *ibidem*, p. 229

¹²⁹ Roberto de Mesquita faz a sua estreia como poeta no jornal florentino *O Amigo do Povo*, a 1 de Março de 1890, com o soneto “Fé” e assinado com o pseudónimo Raul Montanha.

¹³⁰ Cf. AFONSO, João, “Dos Anais da Família Dabney para a História Oitocentista dos Açores numa Perspectiva Atlântica”, in VV.AA., *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XIX*, Actas do Colóquio

deram abrigo a naufragos e a viajantes, prodigalizando a mais cavalheiresca hospitalidade. O esplendor dos seus jardins e o desafio das suas mansões ilustraram relatos de homens de ciência e de jornalistas em páginas de literatura científica e em várias obras que, hoje, constituem o acervo da literatura de viagens de inspiração açoriana¹³¹;

- por esta época¹³², estavam na Horta instaladas as companhias dos Cabos Telegráficos Submarinos, que convertiam a cidade num "nó de comunicações" mundiais. A presença dos americanos, dos ingleses, dos alemães e dos italianos dos "Cabos" haveriam, pois, de deixar profundas influências sociais, culturais e desportivas no meio faialense, contribuindo, decisivamente, para a criação de um ambiente cosmopolita e único no arquipélago, facto que motivará Nemésio a referir, a propósito da cidade da Horta, os "primores do acolhimento, a hospitalidade patriarcal, a gentileza em tudo e por tudo"¹³³. Fascinou-o essa Horta "telegráfica e carvoeira", que "hospedava galhardamente navios-escolas de todos os pavilhões internacionais"¹³⁴, assumindo "um arzito fresco, cosmopolita"¹³⁵, onde o inglês e outros idiomas se ouviam pelas ruas e lojas com frequência;

- um terceiro factor, o mais influente e duradouro de todos, prende-se com a criação do Liceu Nacional da Horta, em 1853, que, desde logo, se tornou no principal centro formador e aglutinador de figuras notáveis da cultura da ilha. A sua instalação marca «sem dúvida, um dos mais importantes acontecimentos da história cultural faialense do século XIX, porque permitiu que surgisse uma brilhante plêiade de escritores, poetas, jornalistas, dramaturgos, amadores teatrais e músicos que dignificaram "as suas artes", marcaram uma posição inesquecível e criaram "uma

realizada nas ilhas do Faial e Pico de 10 a 13 de Maio de 1993, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1995, pp. 231-266

¹³¹ COSTA, Ricardo Madruga da, "Dabney, Família", in *Centro de Conhecimento dos Açores*, <http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=2442>

¹³² Em 23 de Agosto de 1893, é instalado o 1.º cabo telegráfico submarino - ligando primeiramente a cidade da Horta (Alagoa) a Lisboa (Carcavelos); e depois, ao resto do Mundo.

¹³³ NEMÉSIO, Vitorino, *Corsário das Ilhas*, 3ª edição, Lisboa, IN-CM, 1998, p. 100.

¹³⁴ *Idem, ibidem*, p. 103

¹³⁵ *Idem, ibidem*, p. 99

época gloriosa”, que justificou para a pequena cidade da Horta o cognome de “Atenas açoriana”»¹³⁶.

Para lá de tudo isto, o quadro intelectual e literário faialense completa-se se encararmos como de fundamental pertinência a acção dos liberais na ilha do Faial, no início do século XIX. Aproveitando a sua localização no Atlântico e a excelência do seu porto, o movimento de apoio que se gerou à volta de D. Pedro IV das elites faialenses e, por esse facto, é expectável que tenham chegado à cidade da Horta os autores franceses, principalmente os Enciclopedistas, os ingleses, bem como a imprensa dos exilados liberais portugueses em Londres e Paris.

A instalação da primeira tipografia, em 1855, incrementou o aparecimento de numerosos jornais e revistas, os quais, para além da propagação das notícias da terra e das opções ideológicas a que estavam mais ou menos vinculados, tornam-se, particularmente, relevantes pelo espaço que dedicam à divulgação das Artes. Na verdade, será graças a estes órgãos de comunicação que muitos poetas, contistas e críticos literários açorianos, das mais diversas filiações, desde os neoclássicos (Manuel Inácio de Sousa), os românticos (padre Vitorino José Ribeiro, Miguel Street de Arriaga), os realistas/parnasianos (Florêncio Terra, Manuel Zerbone, Rodrigo Guerra) e os primeiros cultores do Simbolismo nos Açores (Carlos e Roberto de Mesquita, Fernando de Sousa), encontram o seu espaço de exposição e afirmação literárias¹³⁷.

Foi, pois, neste ambiente de forte confluência de tendências estéticas e de efervescente criação literária que se formou o poeta florentino Roberto de Mesquita Henriques. Posteriormente, embora vivendo isolado na sua ilha das Flores, e até no Corvo, onde residiu por motivos profissionais, o poeta haveria de manter uma colaboração regular com os mesmos órgãos de comunicação social, conforme está cabalmente documentado na edição de *Almas Cativas* organizada por Pedro da Silveira¹³⁸.

¹³⁶ LOBÃO, Carlos Gomes, “Liceu Nacional da Horta – História de uma Instituição Secular”, in VV.AA., *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Actas do III Colóquio, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 2004, pp. 394-395

¹³⁷ SILVEIRA, Pedro da, “Sobre a Horta como centro literário: uma proposta de estudo”, in VV.AA., *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1998, pp. 597-602

¹³⁸ SILVEIRA, Pedro da, “Proveniência dos poemas”, in *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ática, 1973

1.1. Reminiscências da estética romântica em *Almas Cativas*

O Romantismo, enquanto movimento estético-cultural, mas também sócio-político, atravessa todo o século XIX e, para alguns críticos, pode até considerar-se como chegando aos nossos dias, «(...) entendendo-se, pois, o Realismo, o Simbolismo, o Modernismo como desdobramentos ou fases evolutivas dum primeiro Romantismo (...)»¹³⁹. Assim deverá ser, se considerarmos, por exemplo, que o Romantismo português é algo tardio, quando considerado com as mesmas tendências vividas na Alemanha, em França e na Inglaterra e, por outro lado, quando autores tão diferentes e distantes no tempo, como Antero de Quental, Cesário Verde, António Nobre, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, e outros, se quiséssemos prosseguir nesta sequência temporal, reconhecem, de uma forma ou de outra, algumas afinidades da sua obra poética com o ideário estético romântico¹⁴⁰. Deste modo,

«O romantismo constitui um momento fundamental na evolução dos valores estéticos do Ocidente, podendo afirmar-se que instaura uma nova ordem estética cujas consequências ainda perduram. Relativamente à criação poética, o romantismo iniciou um novo modo de entender a actividade criadora e a sua influência, neste domínio, é fundamental na literatura dos séculos XIX e XX: o simbolismo e o surrealismo, sob diversos aspectos, são um desenvolvimento de princípios românticos.»¹⁴¹

Se a influência das escolas francesa e inglesa é particularmente sentida entre os nossos poetas e escritores das 1ª e 2ª gerações românticas, a que, certamente, a participação nas lutas liberais e a experiência do exílio político naqueles países não é alheia, o mesmo já não se verifica em relação aos autores alemães, onde a presença de Novalis, de Gerald de Nerval e de Heine só se fará sentir na escrita dos homens da

¹³⁹ COELHO, Jacinto do Prado, “Romantismo”, in *Dicionário de Literatura*, vol. III, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984. Cf., ainda, REIS, Carlos e PIRES, Maria da Natividade, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. V, 2ª edição, Lisboa, Editorial Verbo, 1999, p. 21

¹⁴⁰ MARTINS, Cabral, *Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1986, p. 144: «*Produtos românticos, nós todos... / E se não fôssemos produtos românticos, se calhar não seríamos nada. / Assim se faz a literatura... / Santos Deuses, assim até se faz a vida!*»

¹⁴¹ SILVA, Victor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Coimbra, Livraria Almedina, 1988, p. 551

geração realista, naturalista, socialista e "revolucionária" das décadas de 60 e 70, a tão celebrada *Geração de 70*¹⁴².

«Mas o Romantismo como fenómeno estético alargado, como atitude perante a vida e forma de sensibilidade, não se limitou a atravessar a geração de 70. Não é, aliás, por acaso que se fala de neo-romantismo no fim de século, não se ignora a herança romântica expressa no neo-garretismo de um António Nobre ou no saudosismo de Teixeira de Pascoaes. Este é, a bem dizer, em muitos aspectos, talvez o último dos românticos, pelo seu irracionalismo, pela sua mística, pela sua crença intuicionista no Homem, pela sua esperança sebástica. A saudade garrettiana é agora saudade do passado e saudade do futuro.»¹⁴³

Por outro lado, alguns dos mais importantes poetas do romantismo inglês tornar-se-ão mais conhecidos, entre nós, por acção de Pessoa e da revista modernista *Orpheu* e, nos nossos dias, Agustina Bessa-Luís «retoma o universo camiliano através de uma visão dostoiévskiana do mundo que bebeu em Raúl Brandão, não deixando também de dever alguma coisa a Novalis e a Holderlin, autores que escaparam a Garrett, a Herculano e a Camilo.»¹⁴⁴

Não espanta, portanto, que o ideário romântico do culto do diferente, que conduz à literatura confessional, do nacionalismo estético, da valorização da cultura regional, do apreço pelo tradicional e pelo popular, do gosto pela evocação de um tempo remoto (a Idade Média) e dos espaços exóticos (o orientalismo e/ou os lugares da ascensão do cristianismo), de um espírito de fuga ao quotidiano, ao material e ao real e, correlativamente, uma procura pelo maravilhoso, pela sondagem aos mitos e às lendas, o carácter vago, secreto, nebuloso dos cenários românticos, mostrando ruínas, sinais insondáveis, presenças inexplicáveis, permaneça vivo e sedutoramente cativante aos novos espíritos que, como o jovem Roberto de Mesquita, procuravam dar os primeiros passos pelos caminhos da escrita literária, mesmo que vivendo noutro tempo, modelado por valores culturais e sociais diferentes.

No caso do poeta florentino, acresce ainda outro facto que nos parece determinante para esta persistência dos motivos da estética romântica, na sua poesia: referimo-nos à presença de António Feliciano de Castilho em Ponta Delgada, onde

¹⁴² Cf. REIS, Jaime Batalha, "Introdução", in QUEIRÓS, Eça de, *Prosas Bárbaras*, Lisboa, edição Livros do Brasil, 2001

¹⁴³ PIRES, António Manuel B. Machado, "Evocação de Antero e o Romantismo – Antero Romântico", in *Revista de Guimarães*, Guimarães, nº 102, Jan.-Dez. 1992, p. 51-73

¹⁴⁴ *Idem, ibidem*

chega em 1847. À sua volta «começou a formar-se uma espécie de tertúlia artística e literária (onde pontificaram nomes como os de Bernardino José de Sena Freitas, Alfredo Lambert e os jovens Luís Filipe Leite, Carlos Machado, Filipe Quental e José de Torres) que seria o germe da futura Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes em S. Miguel»¹⁴⁵, estes últimos, ideológica e paradigmaticamente, ligados à 2ª geração romântica.

A acção de Castilho como redactor d'*O Agricultor Michaelense* (1848-1850) emprestou a esta publicação de cariz agrarista uma tonalidade literária que a coloca, decerto, entre um dos mais interessantes casos da imprensa periódica científica do Portugal de meados de Oitocentos. Por outro lado, o intenso labor do poeta, jornalista e, agora, pedagogo em defesa da instrução primária, que o haveria de celebrar a partir da década de 50, já estabelecido novamente em Lisboa, conheceu, no Arquipélago, as primeiras manifestações pela «promoção de numerosos saraus literários e exposições artísticas e industriais, criou uma série de escolas de ensino gratuito para adultos e crianças em diversas freguesias da ilha, sendo as aulas ministradas voluntariamente pelos associados da SALA (*Sociedade dos Amigos das Letras e das Artes* de S. Miguel) que, assim, aderiram com entusiasmo ao persuasivo apostolado instrucionista de Castilho.»¹⁴⁶.

A intensa actividade formativa destes homens e desta *Sociedade* levam António Feliciano de Castilho a escrever as *Noções Rudimentares para uso das Escolas dos Amigos das Letras e das Artes em São Miguel* (Ponta Delgada, Typ. da Rua das Artes, 1850), documento que «pode bem ser considerado como o ensaio preliminar do seu futuro *Methodo de Leitura*, cujas duas sucessivas edições (1850 e 1853) são já impressas em Lisboa, tal como aquele que é o corolário ideológico e doutrinário deste seu evangelho pedagógico e social: *Felicidade pela Instrução* (Lisboa, Typ. da Academia Real das Ciências, 1854)».¹⁴⁷

Consideramos, então, não estarmos a exagerar na extrapolação de que este frenesim educativo, moldado e enquadrado em posições ideológicas bem definidas, se

¹⁴⁵ RILEY, Carlos Guilherme, “António Feliciano de Castilho”, in *Enciclopédia Açoriana*, Centro de Conhecimento dos Açores, <http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=1507>

¹⁴⁶ *Idem, ibidem*

¹⁴⁷ *Idem, ibidem*

tenha estendido às restantes ilhas do arquipélago e que, na meninice de Roberto de Mesquita, ainda estivessem a ser praticadas, ressalvadas uma ou outra evoluções, naturalmente poucas, porque os sistemas de ensino são, por natureza, resistentes às inovações, mais ou menos radicais.

O poema de estreia de Roberto de Mesquita, embora sob o pseudónimo de Raul Montanha, surge n' *O Amigo do Povo*, semanário publicado em Santa Cruz das Flores, nº 19, a 1 de Março de 1890, tem por título "Fé"¹⁴⁸. Não contava, portanto, o poeta ainda 19 anos. O irmão, Carlos de Mesquita, por esta altura já estudante em Coimbra, a cursar Direito, refere esse facto ao seu amigo faialense, também poeta, Osório Goulart, em termos elogiosos e, porventura, algo paternalistas, justificável pela sua condição de irmão mais velho:

«Meu irmão resolveu-se a sair à luz da publicidade. No Amigo do Povo, jornal das Flôres, vem um soneto delle com o pseudonymo de Raul Montanha. É em alexandrinos e tem por assumpto uma scena do Calvario. Ahi vae a 1ª quadra que me ficou de cor por acaso: /(...)/ Se conseguires entender estes quatro versos verás que estão muito correctos e que para um neophito são muito apreciáveis.»¹⁴⁹

O texto revela uma confluência de estilos que se nos afigura natural em quem, acabado de fazer os seus estudos¹⁵⁰, se propõe iniciar-se nas lides poéticas. De facto, sob uma forma marcadamente parnasiana, pelo uso do verso alexandrino e do soneto, o poeta exprime-se através de uma linguagem, ainda, à maneira romântica, quer pela selecção vocabular, quer pela intenção de sugerir, no leitor, emoções intensas e profundas:

«Jesus, sobre o calvário, exausto e moribundo,

¹⁴⁸ Propomo-nos seguir a edição *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Prefácio de Jacinto do Prado Coelho, Comentário de Marcelino Lima, fixação do texto, recolha de dispersos e notas de Pedro da Silveira, 2ª ed., Lisboa, Ática, 1973. Em relação à primeira edição, financiada a expensas próprias de Júlia de Mesquita, irmã do poeta, e Maria Alice Lopes, esposa do mesmo, em Famalicão, em 1931, baseada num manuscrito que Roberto de Mesquita terá começado a elaborar por volta de 1920, com Comentário de Marcelino de Lima, amigo pessoal de Roberto de Mesquita, esta 2ª edição apresenta algumas vantagens, nomeadamente, a inclusão de um capítulo novo, intitulado "Poemas Dispersos", poemas publicados na imprensa regional, ainda em vida do poeta, mas omissos no texto entregue a Marcelino de Lima e, portanto, não constantes na 1ª edição; a inserção de uma secção denominada "Registo das Variantes e do mais Digno de Nota", onde Pedro da Silveira estabelece um útil confronto entre os textos presentes em *Almas Cativas* e as mesmas versões ocorrentes na dita imprensa. Por fim, em relação à 1ª edição, de notar que Pedro da Silveira preferiu substituir o título "Vários" por "Melancolia", conforme anotação do próprio Roberto de Mesquita que, no manuscrito referido, se mostrava dividido entre a designação de "Horas Pardas" e "Melancolia" para o respectivo conjunto de poemas.

¹⁴⁹ SILVEIRA, Pedro da, *ibidem*, p. 211

¹⁵⁰ *Idem, ibidem*, pp. 230-231

Expunha ao frio da tarde o corpo ensanguentado;
Mas, sem um só queixume, erguia ao céu profundo
O doce olhar azul, sereno e resignado.» (p. 185)

Após esta quadra, com pendor evocativo/narrativo, o poema desenvolve-se através de uma estrutura dialogante entre Cristo e o soldado, com o propósito de apresentar o extremar de posições e relevar a injustiça social intrínseca ao episódio bíblico. O soneto termina numa forma sentenciosa e declaradamente evangélica, pelo apelo à contrição e à observância dos valores cristãos.

Por outro lado, esta incursão da atenção do poeta no imaginário cristão justifica-se, não apenas pela natural inclinação dos poetas românticos para o «espiritualismo cristão, a metafísica do pecado, da penitência e do resgate»¹⁵¹, mas, também, pela formação religiosa do poeta que, nos Açores de então e até há bem pouco tempo, era particularmente impressiva e envolvente. De resto, as futuras alusões a factos religiosos, bíblicos, como nos poemas inseridos no capítulo “Evocação”, resultam mais por uma opção estética, de escola literária¹⁵², do que de uma manifestação mística sentida, como nos ensina Vitorino Nemésio:

«Espiritualmente, a sua poesia (de Roberto de Mesquita) acusa uma religiosidade difusa, certamente esvaziada de uma antiga formação católica que aliás quase não deixa vestígios, a não ser que consideremos como tal certos temas bíblicos tratados fracamente, e que a atmosfera literária em que a sua obra se cria explica muito melhor.»¹⁵³

Confirmando a ideia já exposta de que o Romantismo, enquanto movimento estético-literário e sociológico, continua a manifestar-se, ao longo do século XIX, no discurso de autores que, no entanto, professam diferentes gostos e práticas literárias essencialmente novas, também encontramos em *Almas Cativas* exemplos de manifestações desta linguagem poética, em especial ao nível do vocabulário utilizado e de algumas imagens/metáforas tão recorrentes do ideário romântico.

A imagem da Lua, do luar, tão frequente na poética do Romantismo e, mais ainda, do Ultra-Romantismo, surge com alguma insistência no discurso mesquitiano. Logo no poema de abertura da obra, “Universalidade I”, estruturado em quadras, eis

¹⁵¹ COELHO, Jacinto do Prado, *op. cit.*, p. 964

¹⁵² Influência do Parnasianismo, como se verificará adiante.

¹⁵³ NEMÉSIO, Vitorino, “O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita”, in *Conhecimento de Poesia*, 3ª edição, Lisboa, IN-CM, 1997, p. 133.

que nos deparamos com a sua presença, sugerindo uma determinada “visão” da noite, pois que, por metonímia, a Lua se torna “a luz da noite”, que permite, aos espíritos despertos, os mais sagazes, aqueles que conseguem escutar a voz da Natureza, ouvir os mistérios que ela tem para contar, já que ela é testemunha privilegiada da vida secreta das coisas:

«Pensais que os ermos jazem em repouso
E são uns cemitérios desolados,
E que as cousas, assim como os finados,
Permanecem num sono tenebroso?
(...)
Quando as vozes da vida desfalecem
E a paz é triste e vasta como um mar,
Cheia de graça, a Lua vem falar
Aos corações eleitos que a conhecem.» (“Universalidade I”)

Não estamos, pois, em presença de uma mera apresentação descritiva, própria dos cânones parnasianos, mas, antes, de uma atitude cognoscente, que permite ao sujeito poético apreender o invisível, ouvir o lado oculto e misterioso dessas mesmas coisas. Esta postura contemplativa e inquiridora é-nos revelada, antiteticamente, no soneto “Jethesenami”, do mesmo capítulo, onde, agora, a ausência da Lua causa desconhecimento («Que profunda tristeza o Imóvel acomete / Sob este céu de chumbo!...») e abandono («Deserto todo o burgo. Eu divago através / De quelhas negras, duma tétrica mudez...»), como um naufrago perdido («A alma afogada na maré da desesp’rança / Anónima...»).

«Por esta noite de céu baço e sem luar
A alma das cousas é viúva e taciturna.
Nada na opressiva estagnação nocturna
Um sofrimento esparso, um avulso pesar...» (“Jethesemani”)

Assim, a Lua aparece-nos com forte carga mística e reveladora para os espíritos eleitos. À sua aparição, a Terra se rende e deleita, prestando-lhe homenagem, como num cortejo sacerdotal. Toda a Natureza, incluindo o próprio poeta, é tomada de uma profunda estesia, comungando uma mesma força psíquica e espírita:

«Ela surge e perante o seu fulgor
Tudo imerso num êxtase parece...
A minha alma apreende a vaga prece
Que se evola das cousas em redor.» (“Tanit”)

«Sob o transfigurante e místico luar
A terra emudeceu num êxtase embebida.

Nesta noite estival, dum doce eflúvio ungida,
Sente-se vagamente a alma de tudo orar...» (“Luar”)

O gosto pela contemplação das ruínas, das visões fantasmagóricas, esta propensão para o tétrico e para o funéreo (e.g. “Almas Penadas”, in “Alma”), aliados a uma clara nostalgia do passado (e.g. “Ancestral”, in “Alma”), ao desejo de fuga para tempos medievos (e.g. “Trova Lusitana”, in “Alma”), tão frequentes em algum Ultra-romantismo português¹⁵⁴, mas, principalmente, no Romantismo inglês, que Roberto de Mesquita conheceria, de algum modo, até porque o seu irmão Carlos de Mesquita demonstrava ser um profundo conhecedor da literatura anglo-saxónica desta época, como o comprova o projecto de publicação de *As Origens do Romantismo Inglês*, de que viria a publicar apenas o primeiro volume, surge-nos claramente presente na poética mesquitiana, ainda que, por isso, não se deva concluir estarmos perante uma clara adesão aos valores estéticos ultra-românticos, o que, de facto, não se verifica. Trata-se, tão-só, de mais um exemplo da repercussão da escola romântica na prática literária de autores mais identificados com outros ideários, como já foi referido.

Confirma-se esta tendência, por exemplo, no breve poema, apenas três quadras em verso decassilábico, “Ruínas”¹⁵⁵, onde a presença da morte e o efeito corrosivo do tempo sobre o homem, e/ou as suas obras, são evidentes: no estado geral de abandono e de desleixo, na invasão da natureza, que lentamente absorve o trabalho do homem, na ausência de vida humana que lhe dê cor e dinamismo, acentuada, por um lado, pela persistência da “voz ancestral”, contínua, triste e lamentosa dos “ ‘squeletos carcomidos” e, por outro lado, pela indiferença dos “transeuntes” que por lá passam.

Como sois tristes, casas derrocadas,
Com vegetais daninhos por mobílias,
Esquecidas de todos, desoladas,
Sem o vivo bulício das famílias!

(...)

No vosso seio, ‘squeletos carcomidos,
Como um velho doente e olvidado,

¹⁵⁴ Cf., por exemplo, António Feliciano de Castilho, *A Noite do Castelo e Os Ciúmes do Bardo*; Soares de Passos, *O Noivado do Sepulcro*; João de Lemos, *Cancioneiro*; ...

¹⁵⁵ Cf. ROCHA, Luís de Miranda, *Para uma Introdução a Roberto de Mesquita*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1981, pp. 183-192

Geme asilada a alma do Passado,
Mas raros são os que ouvem seus gemidos. (“Ruínas”)

Ainda assim, outras marcas da estética romântica são descortináveis na poética mesquitiana. Referimo-nos, por exemplo, a esta irresistível apetência pela solidão¹⁵⁶, associada a uma profunda consciência, quase narcísica, da singularidade psíquica e intelectual do sujeito poético, que o leva a vaguear pelos ermos, através dos campos ou, nos espaços urbanos, pelos prédios em ruínas, procurando captar, neles, mensagens ocultas e assim se identificando, metonimicamente, o poeta e a Natureza, numa sensação de isolamento e de progressiva e inexorável degradação.

Desenrola-se a noite aveludada,
O Ocidente cerrou as suas portas.
Eis a hora em que tu, alma excitada,
Ao país das quimeras te transportas.

Erro na praia. Paz ilimitada.
As pupilas do céu fitam-me absortas.
A alma do mar na noite constelada
Sente saudades das nereides mortas.

Como um eflúvio místico, erra agora
Uma emoção anónima no ar
Da balsâmica noite de veludo.

É um vago sentir que se evapora
Das cousas que me cercam a sonhar,
Do espírito incógnito de tudo... (“Nocturno II”)

Estas reminiscências do romantismo deixam-se denunciar pelo uso de um vocabulário arquetipo deste movimento literário: “sereno lago transparente”, “o moribundo sol”, “Seu infantil olhar, puro, inocente”, “o saudoso e pálido luar” (in “O Último Olhar”)¹⁵⁷, (...), através da adjectivação clara e simples, muitas vezes múltipla, procurando captar sensações objectivas e subjectivas, muito à maneira garrettiana; ora, pela opção por vocábulos expressivamente fortes, ao sabor ultra-romântico: “místico terror”, “sarcófago de arcanos” (in “Perante a Face da Morte”), “cemitérios desolados”, “sono tenebroso” (in “Universalidade I”), “Lívido amanhecer”, “bilioso acordar”, “mórbido cansaço” (in “Alvorada Saturniana”)¹⁵⁸, (...).

¹⁵⁶ REIS, Carlos e PIRES, Maria da Natividade, *op. cit.*, p. 283

¹⁵⁷ Cf., ainda, “Romanticismo”, in “Poemas Dispersos”, p. 204

¹⁵⁸ Cf., ainda, “Primavera dos Mortos”, in “Poemas Dispersos”, p. 202

Para além disso, o leitor de Roberto de Mesquita depara-se, ocasionalmente, com a recuperação de formas poéticas palacianas e renascentistas, como no poema “Vilancico”¹⁵⁹ (in “Poemas Dispersos), onde se faz o aproveitamento da técnica do vilancete, pela exploração de um mote e duas voltas, sendo-lhe acrescentada, no processo de elaboração formal, alguma originalidade do sujeito poético, pela repetição do primeiro verso do mote na primeira estrofe e do segundo verso do mote na segunda estrofe; ou, na composição “Rondó do Outono” (in “A Alma das Cousas”), na qual, à estrutura formal do soneto, o sujeito poético aplica a técnica de elaboração do *rondó*¹⁶⁰, enquanto género poético; ainda, na composição “Trova Lusitana” (in “Alma”), onde o poeta, fazendo uso da sextilha, em vez da tradicional quadra, e do verso em redondilha maior, nos reenvia para um ambiente medieval, quer pela técnica da reminiscência, quer, até, pelo próprio vocabulário utilizado: “alcáçova”, “solar”, “torre moura”, “o mofino”, “soía”, (...).

Assim se confirma a apreciação de Jacinto do Prado Coelho, quando afirma que «Em Roberto de Mesquita parnasianismo e simbolismo não se interpenetram; ou é parnasiano ou simbolista. Mais facilmente o romantismo, prolongando-se, invade a poesia de qualquer das duas escolas. Os dispersos publicados na presente edição ilustram melhor o romantismo e o parnasianismo ...»¹⁶¹

1.2. Roberto de Mesquita, leitor de Antero

Antero de Quental falece, mais ou menos, nos tempos em que Roberto de Mesquita sai a público como neófito nas lides poéticas¹⁶². Embora o poeta dos *Sonetos*

¹⁵⁹ «Vilancico: etimologicamente, o termo *vilancico* é irmão de *vilancete*. E, de facto, o vilancete português não é outra coisa senão o vilancico castelhano, aliás de raiz galego-portuguesa. Entretanto, a forma *vilancico* só se divulgou em Portugal na segunda metade do século XVII, altura em que passou a designar uma espécie complexa de coral litúrgico», in COELHO, Jacinto do Prado, *op. cit.*, p. 1180

¹⁶⁰ «Rondó: pequena composição poética em que o primeiro ou os primeiros versos se repetem no meio ou no fim da peça.» in *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, vol. XVI, Alfragide, Ediclube, 1996

¹⁶¹ COELHO, Jacinto do Prado, “Roberto de Mesquita e o Simbolismo”, Prefácio a *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ática, 1973

¹⁶² Recorde-se que o seu primeiro poema, “Fé”, surge n’*O Amigo do Povo*, semanário publicado em Santa Cruz das Flores, nº 19, a 1 de Março de 1890 e o suicídio de Antero de Quental ocorre, em Ponta Delgada, a 11-09-1891.

tivesse passado a maior parte do seu tempo nos meios políticos e académicos de Coimbra, depois Lisboa e Porto, antes de regressar, definitivamente, a Ponta Delgada, para perpetrar o fatídico gesto que haveria de marcar a sua geração e, afinal, todo o País, mais ou menos atento àquelas personalidades que se libertam do anonimato pela excelência da acção social e intelectual que desenvolvem, o facto é que, apesar da distância física e geracional que separa os dois autores insulares, a poética anterioriana está bem presente no imaginário mesquitiano.

Alguns factos ajudam a explicar o fascínio do poeta florentino pela vida e obra de Antero de Quental. Em primeiro lugar, o prestígio de que a família Quental usufruía, na ilha de S. Miguel, em particular e, por simpatia, em todo o arquipélago. À família Quental, advinha a honra e a fortuna dos cargos de governação desempenhados nos primeiros tempos da colonização da ilha¹⁶³; dos serviços militares prestados à nação, como se depreende dos exemplos de Paulo de Quental¹⁶⁴ e do próprio pai de Antero, Fernando de Quental, o qual, ao serviço de D. Pedro, desembarcou no Mindelo, em defesa da causa liberal¹⁶⁵; do culto das Artes e das Letras, destacando-se a actividade literária de André da Ponte Quental da Câmara e Sousa, avô paterno de Antero, também ele militar e poeta da escola de Bocage, ou de Filipe de Quental, enquanto estudante e lente na Universidade de Coimbra¹⁶⁶; finalmente, do exemplo místico e evangelizador de antepassados ilustres, como Simão de Novaes, fundador do convento da Praia, na ilha Terceira, ou Fr. Bartolomeu de Quental, introdutor da Ordem do Oratório em Portugal.¹⁶⁷

Assim sendo, não é de espantar que uma família que ostenta personalidades tão ricas e singulares acabe por concentrar em si a atenção, a simpatia e o modelo a seguir, por parte de uma população atenta, interessada e sensível a estes exemplos de excelência sócio-cultural e religiosa. Somos, pois, da opinião de que Roberto de Mesquita, pela sua sensibilidade estética e humanista, e enquanto frequentador de ambientes académicos fervilhantes e propagandadores dos vultos regionais mais

¹⁶³ MAIA, Visconde de Faria e, “Recordações de Família e Impressões Pessoais”, in *Antero de Quental – In Memoriam*, ed. Fac-similada, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993, p. 369

¹⁶⁴ *Idem, ibidem*

¹⁶⁵ CIDADE, Hernâni, Antero de Quental, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1988, p. 9

¹⁶⁶ MAIA, Visconde de Faria e, *op. cit.*, p. 370

¹⁶⁷ SAMPAIO, Alberto, “Antero de Quental – Recordações”, in *Antero de Quental – In Memoriam*, ed. Fac-similada, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993, p. 11

destacados, como era o caso de Angra do Heroísmo e da Horta, de finais de Oitocentos, se incluiria entre estes últimos.

Por outro lado, a actividade cívica, filosófica e literária do poeta dos *Sonetos Completos* revelou-se de tão grande intensidade e envolvimento, que ninguém lhe terá ficado indiferente. São inúmeros, e por demais eloquentes, os testemunhos de admiração e reconhecimento, pelo seu espírito clarividente, original e renovador. É o caso, por exemplo, do registo biográfico intitulado “Antero de Quental – Recordações”, elaborado por Alberto Sampaio, companheiro de estudos e das lutas estudantis, onde se afirma, a dado passo:

«Durante este tempo (1870-1874), a sua actividade intellectual desdobra-se e multiplica-se incessantemente, como organizador de sociedades operarias, orador, jornalista, pamphletario e poeta.»

(...)

«D’este modo, agremiando operários, tractando questões sociaes e politicas, grande escriptor em prosa e poeta de primeira ordem, tornou-se então a figura mais predominante de Portugal, o homem mais verdadeiramente popular do seu tempo. Elle tinha conquistado passo a passo, por si mesmo, uma força immensa, nunca vista n’esta terra...»¹⁶⁸

Porém, o registo evocativo da memória de Antero mais eloquente, mais belo, esteticamente, que se apresenta como um genuíno e sincero exemplo de reconhecimento e gratidão, saiu da pena de Eça de Queirós, no ensaio que traz por título “Um Génio que era um Santo”:

«Em Coimbra, uma noite, noite macia de Abril ou Maio, atravessando lentamente com as minhas Sebentas na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre as escadarias da Sé Nova, romanticamente batidas pela lua, que n’esses tempos ainda era romantica, um homem, de pé, que improvisava.

A sua face, a grenha densa e loura com lampejos fulvos, a barba d’um ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira syriaca, reluziam, aureoladas. O braço inspirado mergulhava nas alturas como para as revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por traz, largamente, negra nas lages brancas, em pregas d’imagem. E, sentados nos degraus da Igreja, outros homens, embuçados, sombras immoveis sobre as cantarias claras, escutavam, em silêncio e enlevo, como discípulos.

(...)

- É o Anthero!...

(...)

Então, perante este Céu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, destracei a capa, também me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo. E para sempre assim me conservei na vida.»¹⁶⁹

¹⁶⁸ SAMPAIO, Alberto, *op. cit.*, pp. 22-23

¹⁶⁹ QUEIRÓS, Eça, “Um Génio que era um Santo”, in *Antero de Quental – In Memoriam*, ed. Fac-similada, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993, pp. 481-483

Os ecos de toda esta actividade cívica, filosófica e literária chegavam, sem qualquer dúvida, com regularidade aos Açores e seriam enfatizados, pelos familiares aí residentes, pelos mais próximos amigos de Antero, alguns dos quais, feitos os seus estudos no Continente, voltaram à terra natal¹⁷⁰, pela imprensa regional e, quiçá, pelas frequentes visitas do próprio Antero de Quental a Ponta Delgada.

Por tudo o que tem sido referido, o momento da morte do poeta micalense mereceu, de toda a imprensa nacional e regional, uma significativa repercussão, bem indiciadora da importância de Antero no panorama intelectual nacional. Após o fatídico dia 11 de Setembro de 1891, os títulos dos jornais fizeram eco da perplexidade e surpresa que esse acto causou em todos quantos, de forma mais ou menos íntima, conviviam com o autor das *Odes Modernas*. É elucidativa a carta dirigida pelo poeta Jaime de Magalhães Lima a Luís de Magalhães, após ter sido “surpreendido no comboio ao ler a notícia no jornal”¹⁷¹:

«Quando me deixei penetrar bem da realidade (...) estabeleceu-se no meu espírito uma confusão de saudade, de surpresa e de dúvidas que verdadeiramente me esmaga. Fugiu-me a terra debaixo dos pés, parece-me que vivia tanto das próprias crenças e convicções como das crenças e convicções do mestre. Estabelecera-se entre nós uma comunhão tão íntima que o meu espírito quase não subsistia por si, movia-se nos limites que outro espírito lhe traçara.»¹⁷²

Uma vez mais, é nossa convicção que, no período compreendido entre 1886 e 1890, enquanto estudante, em Angra do Heroísmo e na Horta, e, depois dessa data, já vivendo na remota ilha das Flores, Roberto de Mesquita fosse acompanhando, através da imprensa, e do irmão, agora em Coimbra a cursar Direito, desde 1890, todo este frenesim à volta do poeta micalense, dado que as manifestações de incredulidade e de pesar foram inúmeras, igualmente nos Açores.¹⁷³

¹⁷⁰ São, por exemplo, os casos de Ernesto do Canto (1831 – 1900), de Eugénio Pacheco do Canto e Castro (1863 – 1911), de Francisco Machado de Faria e Maia (1841 – 1923), etc., todos eles com vários artigos publicados na imprensa regional e com participação do livro póstumo *Antero de Quental – In Memoriam*.

¹⁷¹ MARTINS, Ana Maria Almeida, “Prefácio”, in *Antero de Quental – In Memoriam*, ed. Fac-similada, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993, p. VII

¹⁷² *Idem, ibidem*, p. VIII

¹⁷³ *Idem, ibidem*, pp. VIII-IX

Por fim, sintomaticamente, somos informados que, por volta de 1893¹⁷⁴, o poeta florentino projecta e anuncia um livro de poemas a que daria o título *Alma*, o qual não chega a ser publicado, por falta de apoio financeiro ou por qualquer outra razão, por nós desconhecida. Por outro lado, a colecção manuscrita de poemas, elaborada pelo próprio Roberto de Mesquita, nos últimos anos da sua vida, para publicação, a qual só viria a consumir-se, por interposição da irmã Júlia de Mesquita e de Marcelino de Lima, em 1931, oito anos após a morte do poeta, intitulava-se *Almas Cativas* e fora colocada, numa opção consciente e intencional, cremos nós, sob a égide expressa de Antero porque idealizada a partir do verso anterior, «almas irmãs da minha, almas cativas»¹⁷⁵.

Leitor atento e interessado do poeta-filósofo, Roberto de Mesquita apreendeu-lhe a visão pampsiquista da Natureza, isto é, a convicção de que a matéria possui vida e uma natureza psíquica semelhante à do espírito humano e, “irmão gémeo numa mesma angustiada tortura e inquieta ansiedade”¹⁷⁶, ambos descobrem a correspondência entre “o âmago de tudo” e a alma do próprio poeta.

Um espírito habita a imensidade:
Uma ânsia cruel de liberdade
Agita e abala as formas fugitivas.

E eu compreendo a vossa língua estranha,
Vozes do mar, da selva, da montanha...
Almas irmãs da minha, almas cativas!...
Antero de Quental, “Redenção I”

Enquanto se detém o vosso olhar
À tona dos aspectos, impotente,
No âmago de tudo, claramente,
Eu descubro um espírito a cismar.

Deleita-se a minha alma a respirar
Os afectos das cousas: a dolente
Nostalgia dum cerro olhando o mar,
A oração das paisagens ao morrente...
Roberto de Mesquita, “Universalidade II”

A aceitação da correspondência entre uma determinada “psique” do Universo e a do próprio poeta, a assumpção desta analogia, permite relacionar a esfera do real com a do ideal e identificar as semelhanças entre o mundo da natureza e o mundo do espírito. Por ela, o homem se integra nessa força cósmica e torna-se, pois, cognoscente do que está para lá da matéria, do puramente sensível. Deste modo, o “verbo poético” torna-se um meio de revelação, concretizado no “verbo délfico” ou,

¹⁷⁴ SILVEIRA, Pedro da, *op. cit.*, p. 232

¹⁷⁵ Último verso do primeiro soneto “Redenção”

¹⁷⁶ CARVALHO, Ruy Galvão de, *Poetas dos Açores*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional de Educação e Cultura, 1988, p. 290

por outras palavras, “operando certa identidade do conteúdo e da forma, do significante e do significado.”¹⁷⁷.

O símbolo, entendido como «a re-união do significante e do significado, considerando, entre as suas capacidades naturais, a ideia de analogia natural do abstracto e do concreto e o poder transfigurador do real operado pelo simbólico», torna-se, concomitantemente com o próprio simbolismo, «veículo(s) de expressão do pampsiquismo, na medida em que uma das atitudes comuns do simbolismo é a animização da natureza, o que cria, em Mesquita, a condição necessária, e natural disponibilidade para a aceitação do pampsiquismo anterior, sobretudo naquela sua vertente leibniziana que propende a uma melhor consideração das possibilidades vitalistas e animistas da natureza».¹⁷⁸

Assim se compreende, em Roberto de Mesquita, a tendência, tipicamente anterior, para personificar tudo: o Ausente, o Além (“Tarde Sonhadora”), o Passado (“Ruínas”), a Noite (“A Alma da Noite”), o Outrora (“Epifania”), o Nada e o Não-Ser (“Eu”), o Silêncio (“Nocturno”), o Imóvel (“Soneto”) e, então, assumindo uma posição dialógica com os elementos da Natureza, o poeta apercebe-se da teia de correspondências possíveis de estabelecer entre o seu “eu” e esses mesmos elementos, procedendo, depois, a um processo de “desocultação” das forças psíquicas da Natureza, permitido pelo valor simbólico do verbo poético:

Pensais que os ermos jazem em repouso
E são uns cemitérios desolados,
E que as cousas, assim como os finados,
Permanecem num sono tenebroso?
(...)
Quando as vozes da vida desfalecem
E a paz é triste e vasta como um mar,
Cheia de graça, a Lua vem falar
Aos corações eleitos que a conhecem. (“Universalidade I”)

Do pampsiquismo à apreensão mística da Natureza, vai um curto passo, na poética mesquitiana¹⁷⁹, como no sistema filosófico anterior¹⁸⁰. Assumindo entender a

¹⁷⁷ CÂNDIDO, Manuel, *Antero e Roberto de Mesquita*, Vila Franca do Campo, Editorial Ilha Nova, Coleção Opúsculos / 3, 1986, p. 11

¹⁷⁸ *Idem, ibidem*, p. 9

¹⁷⁹ «(...) podemos afirmar que *Almas Cativas* arranca da lição metafísica de Antero, que do título jorra para a obra e se dilui, filtrada por uma cosmovisão sacralizante de fundo primitivista e espírita, numa transfiguração animizadora da natureza que, sintomaticamente, atrai a melodia verlainiana.» in

“Alma das Coisas”, ou, de outra maneira, a *psique* do Mundo, através do verbo poético, que lhe permite aceder ao mistério, à epifania e à gnose, o poeta confirma, platonicamente, a superioridade do mundo extra-sensorial, dos seres que evoluem nessa esfera não terrena e, por esse facto, se lhe prefiguram como perfeitos:

(...)
A Noite é consciente, Em torno a mim
Misteriosa como um deus ignoto,
Sinto-a viver, sinto-lhe o “eu” sagrado
Cheio de incognoscíveis pensamentos
Que a alma aspira como vago aroma,
Mas que o verbo não pode traduzir.
(...)
Perante ti, ó Noite, que meditas
Mergulhada num místico cismar,
A minha alma temente se prosterna
Tal com a alma dum antigo asceta
Ao sentir-se ante a face do Senhor... (“A Alma da Noite”)

De resto, o vocabulário ligado, directa ou indirectamente, ao domínio do sagrado aparece com alguma frequência em Roberto de Mesquita: «Tudo me parece ungido / Dum não-sei-quê de domingo...» (“Ar de Dia Santo”), «Numa saudosa e fina vibração / Morre no ar um angelus plangente;» (“Tarde Mística”, «Sob o transfigurante e místico luar / A terra emudeceu num êxtase embebida. (...) Dir-se-á que a terra adora a hóstia argêntea erguida / E absorve num enlevo a bênção do luar.» (“Luar”), «Sol do Sonho, ilumina o templo do Passado / Com teus raios, também doira os vitrais da porta», (“Remember”, in “A Alma das Coisas”), «E no caos das formas indistintas / O Silêncio medita como um deus!» (“Nocturno I”, in “Melancolia”), «É um vago sentir que se evapora / Das cousas que me cercam a sonhar, / Do espírito incógnito de tudo...» (“Nocturno II) ...

O pampsiquismo anterior, elaborado, numa primeira fase, a partir da teoria da monadologia¹⁸¹, de Leibniz, aperfeiçoado, dada a dificuldade de conciliação entre o

PEREIRA, José Carlos Seabra, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1975. Cf., ainda, COELHO, Jacinto do Prado, “Roberto de Mesquita e o Simbolismo”, in *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1976, p. 216.

¹⁸⁰ QUENTAL, Antero, *op. cit.*, *loc. cit.*

¹⁸¹ QUENTAL, Antero, “Carta a Wilhelm Stork – Ponta Delgada, 14 de Maio de 1887”, in *Cartas II (1881-1891)*, organização. Introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Editorial Comunicação e Universidade dos Açores, 1989: «A *monadologia* de Leibniz, convenientemente reformada, presta-se perfeitamente a esta interpretação do mundo, ao mesmo tempo naturalista e espiritualista. O espírito é

real e o ideal, entre o físico e o psíquico, pelo idealismo transcendental kantiano¹⁸², posteriormente, complementado com a teoria do Inconsciente, de Eduard de Hartmann, que «igualmente faz referência à ideia de evolução, do desenvolvimento do ser caminhando do simples para o complexo, do menos consciente para o mais consciente até atingir a consciência total.»¹⁸³, parece-nos estar bem explícito no poema “Eu”, incluído na secção “Novos Poemas”, pela consciencialização disfórica de que, afinal, o Eu não pode partilhar da alegria dos Outros, no momento da vitória e, ao invés, é atraído vertiginosamente para o “Nada”, para o “báratro fatal do Não-Ser”, resultando tudo no sentimento trágico da radical solidão do homem no Universo. O poema apresenta, pois, «... um rude golpe no pampsiquismo e mesmo no metapsiquismo e revela-nos a tensão entre a aceitação da imanência ou a aceitação da transcendência – dois pólos entre os quais Mesquita vacilou, tal como Antero.»¹⁸⁴

Terminada a batalha; a hoste triunfante,
Alevantando ao céu a voz atoadora
Ao som do atambor e do clarim vibrante,
Em coro celebrou a pátria vencedora.
(...)
O que me importa a pátria, a terra, tudo enfim
Que, estranho ao meu ser, se agita egoistamente,
Se me vou extinguir e o Eu que vibra em mim
Não será mais a alma, o Eu de outro vivente!

Quem pudesse, ao partir-se o fio da existência,
Intactas transfundir na vida universal
As minhas emoções, a minha consciência,
Roubá-las do Não-Ser ao báratro fatal!
(...)

Em certa medida, somos tentados a concluir, com Tomás da Rosa, que a união espiritual com a vida do Universo, e o correspondente pampsiquismo, oriundos do

que é o tipo da realidade: a natureza não é mais do que uma longínqua imitação, um vago arremedo, um símbolo obscuro e imperfeito do espírito.», p. 838

¹⁸² Cf. “Idealismo”, in *Logos, Enciclopédia Luso Brasileira de Filosofia*, vol. 2, Lisboa, Editorial Verbo, 1990: «(para Immanuel Kant) existem coisas em si, os númenos, mas de que o homem não pode alcançar o conhecimento, pois transcendem a experiência sensível, única que lhe foi concedida. O númeno apenas é origem das sensações, da matéria do conhecimento, que necessita de ser enformada pelo espaço e pelo tempo, formas *a priori* da sensibilidade, e pelas categorias, formas *a priori* do entendimento, originando o fenómeno. O conhecimento assim obtido diz apenas respeito aos fenómenos que, no fim de contas, são construídos pelo sujeito, mediante as formas *a priori*, e situa-se numa experiência possível, é válido exclusivamente dentro dos limites desta – Idealismo transcendental.», p. 1267

¹⁸³ CÂNDIDO, Manuel, *op. cit.*, p. 8

¹⁸⁴ CÂNDIDO, Manuel, *op. cit.*, pp. 24-25

pensamento filosófico e poético de Antero de Quental, embora largamente explorados na poesia finissecular oitocentista, mais não é do que «... uma variante, algo convencional, de evasão psicológica. E até de uma elegante substituição do espírito religioso, desde que a maioria das inteligências da Geração de 70 enveredou pelo agnosticismo positivista que Teófilo Braga espalhou, e pelo racionalismo que outros vieram espalhando.»¹⁸⁵.

Efectivamente, na poesia de Roberto de Mesquita, são várias as referências à tradição religiosa cristã e a Deus, resultantes de um longo processo educativo na moral católica, vigente em todo o país, mas vivido, porventura, com maior intensidade nas ilhas dos Açores, como resultado das suas características geológicas, meteorológicas e humanas. É o caso, por exemplo do poema “Eli! Eli!”, onde o poeta exprime a sua incompreensão relativamente à impassibilidade e mudez de Deus, face ao sofrimento e desnorte dos que n’Ele crêem:

Eu pressinto, Senhor, o vosso olhar
Aberto nessa muda imensidade.
Vós conheceis portanto a soledade
Da noite em que vivemos, sem luar.
(...)
Vossos olhos paternos e divinos
Não vêem estes filhos pequeninos
Que se afligem, perdidos no deserto? (“Eli! Eli!”)

A mesma tradição religiosa cristã pode ser confirmada nos poemas que retratam quadros bíblicos: “Agag”, “Natan”, “João Baptista”, “Tabita”, da secção “Evocação”, e, também, “A Crucificada”, “Morte de Moisés”, de “Novos Poemas”. Este gosto pela apresentação de episódios religiosos se, por um lado, podem explicar-se por uma certa tradição de escola, entre os poetas parnasianos, por outro lado, também denunciam o conhecimento pessoal dos mesmos, recolhido, como vimos, no tipo de educação recebida.

Para lá destas evidências, noutros poemas do poeta florentino se denuncia esta mundividência católica-cristã, principalmente, ao nível do vocabulário. São frequentes as alusões a “templos” (igrejas, conventos), a “frades e monjas”, ao “toque dolente dos

¹⁸⁵ ROSA, Tomás da, “Grande Poeta em Pequena Ilha”, in *Almas Cativas*, 3ª edição, Horta, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983, p. IX

sinos”, metonimicamente representando os crentes no momento da oração, ou os que já faleceram, à “oração”, ao “anjo Gabriel”, a “Nossa Senhora”, ...

1.3. O Parnasianismo na poética mesquitiana

O parnasianismo português, moldado a partir da matriz plasmada no *Parnasse Contemporain*¹⁸⁶, apresenta, como o seu émulo francês, nítidas dificuldades de sistematização e de paradigmática, dadas as origens diversas e as influências distintas que os seus cultores revelam.

Assim, em França, assistimos a uma poética de pendor mais formalista e descritivista, projectando-se numa tendência insistente para a “mera reprodução de formas e de cores”¹⁸⁷, de Théophile Gautier, em Leconte de Lisle e Sully Prudhomme, à nova poesia de pendor científico, anti-romântico, caracterizada por uma serenidade e impassibilidade clássicas e pela representação objectiva da beleza, se bem que com forte atracção pelo moralismo pessimista e pelo orientalismo, naquele poeta, Catulle Mendés e as suas projecções neoclássicas, Théodore de Banville “autêntico jogral do ritmo, evade-se da vida sua coeva (a propósito se assinala que nem todo o parnasianismo é “realista”), para o país do sorriso, da tela, da estatueta, da cariátide, da anedota, da reflexão amena ou maliciosa...”¹⁸⁸.

A uni-los está, fundamentalmente, a busca da objectividade temática e o culto da forma. Os poetas parnasianos opunham-se ao individualismo, ao sentimentalismo e ao subjectivismo românticos, e procuraram voltar a sua poesia para temas que consideravam mais universais, como a natureza, a história, o amor, os objectos inanimados, além da própria poesia. Essa poética da impessoalidade era reforçada pelo gosto da descrição e do rigor formal. O ideal da “arte pela arte” resultou em acentuada preocupação com a versificação e a metrificacão, pois acreditava-se que a

¹⁸⁶ Colectânea de poesias, editada pelo livreiro parisiense Alphonse Lemerre e que conheceu três edições (1866, 1871, 1876). Reuniu poesias de autores de diversas origens e diferentes propósitos, entre os quais se destacam Leconte de Lisle, Sully Prudhomme, Villiers de l’Isle Adam, José Maria de Heredia, Catulle Mendés, Charles Baudelaire ...

¹⁸⁷ RODRIGUES, Urbano Tavares, “Parnasianismo”, in *Dicionário de Literatura*, vol. III, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984

¹⁸⁸ *Idem, ibidem*

Beleza residia também na forma. O trabalho do poeta foi, inclusive, comparado ao do escultor, do ourives, do artesão, já que o seu esforço concentrava-se em dar forma perfeita a um objecto artístico.

Em Portugal, como em França, o parnasianismo também manifesta diversas tendências. À volta de João Penha e do seu jornal literário *A Folha* (publicado em Coimbra entre Dezembro de 1868 e Abril de 1873, em 5 séries) se juntaram colaboradores de todas as correntes, segundo o princípio da plena liberdade da arte, desde “os metrificadores do ai” aos “sacerdotes da ideia vaga”¹⁸⁹, ou seja, dos românticos aos seguidores dos princípios doutrinários e estéticos da escola coimbrã, porque:

«(...) o belo é sempre belo, revista que formas revestir; querer que o encaremos de um só lado, duma só face, é querer obrigar-nos à monotonia, ao bocejo, ao sono.»¹⁹⁰

Deste modo se compreende e justifica a heterodoxia do Parnasianismo português: Gonçalves Crespo¹⁹¹ (1846-1883), primeiro paradigma e corifeu dos parnasianos lusos, apresenta uma poesia onde “o rendilhamento formal é comandado por um sóbrio e atilado gosto (...) A sua capacidade descritiva, os exactos contornos da sua musa vigiada, propensa ao exotismo ornamental, atenta aos ambientes diários, triviais, talham-lhe, em todo o caso, um lugar à parte entre os nossos espúrios parnasianos.”¹⁹²; João Penha, no seu espírito eclético e independente, consentâneo com os pressupostos anunciados no “Preâmbulo” do jornal *A Folha*, o qual se tornou voz pública de poetas românticos, satânicos, realistas, parnasianos, etc., defende que o valor de uma obra de arte não está na matéria de que é feita, mas na forma correcta, na beleza de linhas que o estatuário lhe conseguiu dar, advogando, pois, o culto da forma, ou da arte pela arte, propósito primeiro dos parnasianos. Contudo, o pendor

¹⁸⁹ MOISÉS, Massaud, *As Estéticas Literárias em Portugal*, vol. II, Lisboa, Editorial Caminho, 2000, p. 273

¹⁹⁰ Preâmbulo ao jornal *A Folha*, in *Dicionário de Literatura*, vol. II, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984, p. 348

¹⁹¹ «O volume *Nocturnos* contém as suas poesias mais elaboradas, que são, por um lado, uma série de narrativas dramáticas, algumas delas da actualidade, outras localizadas em ambientes exóticos da história e da geografia (...). As cenas dramáticas, delineadas com o preciosismo que depois faria escola até em prosa, com Júlio Dantas, por exemplo, ressentem-se quase todas da superficialidade decorativa da sua intenção; salientemos a perícia narrativa de *O Juramento do Árabe* e do início de *A Venda dos Bois*, poema em que o meio rural ressalta com admirável concretismo.» in SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 14ª edição, Porto, Porto Editora, 1987, p.983

¹⁹² RODRIGUES, Urbano Tavares, *op. cit.*

satírico da sua poesia aproxima-o, também, da tradição bocagiana:

«É patente que a coincidência em matéria de forma torna João Penha um poeta afinado com os parnasianos, como já assinalava Pierre Hourcade em 1931. Mas é também fora de dúvida que não só a sua doutrina estética, senão os seus versos, em que o hieratismo formal é abalado substancialmente por uma ironia e uma chocarrice filiadas à tradição dum Bocage ou dum Nicolau Tolentino...»¹⁹³

Cesário Verde (1855-1886) é, muitas vezes, apresentado como poeta parnasiano, mas, se bem que num determinado momento seja influenciado pela poesia de João Penha, dada a ênfase posta no rigor formal, na valorização da narratividade e do discursivismo, na utilização de um vocabulário depurado e selectivo, tendente a evidenciar os aspectos concretos do real quotidiano, depressa o seu estro revela nítidas influências realistas, com predominância das preocupações sociológicas:

«(...) o darwinismo social subjacente à sua interpretação das teorias de Spencer adquire um carácter potencialmente revolucionário. A rejeição dos valores – e, implicitamente, exteriores ao meio – em favor dos valores naturais do povo comum que possui a capacidade de sobrevivência que falta aos ricos, leva Cesário Verde à equivalente percepção sociopolítica de que a ordem social existente é antinatural, a inversão do que poderia ser a ordem natural.»¹⁹⁴

Para lá disso, mesmo nesta fase caracteristicamente realista, expressa em poemas como “Num Bairro Moderno” ou “O sentimento dum ocidental”, é frequente a fuga do génio poético para a transfiguração do real, por um lado, ou para a evocação do ausente, por outro, o que o aproxima do Surrealismo, pela revelação de uma super-realidade imbuída de um certo espírito secreto das coisas, e do Impressionismo, através do recurso a processos linguístico-estilísticos tendentes a relevar o colorido das paisagens, citadinas ou rurais, acentuando o primado da sensação inicial, só depois referindo o seu objecto, ou combinando sensações e misturando o físico e o moral.

Noutras composições, como em “Fantasias do Impossível – Caprichos”, publicada em 22 de Março de 1874, no *Diário de Notícias*, podemos observar um como que pré-anúncio do Simbolismo¹⁹⁵, pela menção do «castelo deserto e solitário» onde se sofrem as angústias ou aos «parques com tapetes cultivados» onde se espriam

¹⁹³ MOISÉS, Massaud, *op. cit.*, p. 281

¹⁹⁴ MACEDO, Helder, *Nós – Uma leitura de Cesário Verde*, 3ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986, p. 46

¹⁹⁵ PEREIRA, José Carlos Seabra, *op. cit.*, p. 111

íntimas contrições, por «horas do crepúsculo saudosas». Em “Deslumbramentos” e no poema “Frígida”, deparamo-nos, ora com uma nítida influência baudelairiana, ora com uma certa visão e estado mental próprios do Decadentismo, pela:

«(...) fuga às reacções sensíveis normais – com o amor insensato por “os ácidos, os gumes / e os ângulos agudos” –, coroadas pelo insulamento nefelibático “como um monge, / no bosque das ficções” e pela atracção amorosa perante uma figura invulgar de mulher. Esta é explicitamente derivada de Baudelaire e ostenta, para além de uma frieza em vias de estereotipização, delicadeza corpórea, senhorialidade ofensiva, recriação pelos ornatos e bizarria luxuosa; mas também suscita uma sedução perturbante e um contraditório desespero que faz desejar-lhe a perdição, sob esta imagem que será tão do gosto do Decadentismo: “E um dia, ó flor de Luxo, nas estradas, / Sob o cetim do Azul e as andorinhas, / Eu hei-de ver errar, alucinadas, / E arrastando trapos – as rainhas!”¹⁹⁶»

O mesmo sincretismo poético, e ideológico, pode ser confirmado noutros autores tradicionalmente referenciados como exemplos da prática da escola parnasiana em Portugal, como Gomes Leal (1848-1921) ou António Feijó (1859-1917). Uma observação mais atenta e cuidada às suas produções poéticas permite descobrir a permanência de motivos e técnicas associadas a diferentes escolas poético-literárias: no caso de Gomes Leal, por exemplo, no seu primeiro livro de poemas, *Claridades do Sul*, mostram-se «as linhas essenciais da sua poesia, ainda ultra-romântica na forma da balada e na inspiração romanesca, mas caracterizada já por uma versificação e uma temática parnasianas, que a abundância e a estranheza das imagens desviam da impassibilidade dessa escola no sentido de uma lírica em que afloram os motivos citadinos de Baudelaire e repassada pelo esteticismo humano do pecado e do requinte aprendido nesse poeta.»¹⁹⁷.

Relativamente a António Feijó, somos testemunhas de um claro culto da beleza verbal, de um rigoroso cuidado da forma, da riqueza das rimas, da eufonia dos ritmos, do poder evocativo das imagens, elementos distintivos característicos da escola parnasiana. Por isso, e também por uma certa sobriedade aristocrática, por um pudor da emoção excessiva, pelo requinte posto na temática e nas formas, alguns críticos literários referem-se-lhe como «o mais autêntico poeta da geração parnasiana

¹⁹⁶ *Idem, ibidem*, pp. 111-112

¹⁹⁷ NEMÉSIO, Vitorino, “Gomes Leal”, in *Dicionário de Literatura*, vol. II, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984, p. 520

portuguesa de 80»¹⁹⁸. Mas, tal como temos constatado entre os autores anteriormente referenciados, também no poeta de Ponte de Lima são evidentes as marcas de uma certa heterodoxia poética, proveniente das influências recebidas, ao longo do seu percurso poético e humano, como no-lo confirma o seu amigo Luís de Magalhães:

«Por esse tempo, as influências dominantes estavam num momento de transição. Passava-se do romantismo grandiloquente e hiperbólico de Hugo, da apaixonada e veemente sensibilidade de Musset, do satanismo artificial e elegante de Baudelaire para a arte plástica, escultural e rutilante do parnasianismo (...)
Dos nossos, admirava-se, entusiasticamente, João de Deus, Antero, Junqueiro, Gomes Leal e apreciava-se com deleite Penha e Gonçalves Crespo...
O espírito de Feijó vasou-se nestes moldes e reflectiu as fases dessa evolução do gosto literário. Mas, com o tempo, a sua individualidade caracterizou-se e marcou com forte relevo o seu perfil.»¹⁹⁹

Também nos Açores, particularmente na cidade da Horta, então a capital literária dos Açores e aquela onde «(...) as gerações de poetas e prosadores se sucedem umas às outras continuamente e desenvolvendo sempre actividade grupal.»²⁰⁰, a estética parnasiana conheceu alguma fortuna. Entre as figuras que se notabilizaram, pela sua actividade poética, dramática e jornalística, conta-se o faialense Manuel Garcia Monteiro²⁰¹ (1859-1913). A sua poesia revela, em grande parte, um pendor crítico-satírico, uma visão sarcástica da realidade coeva²⁰², em tudo irmanada com a perspectiva fradiquiana, que, na época e na prosa, retratava a sociedade lisboeta de forma assaz jocosa e irónica.

¹⁹⁸ RODRIGUES, Urbano Tavares, “António Feijó”, in *Dicionário de Literatura*, vol. II, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984, p. 328

¹⁹⁹ MAGALHÃES, Luís, “Prefácio” a FEIJÓ, António, *Sol de Inverno*, Paris-Lisboa, Livraria Aillaud e Bertrand, 1922, pp. XV-XVI

²⁰⁰ SILVEIRA, Pedro da, “Prefácio”, in *Antologia da Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1977, p. 28.

²⁰¹ «Manuel Garcia Monteiro (1859-1913) nasceu na cidade da Horta, ilha do Faial, Açores. Estreou-se aos quinze anos de idade como poeta com a publicação de várias composições na imprensa local. A sua peça *Sem Cerimónia* é levada à cena no teatro Faialense em 1880, tinha o autor vinte anos. Devido a dificuldades económicas, parte para Lisboa arranando um lugar como prefeito num colégio e estudando na Escola Politécnica. Por questões de saúde, vê-se obrigado a regressar aos Açores. Em 1883 funda o jornal *O Açoriano*, dedicando-se inteiramente ao jornalismo. Nove meses depois, parte para os Estados Unidos da América a tentar a sorte. Fixa-se em Boston, trabalhando como tipógrafo e continuando os estudos. Forma-se em Medicina, que exerce nos E.U.A., e colabora em várias publicações nacionais e estrangeiras. Publicou as colectâneas *Versos* (Horta, 1894) e *Rimas de Ironia Alegre* (Boston, 1896). Os seus poemas, através da sátira e da ironia, visam a crítica social, estando, nesse aspecto, muito próximos de Eça de Queirós.» in <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/gmonteir.htm>

²⁰² Cf. por exemplo, “Talento burocrático”, “Rivais” e “O novo amanuense”, in MONTEIRO, Manuel Garcia, *Rimas de Ironia Alegre*, Boston, 1896

Dos muitos poetas²⁰³ que se associam ao movimento parnasiano nos Açores, são de destacar, pela sensibilidade artística e qualidade literária, os nomes de Manuel Joaquim Dias (1852-1930), Manuel Augusto de Amaral (1862-1942), Osório Goulart (1868-1960), Alice Moderno (1867-1945), Manuel da Silva Greeves (1878-1956), António Moreno (pseudónimo do padre José Jacinto Botelho, 1876-1946) e, obviamente, o nosso Roberto de Mesquita. Nestes, como anteriormente já foi apontado para os autores referidos, se destaca a mesma heterogeneidade, recebendo, pois, influências variadas, nacionais, de João Penha, de Gonçalves Crespo, de Cesário Verde, e estrangeiras, particularmente francesas, de Théophile Gautier, Lecomte de Lisle, Baudelaire, etc.

No entanto, a aproximação de Roberto de Mesquita à estética parnasiana não é consensual entre os críticos literários. Se, por um lado, autores há que a consideram “tangencial”²⁰⁴, outros existem, por outro lado, que julgam o poeta florentino pelo prisma de um parnasianismo “escrupuloso”²⁰⁵:

«Roberto de Mesquita realizou algumas das melhores poesias do parnasianismo português. Como poucos, parece ter seguido escrupulosamente o conselho de Gautier: *Sculpte, lime, cisèle*. Os seus versos têm a consistência do mármore. Ele fugia à rima fácil e ao automatismo técnico em que muitas vezes caem os versejadores regulares. Pelo contrário usou rimas difíceis e trabalhou a forma sempre como se se tratasse de uma novidade, com uma consciência nítida e serena.»²⁰⁶

A realização poética de Roberto de Mesquita no âmbito das normas e das técnicas parnasianas ter-se-á dado pelos primeiros anos da década de 90. Considerando as observações feitas por Jacinto do Prado Coelho de que «Em Roberto de Mesquita parnasianismo e simbolismo não se interpenetram: ou é parnasiano ou simbolista.»²⁰⁷ e que «Em 1891, Roberto de Mesquita continuava parnasiano, compondo sobriamente as suas descrições...»²⁰⁸, observações essas baseadas na

²⁰³ Cf. CARVALHO, Ruy Galvão de, *Antologia Poética dos Açores*, vol. I, Angra do Heroísmo, SREC, colecção “Gaivota”, nº 3, 1979

²⁰⁴ RODRIGUES, Urbano Tavares, “Parnasianismo”, in *Dicionário de Literatura*, vol. III, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984, p. 792

²⁰⁵ JESUS, Eduíno de, “Roberto de Mesquita, poeta parnasiano”, in *Estrada Larga*, nº 1, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), Porto, Porto Editora, s/d, p. 147

²⁰⁶ *Idem, ibidem, loc. cit.*

²⁰⁷ COELHO, Jacinto do Prado, “Roberto de Mesquita e o Simbolismo”, in *op. cit.*, p. 219

²⁰⁸ *Idem, ibidem, loc. cit.*, corroborado por SILVEIRA, Pedro da, “Cronologia”, in *op. cit.*, p. 234, que estende a lista dos poemas maioritariamente parnasianos à secção “Novos Poemas”, de *Almas Cativas*.

datação de alguns dos poemas publicados na imprensa regional, mormente das ilhas das Flores e do Faial, e recolhidos na secção “Dispersos”, da edição de Pedro da Silveira de *Almas Cativas*, somos levados a concluir, uma vez mais, que o percurso lírico do poeta florentino ter-se-á realizado num processo de evolução progressiva, até culminar na fase decadente-simbolista, como se de um aprendiz se tratasse: primeiro, o juvenil despertar para a poesia, depois, o treino formal no rigor da forma e da palavra e, por fim, a abertura ao apelo metafísico das vozes da natureza e das formas extra-sensoriais.²⁰⁹

Em 1885, os irmãos Mesquita, Carlos e Roberto, encontram-se em Angra do Heroísmo, iniciando os respectivos estudos liceais e, de acordo com o testemunho do poeta Manuel Augusto de Amaral, então aluno externo do seminário, teria sido aqui, neste ambiente académico (recorde-se que, ao tempo, o Liceu Nacional e o Seminário Diocesano de Angra funcionavam no mesmo espaço físico²¹⁰) que Carlos de Mesquita começaria a interessar-se, verdadeiramente, pela criação literária, integrado que estava num grupo afim²¹¹ e tendo o irmão, por ora, como ouvinte curioso. Porém, a experiência estudantil de Carlos e Roberto de Mesquita na cidade episcopal açoriana não foi bem sucedida e, no ano seguinte, ambos encontravam-se matriculados no Liceu da Horta.

Aqui, na ilha do Faial, deparam-se com um ambiente de grande actividade jornalística e literária. Encontram, como professores do Liceu, personalidades ligadas ao parnasianismo açoriano, como Rodrigo Guerra, Ludovico de Meneses, de quem se tornam amigos e pelos quais são estimulados na prática literária, sendo, inclusivamente, admitidos na tertúlia da redacção d’*O Açoriano*, jornal fundado por Garcia Monteiro e identificado com a estética da impassibilidade. Eram colaboradores, para além dos já mencionados, poetas e contistas, como Manuel Joaquim Dias, Manuel

²⁰⁹ Informa-nos Pedro da Silveira que o simbolismo terá chegado aos Açores por volta de 1893, com o versilibrismo do micalense Duarte Bruno (1868-1950), o que, conjugado com a ida de Carlos de Mesquita para Coimbra um pouco antes dessa data, ajuda a explicar a afinidade de Roberto de Mesquita aos valores parnasianos, então muito em voga nos Açores, como no Continente. Cf. SILVEIRA, Pedro da, “Prefácio”, in *Antologia da Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, Lisboa, Sá da Costa, 1977, p. 23.

²¹⁰ Cf. “Ensino”, in <http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=2916> e, como informação complementar, <http://www.ecclesia.pt/seminarioangra/>

²¹¹ Diz-nos Pedro da Silveira que, neste grupo, estariam incluídos indivíduos, futuramente ligados ao jornalismo e/ou à literatura em geral, como Alfredo de Mesquita, Câmara Lima, Faustino da Fonseca, Joaquim Borges de Meneses, Manuel Augusto de Amaral e Duarte Bruno. In “Cronologia”, *op. cit.*, p. 230

Zerbone²¹², Florêncio Terra, entre outros.

Ao Faial chegavam, com bastante frequência os jornais e revistas da metrópole e, deste modo, esta “elite literária” faialense mantinha-se a par das novidades que por lá iam acontecendo. É nesta confluência de aptidões e circunstâncias redactoriais que, por exemplo, chega à ilha *O Livro de Cesário Verde*, através do oficial do exército Henrique das Neves, o qual o terá recebido como oferta do próprio Silva Pinto e, após a sua chegada à Horta foi largamente «copiado e recopiado, deu origem a todo um culto pela maneira poética do autor d’”O Sentimento dum Ocidental”»²¹³.

Não espanta, pois, que nesta “iniciação poética”, Roberto de Mesquita se tenha deixado entusiasmar pela poesia da arte pela arte, do gosto estético, do rigor formal, ao ponto de afirmar: «O meu amor de esteta apenas se dirige / à perfeição da forma.»²¹⁴.

Alguns críticos e, nomeadamente, Eduíno de Jesus, revelam nítidas influências de Lecomte de Lisle e de Gonçalves Crespo, nas poesias mais marcadamente parnasianas de Roberto de Mesquita. Relativamente ao poeta francês, não nos é possível asseverar com segurança que o poeta florentino o tenha conhecido de forma directa, isto é, lendo a sua poesia no original. Como já foi referido, da biblioteca pessoal de Roberto de Mesquita nada sobrou, em virtude da acção dos seus herdeiros. Contudo, Mesquita poderia tê-lo feito por interposição do irmão que, a partir de Coimbra, o informava das diversas tendências estéticas que se entrecruzam neste espaço finissecular.

O mais certo, porém, será crer-se que alguma presença de Lecomte de Lisle em *Almas Cativas* se deva a leituras e a autores portugueses que, como foi sendo habitual ao longo de todo o século XIX, se inspiram avidamente na literatura francesa. Foi assim com a Geração de 70 e, quase em simultâneo, com os parnasianos que orbitavam à volta da revista coimbrã *A Folha*, entre eles João Penha e Gonçalves Crespo.

Assim sendo, é-nos possível desenhar um traço comum entre os autores de *Poèmes Antiques* (1862), de *Nocturnos* (1882), e de *Almas Cativas*: o mesmo gosto

²¹² Cf. Alguns dados bio-bibliográficos em SILVEIRA, Pedro da, *Antologia da Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*.

²¹³ SILVEIRA, Pedro da, “Proveniência dos poemas”, in *Almas Cativas...*, p. 213

²¹⁴ Cf. JESUS, Eduíno de, *op. cit.*, p. 145

pelo orientalismo, pelo exótico, a mesma vontade de evasão para outras culturas e outras eras. Os caminhos percorridos são distintos, mas permanece a mesma atitude estética, de contemplação do belo, e a prática do rigor formal. Se, no poeta francês, os apelos da veia poética o conduzem até à Grécia e ao Oriente, tomando conhecimento directo com as literaturas daquele país e com a literatura sagrada hindu, já Gonçalves Crespo presta maior atenção à cultura árabe (“O juramento do Árabe”) e Roberto de Mesquita, talvez ainda motivado pela sua formação católica, nos oferece alguns quadros dramáticos extraídos da tradição judaico-cristã (“Agag”, “Natan”, “João Baptista”, “Tabita”, ...).

Gonçalves Crespo terá sido, pois, dos autores parnasianos que mais influenciou o poeta florentino²¹⁵. Neste, como naquele, está presente o gosto pelo descritivismo rigoroso, pela notação precisa e, nalguns casos, pela minuciosa descrição de ambientes, características estas tão típicas da escola poética que agora nos ocupa:

Cláudio Túlio, que fora outrora militar,
Que vivera na Síria e vira devastar
A Judeia, incendiar o templo, referia
O seguinte episódio à nobre companhia
Que havia reunido em sua rica vila,
Numa tarde estival, feérica e tranquila. (“A Crucificada”)

Paisagem rufa e penhascosa, um dia adusto.
Sentado sobre um morro um homem só e absorto,
Pondo no céu de fogo a nódoa do seu busto,
Contempla lá ao longo as águas do Mar Morto. (“João Baptista - I”)

Nessa bandeja de oiro erguia-se, sangrando,
Uma cabeça humana há pouco decepada,
No sangue a cabeleira e as barbas ensopadas,
O olhar baço e medonho, a face transtornada. (“João Baptista - IV”)

Para além disso, o recurso a estruturas típicas da narrativa (a clara referência a marcas temporais e espaciais, o aproveitamento poético da técnica do diálogo, a voz de um narrador que orienta o discurso e apresenta diferentes planos descritivos) está presente em diversas poesias que denunciam o gosto parnasiano destes dois poetas. Em “O juramento do árabe”²¹⁶, de Gonçalves Crespo, e “Natan”, de Roberto de Mesquita, por exemplo, encontramos, em poemas imbuídos da mesma

²¹⁵ *Idem, ibidem*, p. 146

²¹⁶ CRESPO, Gonçalves, *Obras Completas* (organização de Afrânio Peixoto), Rio de Janeiro, Livros de Portugal Lda, 1942, pp. 170-171

génese dramática, as características acima apontadas, se bem que desenvolvidos em estruturas estróficas distintas.

No texto de Gonçalves Crespo, conta-se a história do chefe árabe Amrú que «(...) lanças mil aos rudes prélios leva / E que em sangue inimigo, irado, os ódios ceva,», na incansável e custosa busca de Muhalhil, para vingar a morte de seu filho Omar. Certo dia, na presença de um escravo, o rei, confrontado por aquele, debate-se com um intenso conflito interior, dramaticamente acentuado pela consciência da dignidade e da honra, ao ter que, involuntariamente, perdoar àquele que tanto desejava matar.

Em “Natan”, Roberto de Mesquita recupera uma situação bíblica, contada sob a forma de parábola. Natan, «servo de Adonai», comparece junto do rei David para lhe contar o caso de um rico homem que, para agradar a um convidado ocasional, não hesita em retirar a um «pobre e desditoso», que vivia à sombra do seu casal numa «humilde cabana velha», a sua única riqueza: uma ovelha. O rei reage violentamente, dando, assim, expressão à sua profunda indignação perante tal comportamento. No entanto, logo de seguida, Natan esclarece que se estava referindo, de forma figurada, ao próprio rei, o qual, como o rico homem da parábola, roubara a única mulher do seu «servo fiel Urias, o eteu». Uma vez mais, a personagem é confrontada com a sua consciência e dá-se conta do seu procedimento, assumindo os erros próprios.

“Escravo, atende e escuta:
Aponta-me a região, o monte, o plaino, a gruta,
Em que vive o traidor Muhalhil, diz a verdade;
Dá-me que o alcance vivo e é tua a liberdade!”

E o moço perguntou:

“É por Alá que o juras?”

- Juro, o chefe tornou.

“Sou o homem que procuras!

Muhalhil é o meu nome, eu fui que espedacei
A lança de teu filho e aos pés o subjuei!

E intrépido fitava o atónito inimigo.

Amrú voltou: - És livre, Alá seja contigo!

“O juramento do árabe”

«Vive o Senhor Jeová!», exclama aceso em ira
O vencedor de Amon, ao ouvir palavras tais.
«Quem tal fez é infame! E se eu o descobrira
Dá-lo-ia em banquete aos corvos e aos chacais.»

«Pois digo-te em verdade», o velho clama então
Numa tremenda voz que o eco repetiu,
«Que o criminoso autor duma tão vil acção
És tu, rei de Israel, que o Senhor ungiu!
(...)»

Ora o rei de Israel perante essa invectiva
Transtornado ergue ao céu uns olhos de terror,
Chamando numa voz aflita e convulsiva:
«Minha vida manchei, pequei contra o Senhor!»

“Natan”

Como se pode verificar, o enquadramento psicológico do drama é semelhante e, num e noutro poema, «(...) é numa surpresa, numa revelação imprevista e

inesperada, e de natureza semelhante, que culmina a intensidade dramática da breve história narrada.»²¹⁷

Outro poeta que marcou de forma decisiva, e impressionante, a poesia de Roberto de Mesquita, foi Cesário Verde. Terá sido, certamente, desde os tempos de estudante na cidade da Horta que o poeta florentino tomou conhecimento com a obra do autor de *O Livro* e, desde logo, impulsionado, porventura, por alguns dos seus professores de Liceu (mormente, Rodrigo Guerra, de quem se tornou amigo muito próximo) e amigos, também eles envolvidos nas muitas tertúlias literárias que apareciam um pouco por toda a cidade, Roberto de Mesquita não se coibiu de, à maneira de Cesário, emprestar o seu cunho poético às paisagens rurais, à descrição de ambientes e de motivos citadinos.

As cenas do campo, a alegria, a vitalidade e a sanidade rurais, tão queridas na poética verdiana, também estão presentes em, por exemplo, “Na aldeia”:

Em uma eira, ao luar, alegres, venturosos,
Dançam alguns aldeões, e elevam-se animados,
Ao som duma viola, os cantos amorosos;
Trocam-se à luz da Lua olhares namorados. (“Na aldeia”)

A temática amorosa é escassa na poética mesquitiana e, nos casos em que ela é evidente, dá-se a conhecer num tom magoado e distanciado, facto que releva de uma consciente contenção de sentimentos, como se se tratasse de uma envergonhada e íntima revelação²¹⁸, e faz sobressair as sinestésias e as sensações auditivas e visuais, praticando, *inclusive*, o verso alexandrino e o hexassílabo, características estas tão à maneira de Cesário Verde. Podemos-lo verificar no poema intitulado “Remember”, inserido na secção “Alma”:

E o primeiro serão sem ti, no quarto mudo
Donde escutava a chuva e o vento sibilante!
Com que mágoa eu lembrava essa voz de veludo
E esse riso cantante!

Longo tempo fumei ouvindo a crebra chuva
E o aflitivo nordeste em cujo uivar plangente

²¹⁷ JESUS, Eduíno de, *ibidem*, p. 147

²¹⁸ Diz-nos Pedro da Silveira, através de algumas auscultações que realizou, nas Flores e no Faial, que apenas se reconhece a Roberto de Mesquita um único amor verdadeiro, com uma filha do médico Dr. Júlio César de Caires Camacho (Maria José?), o qual, por motivos desconhecidos, terá terminado por volta de 1907. O poeta acabaria por casar, em 1908, com Maria Alice Lopes, professora primária, numa «espécie de arrumação de vida, à beira dos 37 anos.» Cf. “Cronologia”, op. cit., pp. 234-235

A alma do Inverno, como uma alma de viúva,
Chorava aguadamente...

Noutro poema com o mesmo título “Remember”, este inserido na secção “Poemas Dispersos”, e significativamente dedicado ao seu amigo, poeta parnasiano, Rodrigo Guerra, encontramos ecos de “Setentrional” e de “De Tarde”, de Cesário Verde. Naquele, como nestes, assistimos a uma fuga dos amantes da cidade para o campo e aí se comprazem no convívio mútuo e na fruição das emanações da natureza, sugestivamente apresentadas nas descrições, do elemento feminino e da paisagem, na adjectivação expressiva, nas sinestésias e da comparação.

O retrato de uma cidade soturna, triste, progressiva e inexoravelmente envelhecendo, acentuada pela desfiguração das formas dos edifícios e onde o sentimento de disforia motiva o ideal de evasão, é comum aos dois poetas. Roberto de Mesquita viveu pouco tempo em Angra do Heroísmo, e cerca de 3 anos na Horta, mas isso não o inibe de projectar, esteticamente embora, imagens e experiências citadinas, como se, de facto, tivesse lá vivido longamente. Elas resultam, certamente, das vivências pessoais, mas, fundamentalmente, das leituras feitas. É assim que, à maneira de Cesário Verde, encontramos em “A Chuva” uma cidade entorpecida e fria, desagradável ao olhar e à alma e convidando à fuga para outros espaços e outros tempos, bem mais exultantes e apetecíveis.

A chuva cai sobre a cidade amargamente,
Sobre a cidade que parece envelhecida...
Não voltarão o azul e o mimo adolescente
Dessas meigas manhãs em que se adora a vida.

Envolve todo o burgo uma tristeza parda;
Sob a cinérea chuva as formas desfalecem.
E eu creio ter por alma uma nua mansarda
Onde sibila o vento e onde as aranhas tecem. (“A Chuva”)

Em “Idílio”, deparamo-nos com uma espécie de oposição cidade/campo, onde o deambular das personagens – o poeta e a sua companheira – permite a expressão de sentimentos e sensações de euforia, quando atravessam o ambiente campestre, e de disforia, quando regressam à atmosfera citadina. Esta perspectiva dual e antagónica da realidade assenta na descrição atenta e minuciosa dos espaços e dos motivos, permitindo, assim, a expressão do olhar crítico do poeta, atitude esta tipicamente

verdiana e que encontramos, também, no poeta parnasiano faialense Garcia Monteiro, que Roberto de Mesquita conhecia, por certo.

«Serpenteava num vale a estrada tortuosa
Onde íamos os dois bebendo a tarde olente.
Paisagem fresca após a quadra pluviosa,
Um céu de intenso anil com fulvos tons de poente.

Vejo-te inda parar, sorvendo, graciosa,
Os eflúvios do campo, inebriadamente.
Nessa tarde de Março, azul e carinhosa,
A natureza tinha um ar convalescente... (“Idílio – I”)

Ermás as ruas, não rodava um carro.
Eu mergulhara num sonhar bizarro.
Fumava um boticário à sua porta,

Olhando o céu aveludado e bela,
E um clarim, a silêncio, num castelo,
Tristemente apelou na noite morta...» (“Idílio – II”)

O sentimento de opressão e de exclusão em relação ao espaço que se habita perpassa por “Dia Santo”²¹⁹ (in “Poemas Dispersos”), da mesma forma como já vinha expresso em “Contrariedades”, pelo autor d’*O Livro*. Neste último caso, o poeta, assumindo uma perspectiva paralela com a situação da engomadeira, procede à análise introspectiva para se confrontar com a sua inadaptação social e espacial. A consciência das injustiças sociais e a revolta interior, pela incompreensão humana, constituem-se, pois, como uma marca distintiva da poética de Cesário Verde.

A atitude do poeta florentino, no poema referido, é semelhante e reveladora da influência de Cesário sobre Roberto de Mesquita. Em “Dia Santo”, sugestivamente subtulado “Versos dum isolado”, na medida em que exprime uma mesma sensação de exclusão e de inadaptação ao meio, encontramos o aproveitamento dos mesmos recursos formais – o desenvolvimento do texto sob a forma estrófica da quadra; a rima ora cruzada, ora emparelhada e interpolada; a métrica decassilábica – e temáticos. Até a postura do sujeito poético é semelhante, em ambos os casos: privilégio de uma posição de observação que conduz, por um lado, à denúncia das situações do dia-a-dia que causam desconforto e repúdio e, por outro, numa situação de introspecção que acentua e agudiza a consciência de isolamento e de clausura.

²¹⁹ Publicado n’*O Açoriano*, 27 de Setembro de 1891. Cf. SILVEIRA, Pedro da, *op. cit.*, p. 213

Se o Cesário de “Contrariedades” foi capaz de, no fim, superar essa nevrose da exclusão e da insatisfação, pela conformidade ao meio e ao espaço, em Roberto de Mesquita, ao invés, este desconforto existencial persiste, apesar da tentativa de fuga para um outro tempo e outro lugar (“... Aumenta a minha mágoa, / Porque fico a evocar lindíssimos países.”). No entanto, quase que poderíamos dizer que estamos em presença da prática do mesmo exercício poético entre mestre e discípulo, sem que nenhum dos trabalhos desmereça do outro, porque, partindo de um fundo comum, acabam por se distinguir pelos caminhos independentes que seguem.

«Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrível! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente.

«Estou hoje sombrio, doente, aborrecido,
Invadiu-me não sei que pessimismo azedo;
O dia está tão triste! E sinto-me oprimido
Sob o nevoento céu, grosso como um rochedo.

Dói-me a cabeça. Abafo uns desesperos mudos:
Tanta depravação nos usos, nos costumes!
Amo, insensatamente, os ácidos, os gumes
E os ângulos agudos.

Fechou a oficina aqui defronte, o dono
Foi passear. Odeio este ócio domingueiro,
E um piano que tem levado o dia inteiro
A gemer uma valsa horrível, que faz sono.

(...)
E estou melhor; passou-me a cólera. E a vizinha?
A pobre engomadeira ir-se-á deitar sem ceia?
Vejo-lhe luz no quarto. Inda trabalha. É feia...
Que mundo! Coitadinha!»

(...)
E vou talvez viver, morrer nesta prisão!...
Anoitece, chuveira. Eu fumo desolado.
No entanto passa a rir um grupo endomingado,
Contente no seu meio e isento de ambição...»

“Contrariedades”

“Dia Santo”

O diálogo estético-artístico de Roberto de Mesquita com outros poetas do seu tempo, que não necessariamente da sua geração, estende-se, também, a António Feijó (1859-1917), como nos confirma o depoimento de Pedro da Silveira²²⁰. Na verdade, não nos estranha esta atenção de Mesquita ao poeta de Ponte de Lima, por um lado, devido à presença frequente de poemas seus nos jornais e revistas literárias da época²²¹, que por certo também chegariam aos meios estudantil e cultural da Horta, e, por outro lado, dado o reconhecimento e aprovação que as qualidades poética e humana de Feijó usufruiu no seu tempo entre os mais esclarecidos espíritos da época²²².

²²⁰ Cf. SILVEIRA, Pedro da, “Carlos e Roberto de Mesquita”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d, p. 142

²²¹ MARTINS, J. Cândido, “Prefácio”, in *Poesias Completas de António Feijó*, Porto, Edições Caixotim, 2004, pp. 13 e 24

²²² *Idem, ibidem*, p. 8

A personalidade poética de António Feijó surge-nos multifacetada, “caleidoscópica”²²³, dada a confluência, na sua obra, de características técnico-formais e temático-estilísticas oriundas de diferentes escolas poéticas:

«(...) do legado idealista e romântico-positivista à revitalização parnasiana; do simbolismo integrador e do decadentismo agónico e finissecular até às tendências saudosista e vitalista do neo-romantismo, já nos alvares do modernismo.»²²⁴

Esta tendência para a dispersão, no modo de sentir e de exprimir o sujeito e o mundo, é, na verdade, muito característica dos autores da última metade de Oitocentos (não será assim, desde sempre?). O próprio António Feijó reconhece a importância do legado de pensadores e poetas como Victor Hugo, Theophile Gautier, Charles Baudelaire, Lecomte de Lisle, Giacomo Leopardi, Augusto Comte, Schopenhauer, Herbert Spencer, por exemplo, como poderemos depreender das referências que lhes são feitas nas inúmeras citações peritextuais, que nos são apresentadas enquanto introduções a poesias suas, ou enquanto textos de metapoética que abrem algumas das suas obras²²⁵.

Deste modo, resulta que a poesia de António Feijó, alicerçando-se «(...) na agilidade métrica e estrófica, na inventiva imagética e estrófica, na ressonância filosófico-existencial, na rara sensibilidade expressiva, ...»²²⁶ não deverá ser usufruída nos rígidos limites desta ou daquela tendência literária particular, mas como o resultado da confluência de «(...) múltiplas orientações estéticas, recebidas e assimiladas por uma poética pessoal, nunca estagnada, antes manifestamente sincrética.»²²⁷

A influência de António Feijó na poesia de Roberto de Mesquita é particularmente evidente no soneto “Flor Murcha”. Aqui, como em “Pálida e Loira”²²⁸, de Feijó, são enfatizados os contrastes semânticos denotadores de euforia/disforia, de vida/morte, de esperança/resignação. No texto do poeta açoriano, esta visão

²²³ *Idem, ibidem, loc. cit.*

²²⁴ *Idem, ibidem, p. 12*

²²⁵ Cf., por exemplo, “Prefácio” a *Transfigurações* (1882) e, complementarmente, o “Prefácio” de Luís de Magalhães a *Sol de Inverno*, in MARTINS, J, Cândido, *op. cit.*, p. 328

²²⁶ MARTINS, J, Cândido, *op. cit.*, p. 15

²²⁷ *Idem, ibidem, p. 22*

²²⁸ MARTINS, J, Cândido, *op. cit.*, p. 89

dicotómica da vida realiza-se pelo recurso intensivo ao valor expressivo da adjectivação, quase sempre dupla: “brancas mãos ideais” (morte); “pequeno caixão vermelho” (morte); “Ele que era mais vivo e alegre” (vida); “O seu olhar (...) aveludado e puro” (vida) “triste rostinho inerte” (morte). Para além disso, esta adjectivação, restritiva e não restritiva, complementada com o uso da comparação, marcas específicas da técnica poética parnasiana, procuram relevar o sentimento irreparável da perda e a profunda dor daí consequente, pela sugestão das sensações visuais e auditivas que lhes estão associadas.

Flor Murcha

«Cruzadas sobre o peito as brancas mãos ideais,
Num pequeno caixão vermelho como a aurora,
Ele que era mais vivo e alegre que os pardais
Entre a raiz das flores vai repousar agora.

O seu olhar que outrora, aveludado e puro,
Espargia ao sorrir a luz da madrugada,
Agora embaciado, extinto, morto, escuro,
É triste como a paz da noite desolada.

Duas gotas de pranto adornam o palor
Do seu triste rostinho inerte, sem calor,
Como em ebúrneo engaste aljofres a luzir...

São lágrimas de mãe, cristais de imensa dor,
São orvalhos que o céu em vão deixou cair
Na corola já seca e morta duma flor!»

O poema de António Feijó, “Pálida e Loira”, também faz valer a sua riqueza sémica a partir do aproveitamento da expressividade da dupla adjectivação, repetida, como se de um refrão se tratasse. Este processo, de repetição, não verificado em Mesquita, cria no leitor o mesmo efeito disfórico de tristeza e dor, através do recurso a sensações visuais e tácteis, e sonoras, que dão a dimensão da inexorabilidade da morte sobre a vida.

Mas, partindo de uma situação comum, o retrato da morte e o sentimento de perda, os textos autonomizam-se na medida em que apresentam perspectivas diferentes. Mantendo a tónica descritiva e estática, o poeta, em “Flor Murcha”, destaca a dor da mãe que perde o ente querido e parece solidarizar-se com ela, pela consciência que tem do valor da vida (“Ele que era mais vivo e alegre que os pardais”), confrontada, agora, num quadro de extremo sofrimento (“São lágrimas de mãe,

cristais de imensa dor,“). Por outro lado, o jogo semântico suscitado pelas comparações permite destacar a relação antitética morte/vida (“caixão vermelho como a aurora”) e a interminável e indefinível solidão *post-mortem* (“É triste como a paz da noite desolada.”).

António Feijó, em “Pálida e Loira”, por seu turno, parte de uma perspectiva um pouco distanciada do sujeito poético em relação à imagem da morte, acentua-lhe a palidez e a frialdade, como marcas impressivas e identificadoras, e só no final do soneto, de forma mais evidente e eloquente, é que exprime o seu grito de repúdio e de incompreensão pela submissão da vida à inexorabilidade da morte, formalmente apresentados através do recurso às exclamativas e ao advérbio de negação (“E eu nunca mais pude esquecê-la, nunca!”).

A presença do poeta limiano nos versos de Roberto de Mesquita parece, ainda, insinuar-se noutras composições cujas temáticas, seguindo de perto a aventada em “Flor Murcha”, como vimos, continuam a apontar para a expressão dos sentimentos de perda e de saudade, ou, noutros termos, opondo uma euforia passada e irrecuperável a uma disforia presente e irremediável²²⁹. Referimo-nos, concretamente, aos poemas “Doente”, inserido na secção “Poemas Dispersos”, e “Soneto”, presente na secção “Melancolia”.

Aliás, estes três poemas mesquitianos parecem-nos constituir, em si mesmos, uma tríade perfeita, ou um quadro tríptico, apresentando a evolução do estado físico e psicológico de alguém, um ser feminino, apesar da *nuance* masculina presente em “Flor Murcha”, que morre prematuramente e cuja beleza física e vivacidade juvenis, aos olhos do poeta, em muito contribuem para a intensificação da tragicidade do acontecimento.

Soneto	Doente
«Ah! Nunca mais verei seus lábios sorridentes, Exalando frescor, candura, ingénuos ditos! Em vão no seu coval meus tristes olhos fitos	«Tu eras noutro tempo encantadora, Quando tinhas saúde e alegria; Teu olhar ao fitar-nos espargia

²²⁹ A presença obsidiante da morte e os correlativos sentimentos de perda e de saudade são algumas das marcas impressivas da poesia de *Líricas e Bucólicas*, publicada em 1884, e que dão testemunho do sincretismo estético finissecular, tão característico em António Feijó. Em especial nos sonetos “Em frente do esquife” e “Pálida e Loira”, dá-se expressão a sentimentos de estrato romântico e, já, pré-decadentistas-simbolistas, sustentados numa forma caracteristicamente parnasiana. A mesma apreciação afigura-se-nos válida para o conjunto de sonetos de Roberto de Mesquita que temos estado a abordar.

Tentam romper o chão, mineiros impotentes.

Nunca mais lhe ouvirei os risos inocentes,
O alegre chalar como o dos passaritos!
Amargo «nunca mais», nos corações aflitos
Tens dum dobre de enterro as vibrações plangentes.

Mas, enquanto eu soluço, o vale, as serranias
Mostram a placidez dos venturosos dias,
Pasmam da tarde azul no lânguido torpor...

Oh! Como a fleuma eterna, o frio desinteresse
Que o Imóvel mantém perante quem padece,
Fere o nosso egoísmo, e insulta a nossa dor!»

A doce luz puríssima da aurora.

Como era lindo ver-te branca e loura
Percorrer o jardim num claro dia!
Todo o teu ser angélico sorria
Como uma flor que a luz afaga e doura...

Mas hoje, definhada, emagrecida,
Nem te ergues já do leito... Enquanto a vida
Agora, ao sol de Abril, canta e palpita

Na alegria do campo rescendente,
Tu vais emurhecendo lentamente,
Pobre flor, desditosa Margarita!»

De acordo com o testemunho de Pedro da Silveira²³⁰, “Soneto” foi publicado no jornal faialense *O Açoriano*, a 26 de Abril de 1891, e “Flor Murcha” no jornal florense *A Ilha das Flores*, em 09 de Agosto de 1891. Quanto a “Soneto”, o incluso em “Melancolia”, que não o outro “Soneto” que nos surge em “Poemas Dispersos”, não conhecemos a data da sua composição, mas, pela temática apresentada e pela particularidade formal de se expressar em alexandrinos, como “Flor Murcha”, somos convidados a concluir que poderá ter sido escrito, mais ou menos, pela mesma época.

1.4. Roberto de Mesquita e o baudelairianismo

A influência tutelar de Charles Baudelaire sobre a literatura, em verso como em prosa, finissecular do século XIX é um facto incontornável e amplamente reconhecido, quer entre os próprios autores, quer no âmbito da crítica literária. A edição de *Flores do Mal* (1857) revelou-se como um dos marcos mais significativos da criação literária Oitocentista e as suas repercussões assumiram foros de autêntica revolução literária, na medida em que implicaram uma ruptura com os cânones morais, estéticos e formais, como até então vinham a ser encarados.

«Mas com Baudelaire, a poesia francesa sai enfim das fronteiras da nação. Ela faz-se ler no mundo; impõe-se como a poesia mesmo da Modernidade; gera a imitação e

²³⁰ SILVEIRA, Pedro da, *op. cit.*, p. 213

fecunda numerosos espíritos. Homens como Swinburne e Gabriele D'Annunzio testemunham magnificamente a influência baudelairiana no exterior.»²³¹

Com Baudelaire, assistimos à afirmação do homem na sua individualidade e singularidade, pela assumpção do sujeito de carácter *sui generis*, de pensamento subtil e comportamento original e, por vezes, extravagante. Estamos perante a figura do dândi, não enquanto ser que se afirma pela elegância do porte e do vestuário, mas como alguém que se afirma pela sua estatura moral, relevando valores de individualismo e de liberdade, pela reacção social e política com contornos de superioridade aristocrática, que o levam a rejeitar o vulgo, o banal, o ordinário e, por fim, uma posição estética do espírito que permite a fuga à banalidade e ao convencional, ao mesmo tempo que afirma, por confrontação, muitas vezes, a superioridade de uma nova expressão literária.

O discurso poético de Baudelaire, educado embora num ambiente de lastro romântico, onde pontificam as figuras de Lamartine, de Victor Hugo, de Musset e Vigny, afasta-se da cidadania e torna-se um elemento dissonante, altera-se radicalmente, após a descoberta das obras de Edgar Allen Poe que lhe mostram “um novo mundo intelectual”:

«O demónio da lucidez, o génio da análise, e o inventor das combinações mais inovadoras e sedutoras da lógica com a imaginação, do misticismo com o cálculo, o psicólogo de excepção, o engenheiro literário que aprofundou e utilizou todos os recursos da arte, surgiram-lhe em Edgar Poe e maravilharam-no.»²³²

A partir deste momento, o trabalho estético perde o seu valor romântico de moralização social, deixa de se confundir com as boas acções, a arte divorcia-se do seu carácter socializante, passando a relacionar-se negativamente com uma sociedade estéril, materialista e acéfala. Chegamos a uma nova configuração da arte, enquanto sistema expressivo de valores filosóficos, morais e estéticos. A criação literária deixa de ser, apenas, representativa, mas passa a pensar-se a si própria, no próprio texto ou através de ensaios e de manifestos que constantemente controlam as razões do acto de criação e do lugar desta nova literatura num mundo que lhe parece cada vez mais

²³¹ Valéry, Paul, “Introdução às *Flores do Mal*”, apud BAUDELAIRE, Charles, *As Flores do Mal*, tradução de Maria Gabriela Llansol, Lisboa, Relógio d'Água, 2003, p. 359

²³² *Idem, ibidem*, p. 360

hostil.

«Descontente com todos e descontente comigo mesmo, ser-me-ia grato redimir-me e vangloriar-me um pouco, no silêncio e na solidão da noite. Almas daqueles a quem amei, almas daqueles que cantei, fortaleci-me, amparai-me, afastai de mim a mentira e as emanações corruptoras do mundo; e vós, Senhor meu Deus! Concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me dêem a certeza de que não sou o último dos homens, de que não sou inferior àqueles a quem desprezo!»²³³

O poeta torna-se, assim, um ser egotista, voltado para si mesmo, numa atitude de autognose e de auto-análise, indiferente à multidão e aos valores materiais. O trabalho poético daí resultante, na senda de Edgar Allen Poe, conforma-se no rigor e na precisão, como se se tratasse da resolução de um problema matemático. A poesia purifica-se, tanto dos imperativos da razão quanto das ingenuidades de um sentimentalismo romântico:

«Poe compreendeu que a poesia moderna se deve conformar à tendência de uma época que assistiu à separação cada vez mais nítida dos domínios da actividade, e que pode pretender realizar o seu objectivo próprio e produzir-se, de certo modo, em estado puro.

Daí resultava a análise das condições da voluptuosidade poética, definição por exaustão da poesia absoluta – Poe mostrava uma via, ensinava uma doutrina muito sedutora e muito rigorosa, na qual uma espécie de matemática e uma espécie de mística se uniam...»²³⁴

Que poesia é esta, que marcou de maneira tão impressionante várias gerações de poetas e literatos?

Um dos primeiros traços mais impressionantes desta nova poética foi, numa espécie de prolongamento do chamado romantismo negro, aquilo a que se convencionou designar por “satanismo baudelairiano” e que consiste numa atracção irresistível pelo mal, dando-lhe, contudo, uma nova dimensão. Nele, o poeta procurou, mais que falar sobre o mal, o demónio, a presença luciferiana entre o convívio dos homens, torná-los presentes através da linguagem, das imagens e metáforas da sua poesia, apresentando-nos instantâneos de uma Paris decadente²³⁵, soturna, ignóbil e miserável, tanto moral como socialmente. Baudelaire procede, assim, à subversão dos parâmetros do gosto, do permitido em literatura e provoca o conseqüente escândalo.

²³³ BARROSO, Ivo, *Charles Baudelaire: Poesia e Prosa*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 2006, p. 287

²³⁴ Valéry, Paul, *ibidem*, p. 368

²³⁵ CASTRO, Sílvio, *O Percurso Sentimental de Cesário Verde*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, nº 114, 1990, p. 42

Porventura mais importante que este legado satânico à moderna poesia pós-Baudelaire, tenha sido a expressão de uma mundividência e teoria do conhecimento fundada na assumpção de analogias e correspondências entre os mundos espiritual e material. O soneto “Correspondências”²³⁶ apresenta-nos não apenas uma “arte poética”, logo aproveitada pelos simbolistas como texto paradigmático de escola, mas, também, uma interpretação da realidade, onde se evidenciam as relações poeta/mundo, a apreensão do invisível e do incognoscível a partir do real e das potencialidades da palavra, exponenciadas pelas capacidades expressivas das sinestésias.

«O mundo visível seria assim uma correspondência de um mundo invisível e superior, uma imagem imperfeita e caduca desse céu cuja conquista o poeta deveria empreender, a fim de que lhe pudesse ser revelada aquela “tenebrosa e profunda realidade” de que nos fala Lavater e que o próprio Baudelaire evoca no soneto.»²³⁷

Outro legado baudelairiano à poesia finissecular e contemporânea foi a concepção do poeta enquanto ser passante e observador, imbuído, por vezes, de uma atitude aristocrática que o faz distinguir-se dos restantes mortais e deles se distanciar.

Resultado das transformações económicas e sociais que se operam em França, e um pouco por toda a Europa, como fruto do desenvolvimento industrial, acarretando um proletariado crescente e progressivamente mais reivindicativo, a partir da década de quarenta, assistimos a fortes tensões sociais e de carácter revolucionário, quase sempre colocando burgueses e proletários em lados opostos da barricada, como se verificou na insurreição de Junho de 1848, em Paris, e culminando com a Comuna de Paris, em 1871, que instituiu, embora por breves instantes, o primeiro governo operário da história.

As elites intelectuais, dando conta desta cada vez mais extremada desigualdade social, desde logo começaram a tomar posição crítica face a uma sociedade injusta e descaracterizada, já que os propósitos da igualdade, da liberdade e da prosperidade eram substituídos pela exclusão, pela miséria e pela podridão sociais. Os meios diferenciam-se, pois, com uma burguesia a refugiar-se no seu comodismo e no seu luxo, fazendo dessa auto-exclusão a sua barreira protectora contra o miserabilismo do

²³⁶ LLANSOL, Maria Gabriela, *op. cit.*

²³⁷ BARROSO, Ivo, *op. cit.*, p. 71

proletariado.

Reagindo contra esta sociedade desigual e degradada, o poeta procura encará-la a partir de uma posição distanciada, numa espécie de alheamento snob e elitista, procurando, com a assumpção de um estilo pessoal próprio e original, demarcar-se do vulgarismo e do social e eticamente reprovável. Surge, deste modo, a figura do “dândi”, tão caracteristicamente baudelairiano:

«Os modelos da vida privada no século XIX são inseparáveis das circunstâncias econômicas e sociais criadas pela indústria. Industrialização, urbanização e multidão também são fenômenos interligados. Algumas formas de afirmação de identidade nos indivíduos emergiram com o surgimento da multidão. Marcar a diferença é o reverso da massificação, e o dandismo representa uma forma radical de rejeição a todo tipo de uniformização. Essencialmente aristocrático, o dândi preserva sua individualidade usando a máscara da indiferença. Ele cultiva o gosto do disfarce e da ilusão, daí sua preocupação com detalhes da indumentária, aparentemente insignificantes, e com complementos como luvas, chapéus, bengalas, echarpes etc. O dandismo faz do celibato e da ociosidade um mecanismo de resistência à moral da família burguesa. O dandismo de Baudelaire, ao estetizar o comportamento e se manifestar como ritual ascético, aproxima-se do ideal da arte pela arte.»²³⁸

Na mesma linha de pensamento, informa-nos José Carlos Seabra Pereira:

« (...) o dandismo baudelairiano está muito para além da amaneirada elegância de porte e vestuário, englobando uma atitude moral (independência e liberdade), uma reação social e política (individualismo e aristocratismo) e uma posição histórica do espírito (a última forma do heroísmo) que permite salvaguardar a realização estética num mundo afundado em grosseria e materialidade.»²³⁹

Intimamente ligado ao dândi enquanto ser intelectualmente superior e distanciado duma natureza corrupta, amoral e monstruosa, surge-nos em Baudelaire a faceta do “flâneur”, aquele que perambula pelas ruas, numa vadiagem inteligente, observando e reflectindo sobre tudo o que vê, tomando uma posição crítica, geralmente reprovadora, sobre o acontecer social, mas sem nunca com ele interferir, pelo menos no que vá para além dos limites da palavra. Desta atitude resulta, no entanto, a expressão de um sentimento de melancolia e de náusea em face da monotonia da vida, o seu conhecido *spleen*, o tédio fatal da vida, traços constantes na obra do poeta francês:

«Fugindo de uma normatividade marcada pela polarização do homem e do cidadão, resistindo à divisão esquizofrenizante do espaço moderno, Baudelaire veste a máscara do *flâneur*: ele é ator e espectador ao mesmo tempo, como a prostituta, “que em

²³⁸ D’ANGELO, Martha, “A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin”, in *Revista Estudos Avançados*, vol. 20, nº 56, São Paulo, Jan./Abr. 2006, p. 241

²³⁹ PEREIRA, José Carlos Seabra, *op. cit.*, p. 19

hipostática união é vendedora e mercadoria” (Benjamin, 1991, p.40). O *flâneur* não existe sem a multidão, mas não se confunde com ela. Perfeitamente à vontade no espaço público, o *flâneur* caminha no meio da multidão “como se fosse uma personalidade” (*ibidem*, p.81), desafiando a divisão do trabalho, negando a operosidade e a eficiência do especialista. Submetido ao ritmo de seu próprio devaneio, ele sobrepõe o ócio ao “lazer” e resiste ao tempo matematizado da indústria. A versatilidade e mobilidade do *flâneur* no interior da cidade dão a ele um sentimento de poder e a ilusão de estar isento de condicionamentos históricos e sociais. Por isso, ele parte para o mercado, imaginando que é só para dar uma olhada. As fantasmagorias do espaço a que o *flâneur* se entrega, tentando conquistar simbolicamente a rua, escondem a “mágica” que transforma o pequeno burguês em proletário, o poeta em assalariado, o ser humano em mercadoria, o orgânico no inorgânico.»²⁴⁰

O século XIX português inspira a cultura francesa por todos os poros. Paris é, por esta altura, a capital cultural da Europa e do mundo e são poucos os que escapam ao seu fascínio, regendo-se pelos seus padrões, adoptando os seus hábitos. O francês é, naturalmente, a língua internacional e cultural da época e torna-se a segunda língua materna dos portugueses cultos. Assim, as referências a este *modus vivendi* afrancesado tornam-se comuns e bastante eloquentes, na literatura portuguesa, seja ela de teor literário ou, simplesmente, jornalístico.

Não espanta, então, que o contacto das tertúlias literárias e dos meios académicos nacionais com a obra de Charles Baudelaire tenha sido directo e imediato, bem como a sua influência, não sendo de excluir, como é óbvio, outras manifestações de aculturação mais tardias. Exemplo cabal deste fenómeno de interiorização e imitação da poética baudelaireana é a criação do poeta satânico Carlos Fradique Mendes²⁴¹, da co-responsabilidade de Antero de Quental, Eça de Queirós e Jaime Batalha Reis. Constituem-se, também, como exemplos suficientemente eloquentes os artigos de Eça “Um Génio que era um Santo”, escrito memorialista e laudatório sobre o poeta-filósofo, e “O Francesismo”, texto reflexivo sobre a psique e a cultura portuguesas:

«Em todo o caso, ou à maneira de Curvo Semedo, o clássico, ou à maneira do Zé Pinguinhas, o fadista, é evidente que há quarenta anos, desde a Patuleia, Portugal está curvado sobre a carteira da escola, bem aplicado, com a ponta da língua de fora, fazendo a sua civilização, como um laborioso tema, que ele vai vertendo de um largo

²⁴⁰ *Idem, ibidem*, p. 242

²⁴¹ «Habitando Paris durante muitos anos, conheceu o Sr. Fradique Mendes pessoalmente a Carlos Baudelaire, Lecomte de Lisle, Bainville e a outros poetas da nova geração francesa. O seu espírito, em parte cultivado por esta escola, é entre nós o representante dos satanistas do norte.», SERRÃO, Joel, *O primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, p. 201

traslado aberto defronte – que é a França. Quem dependurou ali o traslado para que Portugal copiasse, com finos e grossos? Talvez os homens de 1820; talvez os românticos da Regeneração. Eu não fui; – tenho sido acusado com azedume, nos periódicos, ou naqueles bocados de papel impressos, que em Portugal passam por Periódicos, de ser *estrangeirado*, *afrancesado*, e de concorrer, pela pena e pelo exemplo, para *desportuguesar Portugal*. Pois é um desses erros de Salão, em que tão fértil é a frivolidade meridional. Em lugar de ser culpado da nossa desnacionalização, eu fui uma das melancólicas obras dela. Apenas nasci, apenas dei os primeiros passos, ainda com sapatinhos de croché, eu comecei a respirar a França. Em torno de mim só havia a França.»²⁴²

Outros casos significativos, entre tantos que poderiam ser apontados, são, por exemplo, os textos de Jaime Batalha Reis, um a servir de “Introdução” a *Prosas Bárbaras*, obra póstuma de Eça, e este, “Anos de Lisboa”, incluso no *In Memoriam de Antero de Quental*²⁴³. Ainda outro texto que nos merece atenção, neste âmbito, pela eloquência do discurso e clareza do raciocínio é o de Luís de Magalhães, também ele de carácter memorialista, o “Prefácio” a *Sol de Inverno*, de António Feijó²⁴⁴.

A relação de Roberto de Mesquita com a poética de Charles Baudelaire parece-nos evidente. Tenha ela sido directa, como no-lo sugerem Venâncio Ferro Júnior²⁴⁵ e, mais recentemente, Manuel Ferreira²⁴⁶, ou pela leitura de interpostas figuras, por exemplo, através do poeta dândi e satânico Carlos Fradique Mendes, ou o Cesário de “O Sentimento dum Ocidental”, numa perspectiva mais de *flâneur*, e em “Esplêndida”, num satanismo contido, porventura, ainda, num Guerra Junqueiro, ou Gomes Leal, ou António Feijó, ou ..., o facto é que as marcas de baudelairianismo são facilmente visíveis na sua obra poética.

O diálogo intertextual de Mesquita com o poeta francês assinala-se logo no início de *Almas Cativas*. Impossível não notar a aproximação estética e ideológica entre “Correspondências” e “Universalidade I”. Em ambos os textos, assistimos a uma postura do sujeito poético enquanto ser inquiridor da realidade, e, com capacidades videntes, decifrador da teia de analogias e de correspondências que se mantêm entre

²⁴² QUEIRÓS, Eça, “O Francesismo”, in *Últimas Páginas*,

²⁴³ Cf. Martins, Ana Maria Almeida, *op. cit.*

²⁴⁴ Cf. MARTINS, J, Cândido, *op. cit.*

²⁴⁵ Cf. a lista de obras presentes na biblioteca pessoal de Roberto de Mesquita, in JÚNIOR, Venâncio Augusto Ferro, *op. cit.*, p. 62

²⁴⁶ Cf. a lista de obras presentes na biblioteca pessoal de Roberto de Mesquita, in FERREIRA, Manuel, *op. cit.*, (embora não venha aí explícita a referência a Charles Baudelaire, a expressão “entre outros”, seguida da citação a outros poetas franceses, Verlaine, ou francófonos, Maeterlinck, permite-nos supor que o autor das *Flores do Mal* também lá constasse)

o mundo físico, exterior, e a realidade psíquica, do homem e do Cosmos. Nos poemas citados, a importância dos símbolos (“as florestas de cerrada França”, o “tropol louco dos ventos”, a “tribo de anónimas saudades”, “a paz é triste e vasta como um mar” ...) ²⁴⁷ e da música (um “coro de lamentos”, a “vibração suave das trindades”) torna-se essencial à transmissão da mensagem poética, enquanto meio de interpretação do Universo e da essencialidade da Vida.

Apesar da afirmação de Vitorino Nemésio de que Roberto de Mesquita teria aprendido, do poeta de *Les Fleurs du Mal*, pouco mais do que uma sinceridade poética nova ²⁴⁸, parece-nos incontestável que este novo conceito, tipicamente baudelairiano, de beleza estética baseada no Mal físico e moral, num Satã intelectualmente superior, conhecedor dos segredos cósmicos e, por isso, apelando ao espírito de rebeldia e independência do homem moderno, ainda pleno de capacidades poeticamente significativas, não só ao nível da mensagem a transmitir, mas também pelo aproveitamento expressivo da musicalidade das palavras, está bem presente em poemas como “A Falsa Deusa”, “A Imortal” ou “A Vénus Esqueleto”.

De “A Falsa Deusa” somos motivados a realçar a inebriante atracção do poeta (como “falerno capitoso”) pela “beleza olímpica, sem par”, desta “sugestiva e grácil semideia”, que orgulhosamente se eleva sobre o comum dos mortais pela superioridade afirmada num “lácteo colo airoso”, num “peito arfante e belo”, num “coração de gelo”, de “gelos boreais”. Mas, ao contrário do Cesário Verde de “Frígida”, que se sente magneticamente atraído por esta “Metálica visão que Charles Baudelaire / Sonhou e pressentiu nos seus delírios amorosos” ²⁴⁹, a atitude de Mesquita é, antes do mais, a do esteta que explora as virtualidades duma nova beleza e tenta fixá-la, parnasianamente, nos moldes da perfeição formal:

«Não é isso, não é; minha alma não se aflige
De sentir no seu peito os gelos boreais,
Que o meu amor de esteta apenas se dirige
À perfeição da forma, às linhas imortais.» (“A Falsa Deusa”)

²⁴⁷ Cf. “Universalidade I”

²⁴⁸ NEMÉSIO, Vitorino, “O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita”, in *Conhecimento de Poesia*, 3ª edição, Lisboa, IN-CM, 1997, p. 128.

²⁴⁹ VERDE, Cesário, *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 2ª edição, s/d, p. 90

A perspicácia poética de Roberto de Mesquita ganha, então, mais do que um limitante embevecimento estético, contornos de apreciação filosófica, pois que, após o primeiro momento de fruição do divinamento belo, a imagem se ensombra pela consciência da inexorabilidade da morte e, correlativamente, pela corruptibilidade da matéria. Estamos, assim, a um passo da afirmação de um neoplatonismo poético, consubstanciado em afirmações como “É saber que essa Juno altiva se resume / Numa modalidade efémera do ser”, ou as que encerram o poema:

«Como cresce, meu Deus, a sede que me deste
De imortal perfeição, ao ver por um momento
Da beleza suprema o esplendor celeste
Reflectido no pó que vai levar o vento!» (“A Falsa Deusa”)

O satanismo baudelairiano, para além deste culto do distanciamento aristocrático e de uma notória frigidez nas relações humanas, expande-se por vastos campos expressivos dominados pela estesia do disforme e do repugnante, tão caro aos poetas decadentistas finisseculares. Na poética mesquitiana, este gosto de tom macabro e verdadeiramente singular exprime-se, por exemplo, em “A Vénus Esqueleto”, onde, numa postura dicotómica e marcada por uma superioridade intelectual, de cariz manifestamente irónico, o poeta “percepção” uma realidade que está para além das aparências e se distancia do vulgo que não entende aquilo que vê.

Assim, enquanto a “multidão” grita “Salve, Deusa imortal, rainha da beleza!”, ao mesmo tempo que, por deferência, aprecia “num ar de enlevo e de surpresa” e idolatra a sua deusa, que passeia sob um “rico baldaquino”, mostrando o rosto belo e o porte “altivo e senhoril”, o poeta imbuído desta superioridade mefistofélica, apenas vê “Uma caveira que ri, olhando a multidão”, expõe aos seus (do sujeito poético) olhos, “Um esqueleto (que) ostenta as rígidas costelas.”. Concluiu, o poeta, ironicamente:

«E é dum singular grotesco indescritível
Aquela multidão, numa atitude pia,
Com fervor adorando uma caveira horrível
Que a olha, escancarando um riso de ironia;

Aquela multidão que, humilde e reverente,
Contemplando-a num ar de enlevo e de surpresa,
Exclama a todo o instante inebriadamente:
«Salve, Deusa imortal, rainha da beleza!» (“A Vénus Esqueleto”)

Não nos parece, contudo, que haja, nesta atitude díspare do poeta florentino, alguma manifestação depreciativa em relação aos gostos ou aptidões intelectuais do povo, com o qual convive, social e profissionalmente, todos os dias. Trata-se, antes de mais, daquela postura dândi, superiormente assumida, que já notámos em retratos do mundo citadino, parisiense, que Baudelaire nos legou em *Pequenos Poemas em Prosa (O Spleen de Paris)*, por exemplo. Diz-nos o poeta francês, em “As multidões”, que

«Nem a todos é dado tomar um banho de multidão: gozar da multidão é uma arte; e só pode fazer, à custa do género humano, uma farta refeição de vitalidade, aquele em quem uma fada insuflou, no berço, o gosto do disfarce e da máscara, o horror ao domicílio e a paixão da viagem.

Multidão, solidão: termos iguais e conversíveis para o poeta diligente e fecundo. Quem não sabe povoar a sua solidão, também não sabe estar só em meio a uma multidão atarefada.

O poeta goza do incomparável privilégio de ser, à sua vontade, ele mesmo e outrem. Como as almas errantes que procuram corpo, ele entra, quando lhe apraz, na personalidade de cada um.»²⁵⁰

Perante o que fica dito, e apesar da apreciação de Vitorino Nemésio, atrás referida, relativamente à influência, directa ou indirecta, mais ou menos fecunda e impressiva, de Charles Baudelaire sobre Roberto de Mesquita, somos levados a concluir do mesmo modo que o fez Tomás da Rosa, no seu texto “Grande Poeta em Pequena Ilha”, introdutório à 3ª edição de *Almas Cativas*:

«Se aquele satanismo (este que temos vindo a realçar) não é de estirpe baudelairiana, gostosamente acolhido por via directa, ou via Fradique Mendes, ou via Junqueiro, - não atinamos com a sua origem. Que ele existe em Roberto de Mesquita, é um facto. Que em *Les Fleurs du Mal* se repercute a nota “satânica”, é outro facto.»²⁵¹

É um facto que em Roberto de Mesquita não encontramos nenhuma tradução ou paráfrase, nem epígrafe ou alusão explícita ao autor de *Les Fleurs du Mal*, mas, fazendo uma leitura comparativa dos textos dos dois autores, somos capazes de descobrir que o imaginário de Charles Baudelaire se insinua, silenciosamente, na obra do poeta açoriano, evidenciando posições, preocupações e ideais comuns, reveladores de uma maneira similar de julgar e de estar no mundo.

²⁵⁰ BARROSO, Ivo, *op. cit.*, pág. 289

²⁵¹ ROSA, Tomás da, *op. cit.*, p. XII

1.5. Roberto de Mesquita, poeta decadentista/simbolista

Após um período de completa ausência referencial por parte da crítica literária²⁵², ou de apenas breves e pouco consistentes citações ao autor de *Almas Cativas*²⁵³, lapsos, porventura, justificáveis, quer pela publicação tardia da sua obra, quer pela dificuldade de acesso a ela mesma, Roberto de Mesquita tem-se tornado, nos últimos tempos e, particularmente, após a publicação da 2ª edição da sua obra, em 1973, uma referência incontornável e significativa aquando da abordagem às estéticas finisseculares oitocentistas, concretamente, pela sua militância nas poéticas Decadentista e Simbolista.

Para este “despertar” relativamente à importância de *Almas Cativas*, em muito contribuiu a argúcia e clarividência de críticos literários como Jacinto do Prado Coelho (vd. “Roberto de Mesquita e o Simbolismo” ou “Pensamento e estesia em Roberto de Mesquita”, já anteriormente citados), João Gaspar Simões (vd. *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa*)²⁵⁴, Luís de Miranda Rocha (*Para uma Introdução a Roberto de Mesquita*), Urbano Tavares Rodrigues (“Roberto de Mesquita”, in *Dicionário de Literatura*) e, principalmente, estudiosos açorianos: Vitorino Nemésio (“O poeta e o isolamento – Roberto de Mesquita”), José Martins Garcia (“O Cárcere e o Infinito - sobre a poesia de Roberto de Mesquita”), Eduíno de Jesus (“Roberto de Mesquita”), Pedro da Silveira (“Carlos e Roberto de Mesquita”), Tomás da Rosa (“Prefácio, Nota Explicativa e Efemérides” in *Almas Cativas*); Manuel Ferreira (*O Segredo das “Almas*

²⁵² Cf. RÉGIO, José, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, in *Crítica e Ensaio I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994; BELL, Aubrey F. G., *A Literatura Portuguesa – História e Crítica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931; FIGUEIREDO, Fidelino, *História Literária de Portugal (séculos XII a XX)*, 3ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966

²⁵³ MOISÉS, Massaud, *A Literatura Portuguesa*, S. Paulo, Cultrix, 1960; LOPES, Óscar e SARAIVA, António José, *História da Literatura Portuguesa*, 14ª ed., Porto, Porto Editora, s/d, p. 1031

²⁵⁴ SIMÕES, João Gaspar, *Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa*, Porto, Brasília Editora, 1976

Cativas”: Roberto de Mesquita: fotobiografia: confidências: revelações), e tantos outros²⁵⁵.

Contudo, a abordagem a estes cânones literários, ao Decadentismo e ao Simbolismo, carece de alguma reflexão/precisão críticas, na medida em que, depois de um longo período durante o qual se consideravam como manifestações duma mesma realidade estético-literária, certamente motivados por insuficiência de investigação da cultura e da literatura da denominada “geração de 90”, pela não existência de um código artístico conscientemente assumido por um conjunto de autores, particularmente no que respeita ao movimento decadentista, ou por comodismo de arrumação periodológica²⁵⁶, modernamente se entende que, partilhando, embora, algumas características estéticas, ambos os movimentos têm géneses e realizações artísticas diferentes.

De facto, o Decadentismo e o Simbolismo perfilham algumas das características mais significativas de cada um dos movimentos, como sejam os mesmos códigos métricos, fónico-rítmicos e estilísticos: a ênfase posta no uso da aliteração, a liberdade rítmica, métrica e estrófica, o recurso a rimas pouco usuais, a aproximação da poesia à música, ...²⁵⁷

Por outro lado, ambas as atitudes poéticas se irmanam na mesma reacção à pretensão de objectividade e de descritivismo do Realismo e do Parnasianismo, valorizando a capacidade de apreensão intuitiva da realidade que permitia ao sujeito poético, no seguimento do sistema de correspondências baudelairiano, melhor compreender os aspectos mutáveis do mundo subjectivo. Passa-se, pois, de uma literatura de carácter socializante e humanista, a da Geração de 70, para formas de afirmação literária egocêntricas, subjectivistas, aristocraticamente anti-sociais, a da Geração de 90, passíveis de explicação, afinal, pela época de crise, do pensamento e

²⁵⁵ Não podemos deixar de salientar o papel relevante desempenhado pela Universidade dos Açores, especialmente através da criação da cadeira de Literatura Açoriana, para a divulgação da literatura e dos autores açorianos, em geral, e de Roberto de Mesquita, em particular. Esta Instituição tem motivado uma profunda reflexão sobre a criação literária nos Açores.

²⁵⁶ Cf. MOISÉS, Massaud, *As Estéticas Literárias em Portugal*, vol. III, Lisboa, Ed. Caminho, 2002, p. 26; PEREIRA, José Carlos Seabra, *op. cit.*, pp. 3-4

²⁵⁷ Para uma visão de conjunto, necessariamente sumária, de ambas as tendências estéticas, ver BEIRES, Isabel Maria Morujão, *Roberto de Mesquita – Almas Cativas e as estéticas fim-de-século*, Porto, 1988, pp. 17-18

das instituições, a que assistimos no final do século XIX.

Porém, o Decadentismo individualiza-se, afirmando-se mais como um estado de espírito do que como um movimento organizado, é mais posição ideológica do que estética, propugna por uma nova filosofia social, a anarquia e, enquanto tendência literária, nunca apresentou um sistema doutrinário sobre o qual se pudesse alicerçar em bases sólidas:

«O decadentismo cultivou a imaginação barroca, um anarquismo intelectual e moral. A criação abusiva de neologismos extravagantes caracterizou literariamente o decadentismo que traduz uma revolta violenta contra a regularidade, a disciplina positiva e o cientificismo da cultura de meados do século.»²⁵⁸

O Simbolismo, por seu lado, beneficiando do clima de inovação propiciado pela prática poética dos decadentistas, e, neste ponto, não podemos deixar de lembrar que, em Portugal, quase todos os poetas da Geração de 90 cultivaram ora uma ora outra tendência estética, distancia-se do Decadentismo pela assumpção de uma estruturação filosófica e religiosa do sujeito poético e da sua obra.

Recuperando alguns dos valores do Romantismo, o idealismo e a sensibilidade ao mistério das coisas e do mundo, o poeta tende, agora, para a heterodoxia ocultista, assumindo uma missão de ordem metafísica e mística, tentando descobrir e dar expressão a uma analogia universal que pretende conformar uma identidade fundamental entre a realidade psíquica do sujeito e o mundo exterior, em harmonia com o sistema baudelairiano das correspondências. O conhecimento da realidade absoluta realiza-se, então, pela intuição e pela subjectividade, ao invés da razão e da racionalidade.

Neste âmbito, a poesia institui-se como o meio privilegiado para o conhecimento do Mundo e do Indivíduo, capaz de captar a realidade essencial que as aparências ocultam. Se o poeta decadentista se comprazia na expressão de estados de alma marcados pela morbidez e pela nevropatia e onde o exotismo, o orientalismo e o requinte se apresentavam como estratégias de fuga a uma realidade que oprime e atormenta, os Simbolistas, por seu lado, procuram dar expressão à interpretação duma nova realidade, a qual, nalguns casos, se mostra conscientemente contaminada pela

²⁵⁸ FERRO, Túlio Ramires, “O Alvorecer do Simbolismo em Portugal”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d, p. 102

noção do mistério dos românticos, noutros se revela com um alcance metafísico, como uma nova “configuração platónica da visão do Mundo: sobreposição de duas realidades distintas, sendo uma – a material, fenoménica, sensivelmente atingível – destituída de valor em si, porque considerada apenas como anúncio simbólico da outra, a realidade espiritual, imperecível e plena.”²⁵⁹, e, deste modo,

«A aspiração cognitiva transracional da poesia simbolista, ao mergulhar no infra-consciente, não o torna apenas como campo de intuições, mas nele e por ele se revivifica. E à exaltação das forças infra-conscientes, o Simbolismo junta a revalorização (para além de rêverie decadentista) do sonho romântico, aproximação única do inefável.»²⁶⁰

A divergência entre Decadentismo e Simbolismo, enquanto estilos de época, faz-se, também, notar pelo tratamento diverso dos temas abordados. No entanto, para o caso português, este aspecto surge algo difuso, dado que, não raras vezes, os poetas fazem sobressair, nos seus textos, valores ideológicos que ora se identificam com o Decadentismo, através de uma atitude pessimista claramente evidenciado nas manifestações do “spleen”, ora com o Simbolismo pela submissão da poesia a uma concepção prometeica do artista e onde o logos poético assume valor demiúrgico, o que leva Seabra Pereira a referir-se-lhes como “dois estilos de época (por vezes contíguos, mas geralmente imbricados, em relações de grandeza variáveis)”²⁶¹

O Portugal finissecular oitocentista, como, aliás, em toda a Europa, vive momentos de profunda crise, pautada pela aguda consciência de um estado de decadência social e cultural: a descrença nas instituições políticas, com o cansaço face ao sistema monárquico multissecular e o correlativo advento dos movimentos republicanos, agravados pelo *Ultimatum* inglês de 1891; os modelos de vida burgueses, assentes no domínio económico e na acumulação desenfreada de riqueza faziam destacar outras injustiças sociais, mormente entre o crescente proletariado e uma população urbana cada vez mais numerosa e miserável; a descrença no Positivismo e no Cientismo encoraja os pensadores e intelectuais a defenderem sistemas filosóficos fundados nos primados da subjectividade e do pessimismo em relação aos valores da vida; na Literatura, e nas artes em geral, assistimos a uma

²⁵⁹ PEREIRA, José Carlos Seabra, *op. cit.*, p. 66

²⁶⁰ *Idem, ibidem*, p. 73

²⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 261

saturação dos ideais estéticos realistas/naturalistas. Estes, e outros, aspectos ajudam a explicar que a maior parte da produção poética da última década de Oitocentos surja mais filtrada pelo ideário Decadentista do que, propriamente, pela estética Simbolista, pelo menos como esta era vivida em França, centro aglutinador do interesse estético-literário para a época. Estas constatações motivam Jacinto do Prado Coelho a afirmar que:

«É mais decadente que simbolista a pequena escola que teve por corifeu o autor de *Oaristos* (1890) e por discípulos António de Oliveira Soares, D. João de Castro, Júlio Brandão e alguns mais. Afim, pelo temperamento plástico, de Gautier e de Moréas, com o amor latino das formas luminosas, Eugénio de Castro adoptou, por desejo de renovação artística e certa fome de escândalo, um simbolismo escolar, luxuoso, policromo, em que os motivos, mais ou menos aprendidos, ficam no segundo plano, ofuscados pelo corpo das palavras selectas, pela riqueza surpreendente das imagens, pela audácia das comparações, pela variedade dos ritmos, pela estranheza e perfeição das rimas.»²⁶²

Pela mesma época, o ambiente literário que se verifica nos Açores revela esta faceta compósita, não sendo muito fácil precisar os códigos estéticos que sustentam as obras que vão surgindo um pouco pelas principais ilhas do arquipélago. Como verificámos na secção 1.3 deste trabalho, foi abundante e proveitosa a influência parnasiana neste meio insular, resultado, por um lado, das orientações directivas das redacções da imprensa, à época em grande proliferação, e, por outro, através da marca profunda deixada pela divulgação de *O Livro de Cesário Verde*, em certos meios académicos e sociais.

Contudo, progressivamente, alguns destes mesmos autores foram-se deixando contaminar pelas virtualidades dos novos ideários estéticos que emanavam de França e com paragem forçada nos principais meios académicos portugueses, mormente de Coimbra. Constituíam-se, aqui, como principais meios propagadores das novas tendências, não apenas as publicações de autor, mas também a acção didáctica das revistas *Boémia Novas* e os *Insubmissos*.

Os Açores no último quartel do século XIX, viviam tempos de prosperidade económica, privada e colectiva, e os negócios encontravam-se em expansão: impulsionados pelo “ciclo da laranja”, o comércio urbano, as trocas comerciais entre

²⁶² COELHO, Jacinto do Prado, “Panorama do Simbolismo Português”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d, p. 108

concelhos e inter-ilhas e o comércio internacional conheceram um grande desenvolvimento; posteriormente, este ciclo foi substituído pelas culturas do tabaco, do ananás, do chá e da pecuária; surgiam as primeiras cooperativas agrícolas de laticínios; as rotas comerciais transatlânticas passam a rumar às ilhas, particularmente, ao porto da Horta, onde já os navios baleeiros norte-americanos amaravam para abastecimento.²⁶³

Na política, assistimos a uma tentativa de afirmação dos valores e das figuras insulares, pelo surgimento das primeiras tentativas de autonomização do arquipélago. Esta realidade, contrastante com a vivida na metrópole, pautada pelo pessimismo, pela desconfiança e contestação às instituições, ainda que não indiferente à inquietação e à descrença nas virtualidades do Positivismo e do Cientismo, até então amplamente divulgados, se, por um lado, permite compreender a larga aceitação de que foi alvo o Parnasianismo, por outro, também contribui para a adopção dos valores veiculados pelo Simbolismo pois que correspondia, na opinião de Pedro da Silveira, “à liberdade que os jovens escritores açorianos requeriam para as suas criações”.²⁶⁴

«Aliás, o Simbolismo tem, desde a origem, muito que perfeitamente se harmoniza com o meio açoriano e a maneira de ser dos Açorianos: é penumbroso e não, como o Parnasianismo, solar; privilegia o sonho, a contemplação; interrogando, não exige resposta concretizadora.»²⁶⁵

Ainda de acordo com o retrato da presença simbolista nos Açores, traçado por Pedro da Silveira, as primeiras manifestações desta escola poética terão surgido no jornal faialense *O Açoriano*, estendendo-se, progressivamente, a outros periódicos de Ponta Delgada (*A Autonomia dos Açores*, *Diário dos Açores*, *O Preto no Branco*, *A Actualidade*). Entre as figuras que mais se distinguiram no âmbito deste ideário estético, aponta o investigador os nomes de Fernando de Sousa, Bernardo Maciel, Duarte Bruno, Humberto de Bettencourt, Carlos e Roberto de Mesquita, entre outros de menor importância, ou de geração subsequente.²⁶⁶

A apreciação estética de *Almas Cativas*, produzida pela crítica, nos últimos

²⁶³ VV.AA., *História dos Açores – Do descobrimento ao século XX*, vol. II, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008, pp. 65-66

²⁶⁴ SILVEIRA, Pedro da, Prefácio à *Antologia de Poesia Açoriana (Do século XVIII a 1975)*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1977, p. 29

²⁶⁵ *Idem, ibidem, loc. cit.*

²⁶⁶ *Idem, ibidem, pp. 28-30*

tempos, não parece consensual quanto à sua inserção num código literário específico, quando encarada numa filiação em termos de escola decadentista e/ou simbolista. Há quem a classifique, predominantemente, como “simbolista”, como “decadentista” ou, ainda, como “decadentista/simbolista”²⁶⁷.

Para Vitorino Nemésio, “a poesia de Roberto de Mesquita é importante em si mesma e no que representa adentro do simbolismo português – sua atmosfera literária (...)”²⁶⁸ e acrescenta, mais adiante:

«(...) Roberto de Mesquita pede um lugar importante no simbolismo português, ao lado dos seus príncipes, que não devem ficar envergonhados por não ser companhia retumbante (António Nobre, Camilo Pessanha, Eugénio de Castro)...»²⁶⁹

De acordo com o mesmo diapasão, afina Jacinto do Prado Coelho ao reconhecer as virtualidades da poesia simbolista mesquitiana, embora não coloque o poeta florentino no mesmo patamar de outras figuras charneira do simbolismo português, como sejam os casos de Eugénio de Castro e de Camilo Pessanha:

«Pertence-lhe (a Roberto de Mesquita) um lugar no panorama da poesia portuguesa, pela qualidade estética de *Almas Cativas*; mais restritamente, situa-se no quadro da literatura açoriana pela expressão admirável da condição vivencial de ilhéu exilado no Atlântico (...), e no quadro do parnasianismo e sobretudo do simbolismo português, de que é um dos mais altos expoentes logo a seguir a Camilo Pessanha, é verdade que sem o brilho, o virtuosismo de Eugénio de Castro, artista consumado, mas, em contrapartida, mais autêntico, mais literariamente sincero...»²⁷⁰

Pela nossa parte, no seguimento da linha reflexiva que por nós vem sendo explanada, somos da opinião de que, seguindo a lição de José Carlos Seabra Pereira, a poesia de matriz não parnasiana (presente essencialmente na secção “Evocação” de *Almas Cativas*) de Roberto de Mesquita se mostra mais devedora dos cânones decadentistas, do que propriamente do simbolismo:

«No seu conjunto, trata-se de uma obra em que confluem várias tendências estéticas, tendendo os assomos simbolistas (com a obsidante reminiscência do Éden perdido) a subsumir-se nos mais poderosos caracteres decadentistas: vibração impressionista ao contacto com as coisas, sobretudo ao poente e pelo Outono; expressão da alma entediada, doente e sonhadora; religiosidade indecisa e dolorida; evasão multiforme, mas realizada sobretudo através de uma arqueologia da saudade presa aos eflúvios da

²⁶⁷ BEIRES, Isabel Maria Morujão, *op. cit.*, p.26

²⁶⁸ NEMÉSIO, Vitorino, “O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita”, in *Conhecimento de Poesia*, 3ª edição, Lisboa, IN-CM, 1997, p. 125

²⁶⁹ *Idem, ibidem*, p. 138

²⁷⁰ COELHO, Jacinto do Prado, “Roberto de Mesquita e o Simbolismo, prefácio a *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ática, 1973, p. 9

“fête galante” abolida; etc.»²⁷¹

A atitude, essencialmente, pessimista, conjugada com o sentimento de frustração da vida, resultantes de uma evidente inadaptação ao meio sócio-cultural e às condições de vida, por vezes, precárias, são aspectos que, em particular, a partir do autor de *Les Fleurs du Mal*, marcaram impressivamente os espíritos mais sensíveis, mais atentos ao devir humano. A poesia de Roberto de Mesquita, cognoscente desta atmosfera social e finissecular, não passou indiferente a esta realidade, mesmo considerando o isolamento, geográfico e humano, a que o poeta está sujeito. Em *Almas Cativas*, a expressão deste entediamento e desta postura derrotista e mórbida em face dos valores da vida, resulta, por certo, não apenas de experiências de vida desiludida próprias, do âmbito psicológico-moral do poeta, mas também da comunhão deste com outros estados de alma afins, apreendida através das leituras que lhe permitiam os periódicos e os contributos, a partir de Coimbra, de Carlos de Mesquita com o irmão:

«Que profunda tristeza o Imóvel acomete
Sob este céu de chumbo! Eu sinto suspirar
E julgo ouvir-lhe a voz dorida murmurar:
“Minh’ alma está desamparada no Olivete!”
(...)
A alma afogada na maré da desesp’rança
Anónima, que inunda a noite bruna e mansa
E me oprime como os sinos a finados...» (“Jethesemani”)

«(...)
“A pátria! O que me importa a rútila alegria
De toda esta nação eleita da ventura,
Se para mim chegou o derradeiro dia,
Se do Nada me aguarda a vasta cripta escura!

O que me importa, irmãos vitoriosos, ver-vos
Antegozando os bens que haveis de desfrutar
Quando estiver partida a teorba dos meus nervos
E nos vossos festins já não puder vibrar!» (“Eu”)

Concomitante com esta impressão profunda de pessimismo, deparamo-nos

²⁷¹ PEREIRA, José Carlos Seabra, *op. cit.*, p. 252. Na mesma senda, prossegue Fernando Guimarães (cf. *Colóquio-Letras*, nº 32, 1976) ao reconhecer na poesia de Roberto de Mesquita a presença algo incipiente do simbolismo, preferindo destacar-lhe os aspectos decadentistas e/ou neo-românticos; «Daí resulta que um certo ambiente ou atmosfera (simbolista) criada ao nível duma exploração temática não tenha uma correspondência ao nível, que lhe deveria ser paralelo, da própria escrita, o que, justamente, torna tal poesia muito mais aberta à herança do Romantismo do que à conquista do “frémite novo”.»

com as manifestações de solidão, de isolamento, enquadradas na imagem de prisão, muito recorrente, um pouco por toda a obra²⁷² e que, em “Janela da Bastilha”, por exemplo, procura resposta num mundo que está para lá da linha do horizonte, e que se torna espaço de redenção, de subvenção das agruras desta vida terrena, numa confissão evidente da ideia religiosa do Éden perdido e de neoplatonismo²⁷³. Neste soneto, a dimensão dramática acentua-se pela estrutura dialógica em que o próprio texto se desenvolve.

«Um dia perguntou-me a esplêndida indolente,
Pomar a cuja sombra o coração repouso:
“Em que meditas tu, eterno silencioso,
Quando fitas o olhar no espaço vagamente?

Dir-se-á que o teu olhar na imensidade avista
Um não-sei-quê que o traz num êxtase profundo.”
“Sim, eu avisto muito ao longe um vago mundo
Que não pode atingir a tua débil vista.

Há uma clarabóia aberta ante a minha alma
Por onde, indiferente ao mundo familiar,
Alongo os olhos à mansão distante e calma

Onde se eleva, como a Virgem no altar,
A beleza essencial, para sempre vedada
À nossa alma que geme à terra agrilhoada.”» (“Janela da Bastilha”)

Este tom geral decadentista, que se desenvolve a partir dos tópicos semântico-pragmáticos apontados, por vezes, se confronta com posições típicas do simbolismo, como seja, por exemplo, a concepção do poeta enquanto ser clarividente, que “lê” para além das coisas, que procura decifrar os mistérios ocultos da realidade. Esta crença na capacidade cognosciva do poeta expressa-se nas manifestações de neoplatonismo, já referidas, mas também, especialmente, nas secções intituladas “A Almas das Coisas” e “Melancolia”, nas quais ao poeta é permitido escutar as vozes misteriosas da Natureza²⁷⁴: “a Lua vem falar / Aos corações eleitos que a conhecem.” (in “Universalidade I”); “Eu descobro um espírito a cismar”, “E esses casais (...) / Sinto-

²⁷² Cf., por exemplo, os textos “Às grades da prisão”, “Balada da Princesa Cativa”, “Exilado”, onde a ideia polarizante de prisão se prefigura no próprio título, sendo desenvolvida no próprio texto, quase sempre conjugada com o desejo de evasão e com marcas de neoplatonismo, mais ou menos evidentes, a partir de expressões como “Onde vais, onde vais, brilhante caravela”, “É triste o alcácer”, “interior taciturno”, “esteita janela” (in “Às grades da prisão”); “Vive encarcerada a pálida princesa”, “Apunhalada de mortal tristeza”, “debalde tenta a evasão” (in “Balada da Princesa Cativa”); ...

²⁷³ Cf. PEREIRA, José Carlos Seabra, *op. cit.*, p. 369

²⁷⁴ Cf. BEIRES, Isabel Maria Morujão de, *op. cit.*, p. 30

os pensar...” (in “Universalidade II”); “E eu sinto errar na tarde de veludo / Uma alma que medita...” (in “Tarde Sonhadora”); “Eu fico-me a escutar os seus dolentes salmos / (...) / Só eu, só eu entendo a vossa voz, pinhais.” (in Preces Bárbaras”).

Contudo, esta aptidão aristocratizante da cognoscência do sujeito poético em relação aos mistérios do Mundo e da Vida, tipicamente simbolista, cedo torna a assumir contornos decadentistas, pela consciência de que ao poeta apenas é permitido “visionar” breves lampejos do âmago das coisas, ele ouve murmúrios (“no âmago da tudo há um espírito a cismar”), vozes que nem sempre compreende, mas que, por vezes, lhe parecem transmitir o mesmo tédio, a mesma enfermidade com que o poeta se depara na realidade, a todo o momento. Daí devolver ao leitor todo o desânimo de que se reveste esta “vidência” poética.

«Que profunda tristeza o Imóvel acomete
Sob este céu de chumbo! ...
(...)
A alma afogada na maré da desesperança
Anónima, que inunda a noite bruna e mansa
E me oprime como os sinos a finados...» (“Jethesemani”)

«Dir-se-á senil e enferma a alma da natureza,
Por este amargo abrir de fusco dia hiernal,
Duma desconsolada e anémica tristeza...» (“Alvorada Saturniana”)

«E eu sinto errar na tarde de veludo
Uma alma que medita, esparsa em tudo,
Um ser espiritual que não descubro.» (“Tarde Sonhadora”)

«A noite é consciente...
(...)
Sinto-a viver, sinto-lhe o “eu” sagrado
Cheio de incognoscíveis pensamentos
Que a alma aspira como vago aroma,
Mas que o verbo não pode traduzir.» (“A Alma da Noite”)

Assim, acentua-se mais, ainda, a perspectiva decadentista do tédio de viver, transportando consigo a monotonia dos dias e a acédia dos espíritos, como se de uma inexorável premissa do Destino se tratasse e impusesse uma circularidade contínua de dor e de tédio. Estamos, então, certamente, em presença da expressão formal do “spleen” baudelairiano:

«O fastio da vida, o mórbido cansaço
Dum velho coração que nada espera já.» (“Alvorada Saturniana”)

«Olho em torno de mim: as cousas mesmas
Têm um ar de desgosto sem remédio...
E as horas vão, morosas como lesmas,
Rastejando por sobre o nosso tédio.» (“Spleen”)

«O dia está tão triste! E sinto-me oprimido
Sob o nevoento céu, grosso como um rochedo.
(...)
(...) Odeio este ócio domingueiro.» (“Dia Santo”)

Poder-se-á, assim, compreender uma certa atracção da lírica mesquitiana pelo longínquo, geográfico, ou pelo que está para além da realidade, no campo do onírico, espaços de evasão que, numa perspectiva trans-epocal, remonta ao romantismo e prolongando-se na temática parnasiana permanece no ideário simbolista, continuando a motivar o devaneio poético. Esta atitude poética sai reforçada pela circunstância da vivência do poeta em espaço insular, a todo o momento confrontada pelo apelo das terras estranhas, que certamente motivaram alguns conterrâneos de Roberto de Mesquita (o próprio irmão, Carlos de Mesquita, serve de exemplo, sempre presente) e, também, no plano físico, pelas embarcações que, navegando ao largo do espaço ilhéu, contribuía para aguçar o espírito do poeta:

«Por loucos sonhos juvenis levado
Um dia, por meu mal,
Abandonei meu lar idolatrado
E o meu país natal.

Num gracioso bergantim ligeiro
De velas enfunadas,
Parti em busca (ingénuo aventureiro!)
De terras encantadas...» (“Olhos Amigos”)

«Saudade dum país mais vago do que um sonho
E que nunca hei-de ver, nem sei onde se oculta...» (“Exilado”)

«Julgo que este coração,
Que chora em mim sem cessar,
Num saudoso recordar
De tempos que longe vão,
Teve já vida e paixão
Noutra idade e noutra lar.» (in “Trova Lusitana”)

«Um dia vi-me enfim – que dita! – comandante
Duma airosa corveta

Destinada a partir para um país distante,
Que a minha fantasia de poeta

Doirava. (...)» (“Além”)

«É uma mágoa sem fim, uma tristeza doentia,
Uma saudade do quer que é, remoto, ausente...
Uma nostalgia *d’au-delà*, uma nostalgia
Dum País esfumado ao longe, vagamente...» (“Do Livro “Alma””)

«O Ausente! Canaã remota e suspirada
Que azuleja não sei que mágica poesia...
Como se esfumam ante o olhar da Fantasia,
Muito ao longe, jardins, castelos de balada!» (“Mar Largo)

Esta atitude decadentista, consumindo-se, lenta e gradualmente, num dramatismo que se sente latente em *Almas Cativas*, parece-nos decorrer da vibração sofredora das almas, a que o poeta não consegue dar solução, também ele preso a uma “alma doente”. Esta angústia existencial advém da consciência de duas naturezas que se contrapõem, que não conseguem conciliar-se: um “eu” superficial, que tenta iludir o sofrimento, e um “eu” profundo, que tem como essência a amargura. Por isso, a apresentação da alma doente ou em agonia torna-se tema recorrente em Roberto de Mesquita:

«Se se estagnasse esta inefável noite,
Envolvendo a minha alma combalida
E nunca mais a fustigasse a vida
- Esse brutal, esse temido açoite!...» (“Nocturno I”)

«Minha alma, donde nasce a mágoa que te invade?
Que éden sentes perdido?» (“Nocturno II”)

«Alma violácea, inconsolável desterrada!» (“Do Livro “Alma””)

«Como vós sois irmãs da minh’alma doente,
Campo que o temporal, a neve, os aguaceiros
Invadem, devastando os bosques cruelmente,
Alagando redis, choças de pegureiros...» (“Azul de Inverno”)

Conjugada com esta caracterização da alma enferma, deparamo-nos com a significativa ocorrência dos campos lexicais de “senilidade”, de “doença” e de “morte”, que acentuam, na obra, as dimensões de cansaço e de desesperança.

Significativamente, a preferência pelos quadros temporais do fim-de-tarde, da noite e do Outono²⁷⁵ reforçam a dimensão do peso de sofrimento existencial:

«O fastio da vida, o mórbido cansaço
Dum velho coração que nada espera já.» (“Alvorada Saturniana”)

«Porém ali somente eu escutava
A elegia, o queixume dolorido
Que a alma do Passado soluçava
Nesse trigueiro Alcácer esquecido.» (“Epifania”)

«A alma do Inverno, como um alma de viúva,
Chorava aguadamente... (“Remember”)

«(...) Quem descobrisse
Um outro mundo, uma mansão ignota
Onde o novo, o imprevisto sacudisse
O marasmo desta alma velha e bota.» (“Spleen”)

Face ao exposto, julgamos poder concluir que, relativamente às temáticas abordadas em *Almas Cativas*, bem como ao conceito de poeta e de poesia, a obra de Roberto de Mesquita denuncia uma orientação mais decadentista do que simbolista, mesmo considerando os aspectos comuns a ambas as tendências poéticas, uma vez que o tom de pessimismo, de angústia existencial, de tédio de viver (o “spleen” baudelairiano ou o “azorean torpor”, expressão popularizada por Nemésio) predominante na obra e marcadamente decadentista, se sobrepõe à concepção da poesia como acto de desocultação das analogias universais, de tentativa de captação da vida oculta dos seres ou perseguição de um mítico *au-delà*, pretensões estas ligadas ao ideário estético-pragmático simbolista.

No entanto, se Roberto de Mesquita apresenta, na sua obra, características temáticas comuns aos restantes poetas da Geração de 90, nos quais, como já foi referido, os elementos decadentistas se sobrepõem aos simbolistas²⁷⁶, o facto é que, parece-nos, essa comunhão estética e ideológica não resultará tanto de uma

²⁷⁵ Cf. os poemas “Tarde Enferma”, “Tarde Sonhadora”, “Rondó do Outono”, “Olhando os Longes”, ...

²⁷⁶ COELHO, Jacinto do Prado, “Panorama do Simbolismo Português”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d, p. 108

aprendizagem pela leitura dos seus companheiros geracionais²⁷⁷, quanto por uma interiorização das novas ideias poéticas, realizada a partir de leituras feitas²⁷⁸, mas filtrada pela sua própria sensibilidade, circunstanciada pelas condições de habitante insular da ilha mais ocidental do arquipélago açoriano²⁷⁹.

Consustanciamos esta nossa posição quando, deparando-nos com a confessada admiração de Roberto de Mesquita por Eugénio de Castro, então, como hoje, tido “como guia e mestre e figura máxima do Simbolismo português.²⁸⁰», confissão esta denunciada não só pela dedicatória de *Almas Cativas* ao autor de *Oaristos*, mas também pelo encontro, patrocinado por Carlos de Mesquita, entre ambos os vates em Coimbra, em 1904²⁸¹, verificamos que o diálogo intertextual com o poeta conimbricense, pelo menos quanto aos aspectos de inovação poética apresentados no Prefácio à 1ª edição de *Oaristos*²⁸², como sejam o uso de rimas novas e raras, novas métricas, sinestésias, aliterações e vocabulário mais rico e musical, resulta muito ténue, pouco significativo, no contexto geral de *Almas Cativas*²⁸³.

Relativamente à restante plêiade de cultores, nacionais, da estética decadentista e/ou simbolista, dificilmente descobrimos a sua presença na poética mesquitiana, pelas razões apresentadas anteriormente, mesmo salvaguardando que as obras de um ou outro sejam do conhecimento de Roberto de Mesquita²⁸⁴.

²⁷⁷ Recordamos, aqui, a constatação adiantada por Pedro da Silveira, e geralmente aceite pelos críticos do poeta florentino, de que Carlos de Mesquita, como estudante na Lusa Atenas, como docente do Liceu em Viseu, ou já enquanto professor da Universidade de Coimbra, manteria, por correspondência, o irmão Roberto a par das evoluções do movimento poético finissecular. Cf. SILVEIRA, Pedro da, “Carlos e Roberto de Mesquita”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d, p. 142

²⁷⁸ Pelos periódicos da ilha das Flores, do Faial e, quase certo, nalguns com que Carlos de Mesquita colaborava; pelas traduções de poesia francesa (Baudelaire, Mallarmé, Verlaine) realizadas pelo irmão Carlos, cf. Silveira, Pedro, *op. cit.*, p. 141, e através da própria obra desses autores, no original, cf. Júnior, Venâncio Augusto Ferro, *op. cit.*, e FERREIRA, Manuel, *op. cit.*

²⁷⁹ Não deixa de ser, aliás, significativo que se torne mais relevante a incidência da influência dos autores franceses sobre Roberto de Mesquita do que, propriamente, dos poetas nacionais, descontando o facto de que tanto aquele como estes procuraram para modelos, principalmente, os preceitos poéticos que, então, irradiavam de França.

²⁸⁰ Cf. SILVEIRA, Pedro da, *op. cit.*, p. 140

²⁸¹ SILVEIRA, Pedro da, “Cronologia”, in *Almas Cativas e Poemas Disperso*, Lisboa, Ática, 1973, p. 234

²⁸² Cf. CASTRO, Eugénio de, *Obras Poéticas de Eugénio de Castro*, Tomo I, Direcção e Textos Introdutórios de Vera Vouga, Porto, Campo das Letras, 2001, pp. 55-61

²⁸³ BEIRES, Isabel Maria Morujão de, *op. cit.*, pp. 50-51

²⁸⁴ Um aspecto que, parecendo pouco significativo, torna-se interessante de observar é a quase ausência completa de dedicatórias dos poemas insertos em *Almas Cativas* a personalidades que, duma forma ou de outras, se revelassem importantes na mundividência de Roberto de Mesquita, por razões

Pelo contrário, o diálogo intertextual do autor de *Almas Cativas* com a poesia francesa finissecular, mormente com Paul Verlaine, torna-se um facto de fácil constatação. Por certo que movido por inclinação pessoal, mas, sobretudo, motivado pelas leituras e traduções da poética francesa, encetadas por Carlos de Mesquita, Roberto de Mesquita contactou, de perto e no original, com o ideário estético e ideológico propagado pelas *Fêtes Galantes* e pelos *Poèmes Saturniens*, principalmente.

«Não tendo com quem mutuar ideias ou emoções, fazia jornadas com Baudelaire, admirando-lhe as violências e as ironias; folheava l'Isle-Adam, sobretudo Verlaine das *Fêtes Galantes* e *Poèmes Saturniens*; ensaiava-se ora em Cesário Verde, ora em Eugénio de Castro; embebia-se da metafísica de Antero, das névoas schopenhauerianas... Só, como álamo num descampado.»²⁸⁵

Porventura, impressionado pela “Art Poétique” verlainiana, a que sustenta o primado da música como meio privilegiado de proporcionar infinitas sugestões aos leitores, Roberto de Mesquita concebe o poema “Do Livro “Alma””, publicado em Dezembro 1893 na revista coimbrã *Os Novos*, embora com apresentação pública na *Revista Faialense*, da Horta, em Fevereiro desse mesmo ano.

Bocas anónimas soluçam pelo ar
Um doce canto azul dum ritmo langoroso,
Lenta canção que afoga as Almas em pesar,
Vago pesar, imotivado, misterioso...

É uma mágoa sem fim, uma tristeza doentia,
Uma saudade do quer que é, remoto, ausente...
Uma nostalgia *d'au-delà*, uma nostalgia
Dum País esfumado ao longe, vagamente...

Cantai, violas do Outono e bocas do Sol-posto,
Cantai, gemei a vossa mística balada.
Oh! Como cresce ante esta orquestra o teu desgosto,
Alma violácea, inconsolável desterrada! (“Do Livro “Alma””)

No poema, com nítida inspiração na “Art Poétique” e na “Chanson d’automne”,

literárias ou sociológicas. A única excepção conhecida e presente na edição de 1973, a que serve de referência a este trabalho, surge na secção “Poemas Dispersos”, no poema “Remember”, dedicado ao amigo, jornalista (foi redactor do jornal *O Açoriano*), contista e dramaturgo, Rodrigo Guerra Júnior, também professor do Liceu da Horta e depois funcionário das Alfândegas, que terá estimulado o jovem poeta florentino no gosto pela literatura, mormente a de cariz parnasiano, tão em voga no meio faialense, à época, cf. SILVEIRA, Pedro da, *op. cit.*, pp. 230-231. Esta curiosidade confirma, por outro lado, o relativo isolamento, em termos de tertúlia literária, a que estava votado Roberto de Mesquita.

²⁸⁵ LIMA, Marcelino, “Comentário”, in *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ática, 1973, p. 23. Cf., também, RODRIGUES, Urbano Tavares, “Roberto de Mesquita”, in COELHO, Jacinto do Prado, *Dicionário de Literatura*, vol. II, 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984, p. 637, e, ainda, as listagens de obras e autores presentes na biblioteca pessoal de Roberto de Mesquita, apresentadas em JÚNIOR, Venâncio Augusto Ferro, *op. cit.*, e em FERREIRA, Manuel, *op. cit.*

embora apresente uma estruturação formal diferente, o poeta propõe-se transmitir ao leitor a sensação de perda de um bem perdido (“uma nostalgia / Dum País esfumado ao longe”) e da melancolia profunda que essa ausência provoca (“Bocas anónimas soluçam pelo ar / Um doce canto azul dum ritmo langoroso / (...) É uma mágoa sem fim, uma tristeza doentia”), socorrendo-se de elementos do campo semântico de Música, “soluçam”, “canto”, “ritmo langoroso”, “canção”, “cantai”, “violas”, “balada”, “orquestra”, das sinestésias, “doce canto azul”, “Lenta canção”, e da adjectivação expressiva, “langoroso”, “vago”, “imotivado”, “misterioso”, para transmitir a ideia de vacuidade, de indefinido, de sugestão, tal como se nos apresenta, afinal, a noção de saudade de um bem perdido.

Em “Do Livro “Alma””, se as duas primeiras estrofes se aproximam do texto verlainiano considerado como um verdadeiro manifesto das pretensões simbolistas enquanto escola literária, uma real teorização de “Art Poétique”, já a 3ª e última estrofe se familiariza mais com a “Chanson d’automne”, onde, em ambos os textos, a música se entranha e dá forma, acústica e visual, à mensagem poética, e, através do simbolismo e da técnica da sugestão, criada a partir das imagens “violão/viola de Outono” e da “orquestra”, se recria uma atmosfera emocional pautada pela vivência disfórica da realidade e o apelo ao misticismo redentor.

Deste modo, Roberto de Mesquita procede, num único poema, em “Do Livro “Alma””, a uma admirável síntese do ideal poético verlainiano de “De la musique avant toute chose”, tal como vem expresso nos dois textos referidos²⁸⁶ e persegue, em

²⁸⁶ “L’Art Poétique” (À Charles Morice)

simultâneo, um dos objectivos mais caros à poética simbolista de atingir a capacidade de sugerir o estado de alma doente, tema recorrente da poesia mesquitiana²⁸⁷, directamente ligada à capacidade de evocar, ou seja, os seres e objectos do mundo sensível, como que constituem apenas a vestimenta da ideia ou do mistério, não interessam à poesia senão como elementos que servem para trazer à mente a imagem do mistério ou da ideia. Nessa perspectiva, os seres e objectos, as “Bocas anónimas” e o “País esfumado”, devem permanecer à distância, de maneira que se extraia deles a essência, algo abstracto, velado, que não deverá ser jamais enunciado, sob pena de perder a sua condição de coisa misteriosa.

Feita a constatação das relações intertextuais mantidas entre “Do Livro “Alma”” e a “Chanson d’automne”, não podemos deixar de notar outra manifestação do diálogo estético de Roberto de Mesquita com Paul Verlaine. Referimo-nos, em concreto, ao poema “Alvorada Saturniana” e à familiaridade, titular e ideológica, que este mantém com os *Poemas Saturnianos*, do poeta francês, onde, aliás, já constava a referida “Chanson...”.

De la musique avant toute chose,
Et pour cela préfère l'Impair
Plus vague et plus soluble dans l'air,
Sans rien en lui qui pèse ou qui pose.

Il faut aussi que tu n'aïlles point
Choisir tes mots sans quelque méprise
Rien de plus cher que la chanson grise
Où l'Indécis au Précis se joint.

C'est des beaux yeux derrière des voiles
C'est le grand jour tremblant de midi,
C'est par un ciel d'automne attiédi
Le bleu fouillis des claires étoiles!

(...)

De la musique encore et toujours !
Que ton vers soit la chose envolée
Qu'on sent qui fuit d'une âme en allée
Vers d'autres cieus à d'autres amours.

Que ton vers soit la bonne aventure
Eparse au vent crispé du matin
Qui va fleurant la menthe et le thym...
Et tout le reste est littérature.

“Chanson d’automne”

Les sanglots longs
des violons
de l'automne
blessent mon coeur
d'une langueur
monotone.

Tout suffocant
et blême, quand
sonne l'heure.
je me souviens
des jours anciens,
et je pleure...

Et je m'en vais
au vent mauvais
qui m'emporte
de çà, de là,
pareil à la
feuille morte...

²⁸⁷ PEREIRA, José Carlos Seabra, *op. cit.*, p. 283

Se a aproximação do soneto mesquitiano à obra de Verlaine, no que ao título diz respeito, resulta numa evidência incontornável, também, quanto ao conteúdo a influência verlainiana parece confirmar-se. O texto de Mesquita apresenta-nos uma natureza enferma e apática, pintada a traços impressionistas e onde o intrincado jogo das sensações (visuais, auditivas, tácteis...), a sinestesia (“macilenta e gélida alvorada”, as adjectivações, geralmente duplas (“véu cinzento e baço”, “manhã irregelada e má”, “desconsolada e anémica tristeza”), conjugando percepções objectivas e subjectivas da realidade, o investimento nos campos semânticos de opressão, de doença e de senilidade, parecem conformar, metonimicamente, um sujeito poético impregnado do mais intenso “spleen” baudelairiano, atreito ao tédio de viver, à desolação e à prostração, numa perfeita sintonia com a alma da natureza assim descrita²⁸⁸.

Os *Poemas Saturnianos*, por seu lado, publicados pela primeira vez em 1866, apresentam nítidas influências de Baudelaire, pelo tom outonal e crepuscular, denunciando um estado de alma enfermo e nostálgico, a que a imagem mitológica de Saturno empresta, simbolicamente, as nuances de dor, sofrimento, pessimismo e do inexorável devir temporal, que tudo altera e devora. Para além deste, são, também, evidentes, traços de romantismo, pela exposição do herói poético enquanto ser solitário, infeliz nos amores e vítima da frialdade da mulher amada, inexoravelmente atraído pela vertigem do abismo e vítima de um destino amargo e cruel. Neste primeiro livro de poemas de Paul Verlaine está bem vincada, ainda, a expressão formal parnasiana, resultado da iniciação do poeta no *Parnasse Contemporain* (1866).

Que Roberto de Mesquita tenha lido os *Poemas Saturnianos*, como cremos que o terá feito, parece-nos uma evidência facilmente demonstrável. Igualmente, também terá mantido contacto com a obra seguinte de Paul Verlaine²⁸⁹, *Festas Galantes* (1869), e dessa leitura encontramos alguns vestígios textuais no *corpus* poético de *Almas*

²⁸⁸ A mesma atmosfera poética surge plasmada, por exemplo, em “Jethesemani”, “Tarde Enferma”, “Spleen”...

²⁸⁹ Alguns testemunhos informam-nos que Roberto de Mesquita teria por hábito declamar poemas de Verlaine, de memória e no original, e que em momentos de delírio, pouco antes de morrer, chegou mesmo a evocar o poeta francês, em frases descoordenadas e incompreensíveis. Cf. FERREIRA, Manuel, op. cit., p. 143

*Cativas*²⁹⁰. Assim, do mesmo modo como Verlaine procurou recuperar, poeticamente, as «Personagens da comédia italiana e da comédia francesa, marqueses e marquesas, abades e histriões, actrizes e cortesãs, pantomimas e farsas, os “*billets doux*”, as “*Fanchon*”, e as *escarpolettes* de Fragonard, as “*Camargo*”, as “lições de música” e os “repastos italianos” de Lancret, as “festas campestres”, os “*donneurs de sérénades*” e os “embarques para Citera” de Watteau, as “confidentes” e os “prazeres do Outono e do estio” de Boucher, - tudo isso, isso tudo que forma o encantamento mágico, o sorriso misterioso da pintura desse tempo fascinante se reflecte maravilhosamente nas *Fêtes Galantes* de Paul Verlaine assim como num espelho mágico que guardasse as imagens fugitivas que por ele houvessem passado.»²⁹¹, também o poeta florentino procede à mesma evocação de tempos passados, numa clara confrontação disfórica com um presente agónico e decadente.

Esses vestígios de inspiração temática, caracteristicamente verlainianos, estão, por exemplo, na referência explícita ao título da obra do poeta francês feita em “Relicários IV” (“Que «festa galante», fina e sugestiva...”), acompanhada da descrição de todo um espaço de evasão caracterizado pela referência ao estilo de vida palaciano, cortês, sobressaindo a elegância das suas festas e da sua música (“Num salão dum palácio antigo e imponente, / Nobre solar feudal... “ in “Relicários I”; “Modas defuntas, trajos esquecidos, / Que tantas festas viram noutra idade”, in “Relicários III”)²⁹².

A fuga evasiva para estes espaços “galantes”, e igualmente para outros, adstritos à tradição bíblica (quase todos os poemas da secção “Evocação”), à Antiguidade Clássica (cf. “Tanit”, “Malditos”, “A Crucificada”, “Retrato de Vénus”...), à Idade Média (cf. os sonetos inclusos na série “Relicários”, “Remember”, “Almas Penadas I”, “Trova Lusitana”...), representam, no universo ficcional e emocional do poeta, a possibilidade de resistência à opressão do meio envolvente, num processo de ensimesmamento do sujeito poético, que o leva a, aristocraticamente, distanciar-se do presente decadente, constatada a incompatibilidade do poeta com o seu tempo e com

²⁹⁰ Para além dos exemplos textuais, também temos os testemunhos deixados pelos estudiosos da causa mesquitiana. Cf. LIMA, Marcelino, *op. cit.*; NEMÉSIO, Vitorino, *op. cit.*; JÚNIOR, Venâncio Augusto Ferro, *op. cit.*; FERREIRA, Manuel. *op. cit.*

²⁹¹ PENNAFORT, Onestaldo de, “Advertência”, in VERLAINE, Paul, *Festas Galantes*, 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1983, pp. 11-12

²⁹² Cf., ainda, “Romanticismo”, “Almas Penadas II”, “O Velho Cravo”, “Romanticismo” (de “Poemas Dispersos”), “Soneto”, ...

os homens que o rodeiam²⁹³:

«Se há na sua obra muitas composições sobre temas “antigos”, concebidos à Leconte de Lisle (e são essas a parte menos viva do livro: “Agag”, “Natan”, “Tabita”, outros temas orientais e helénicos), a lição de parnasianismo atenuado que lhe deu Verlaine mostrou-se mais adequada à sua propensão para uma espécie de arqueologia da saudade exercida através da sugestão musical dos “velhos tempos”. Os móveis do século XVIII, os vestidos guardados nos armários da ilha, “os saraus sepultos num saudoso outrora” convidam-no a uma evocação que é refúgio da sensibilidade recalçada, desgostosa das Flores, do triste escrivão de Fazenda.»²⁹⁴

²⁹³ «Olho em torno de mim: as cousas mesmas / Têm um ar de desgosto sem remédio... / E as horas vão, morosas como lesmas, / Rastejando por sobre o nosso tédio.» (“Spleen”)

²⁹⁴ NEMÉSIO, Vitorino, “O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita”, *op. cit.*, p. 131

PARTE III

1. Roberto de Mesquita e a questão da Literatura Açoriana

Do que atrás ficou dito, Parte I, capítulos 2 e 3, reiteramos a ideia de que a consolidação do *corpus* de obras adstritas ao conceito, e ideário, da Literatura Açoriana resulta, por um lado, da apresentação pública dessas mesmas obras, da sua aceitação por um público-alvo que nelas se revê ou, pelo menos, lhes reconhece um conjunto de valores sociológicos e culturais para si pertinentes e, por outro, da sua qualidade estético-literária, que lhes garante a permanência no tempo e na História da Literatura, independentemente das modas literárias vigentes.

Para além disso, cremos, qualquer Literatura que se apresente com ambições de autonomização não resultará tanto da vontade expressa de um conjunto de personalidades literárias, mais ou menos esclarecidas, ou de críticos literários, com maior ou menor grau de capacidade de argumentação, quanto de uma atitude involuntária, porventura inconsciente, que esses mesmos autores imprimem às suas obras, impregnando-as, necessariamente, de literariedade e das idiossincrasias, humanas, culturais e geográficas, da região ou do povo a que pertencem.

A obra poética de Antero de Quental, a literatura romanesca nemesiana, de forte incidência dos valores culturais açorianos, bem como a sua poesia, os contos de Dias de Melo, em especial os do chamado “Ciclo da Baleia”, a poesia de José Martins Garcia, só para designar alguns dos mais conhecidos dos leitores em geral, terão surgido de uma vontade expressa e específica de criação literária, nunca como resultando de qualquer propósito escolástico de defesa e de agregação a uma possível militância num ideário de Literatura Açoriana.

Apesar disso, pelos motivos temáticos que apresentam e desenvolvem, pela semelhança dos universos ficcionais que criam com as realidades objectivas da

mundividência açoriana, pela sugestão de um modo de pensar e de sentir a vida, típico de um conjunto de valores modelado por factores sociológicos, climáticos e telúricos específicos e distintivos da realidade insular açórica, as suas obras são susceptíveis de integrarem o *corpus* literário que identifica e apresenta essa Literatura Açoriana.

Deverá ser em presença deste conjunto de premissas que, parece-nos, podemos enquadrar a obra poética de Roberto de Mesquita, quando encarada à luz da problemática da literatura produzida nos Açores e da sua pertença à chamada Literatura Açoriana.

Se bem que, na década de 90 do século XIX, o primeiro movimento autonómico tendesse, já, a valorizar as obras literárias como expressão da identidade do *modus vivendi* do povo açoriano, acompanhadas por outros textos de natureza económica, antropológica, sociológica (ver Parte I, ponto 2, deste trabalho), o mesmo sucedendo com o ideário político do segundo movimento autonómico, surgido a partir dos anos 20 do século passado, não encontramos na escrita mesquitiana quaisquer tomadas de posição relativamente a esta questão²⁹⁵, ou a qualquer outra de índole política, partindo do princípio, plausível, que ao autor e à ilha das Flores chegavam, por via da imprensa, os ecos do que se ia passando nas capitais de distrito açorianas, mormente em Ponta Delgada e atendendo, também, a que eram conhecidas as suas simpatias pelo movimento republicano, chegando o seu nome a constar da lista de membros duma comissão instaladora do Partido Republicano Português nos dois concelhos da ilha das Flores, em 1910²⁹⁶.

Alguns dos mais importantes e autorizados nomes da crítica literária portuguesa tendem a reconhecer, na obra mesquitiana, para além das características ideológico-estilísticas próprias das escolas literárias finisseculares, traços que a vinculam aos Açores, às realidades insulares e a uma certa psicologia açórica, a que Vitorino Nemésio deu, como vimos, a designação feliz de “açorianidade”.

Jacinto do Prado Coelho, por exemplo, que analisou a obra e apreciou as suas qualidades, reconhece a Roberto de Mesquita «(...) um lugar no panorama da poesia

²⁹⁵ O único artigo de crítica sociológica que conhecemos, de Roberto de Mesquita, terá sido publicado no *Açoriano Ocidental*, nº 8 e 9, de 2 e 9 de Junho de 1917, intitulado “Uma Sardinha Intolerante”, versando sobre uma polémica jornalística mantida entre Guerra Junqueiro e António Sardinha (in SILVEIRA, Pedro da, op. cit., pp. 221-225)

²⁹⁶ *Idem, ibidem*, p. 235

portuguesa, pela qualidade estética de *Almas Cativas*; mais restritamente, situa-se no quadro da literatura açoriana pela expressão admirável da condição vivencial de ilhéu exilado no Atlântico...»²⁹⁷. Mais adiante, acrescenta:

«Assim nos conquista para o seu pequeno mundo e as suas fugas no imaginário. Se, num ou noutro ponto, é menos feliz a palavra escolhida ou evidente um rasto de leitura, tudo se resgata pelo tom de verdade humana, pela sugestiva delicadeza, pela criação duma atmosfera que nos envolve. Até a singeleza dos versos se coaduna bem com a modéstia do meio (a vila, o campo, o cerco do mar) onde o tempo não corre, só a poesia salva da estagnação, transfigurando-a.»²⁹⁸

Algum tempo antes, em 1958, Jorge de Sena reconhecia a familiaridade do poeta florentino com as poéticas realista/parnasiana e decadentista/simbolista, ao mesmo tempo que afirmava sobre Roberto de Mesquita e a sua obra:

«(...) viveu enclausurado numa modéstia ensimesmada, em que se caldearam influências parnasianas, e de Antero e de Cesário, que uma fina sensibilidade verlaineana nem sempre adaptou bem ao mundo que era o seu. Mas alguns dos seus poemas são percorridos por uma aguda e penetrante intuição pessoal, que transforma o “exílio” literário dos simbolistas e a imagística do decadentismo em algo de específico – um tédio menos da condição “limitada” do ilhéu que de uma mediania triste de vilas mortas e perdidas –, em que açorianos poderão reconhecer-se, mas que ascende, na fluidez da versificação, a uma pureza que, mais tarde, repercutirá na poesia de Armando Côrtes-Rodrigues.»²⁹⁹

Na mesma linha de pensamento, segue Urbano Tavares Rodrigues ao reconhecer traços da idiosincrasia açoriana na lírica mesquitiana, a par de outras influências recebidas de autores ligados aos movimentos poéticos que caracterizam o panorama literário português de finais de novecentos. Diz, este lúcido crítico literário, a propósito de *Almas Cativas*, que:

«(...) apesar da sua delgadeza, tem, de direito, um lugar, pela qualidade estética e mais ainda pelo acento autóctone, no nosso florilégio simbolista. Vagas preocupações metafísicas (...) nela se diluem num descritivismo realista, ainda baudelairiano e filtrado por Cesário Verde, que monotonamente se imprecisa em angustiosa solidão, própria do carácter insular e conforme, em sua música e cambiantes, com o magistério de Verlaine.»³⁰⁰

No entanto, compreensivelmente, é entre a crítica literária açoriana que mais se tem enfatizado os elementos que contribuem para a inscrição da poética

²⁹⁷ COELHO, Jacinto do Prado, “Roberto de Mesquita e o Simbolismo”, in *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1976, p. 215

²⁹⁸ *Idem, ibidem, loc. cit.*

²⁹⁹ SENA Jorge de, *Líricas Portuguesas I*, 3ª edição, Lisboa, Edições 70, 1984, p. 5

³⁰⁰ RODRIGUES, Urbano Tavares, *op. cit., loc. cit.*

mesquitiana na estética da açorianidade. Um dos primeiros a acentuar-lhe essas marcas intrínsecas à insularidade açórica, foi Marcelino Lima, o amigo de longa data de Roberto de Mesquita, o qual, no seu “Comentário” à 1ª edição (1931) de *Almas Cativas*, faz referência à alma do poeta mais atreita ao sonho e ao devaneio poéticos, que às obrigações formalistas e repetitivas do funcionário da Fazenda Pública que penosamente cumpria os seus deveres burocráticos:

«Desesperava-se o contribuinte a querer decifrar os calhamaços das matrizes; do distrito berravam pelas estatísticas salvadoras, pelos lençóis das tabelas e mapas, quase tecidos num labor de cálculo diferencial – enquanto ele, defendido pelo isolamento ilhéu, bocejava, num êxtase búdico, à cata do sonho!... Havia segredos na Natureza. O mar, em volta, soluçava a eterna elegia, com a sua voz de mistério, abraçando as rochas poderosas; e ao longe, por todos os lados, o horizonte inacessível da água e do céu...»³⁰¹

Porventura, o mais arguto de todos os críticos, o que terá visto com maior relevo as virtualidades da obra de Roberto de Mesquita, não só no contexto regional, mas também nacional, foi Vitorino Nemésio. O poeta e romancista terceirense tornou-se o principal responsável pelo desvendar da poética mesquitiana entre o universo da crítica nacional do seu tempo e, de um modo mais lato, ao público em geral. No seu artigo “O poeta e o isolamento: Roberto de Mesquita”³⁰², inicialmente publicado em 1939, na *Revista de Portugal*, Nemésio faz referências às temáticas e principais influências, de escola literária e autorais, que nortearam a produção poética de Roberto de Mesquita, ainda válidas entre a crítica mesquitiana contemporânea, e, acima de tudo, foi o primeiro a associar o poeta florentino ao conceito de açorianidade, em cuja poesia entreviu «(...) a melhor imagem da dispersão e sonolência da vida nos Açores, um perfil difuso e abúlico da açorianidade...»³⁰³. Mais adiante, no mesmo estudo, acrescenta:

«Eu digo que, se a poesia de Roberto de Mesquita é importante em si mesma e no que representa adentro do simbolismo português – sua atmosfera literária –, lhe dou ainda uma significação regional muito ampla e, assim, é preciso que quem a queira entender veja como este homem está na terra que o inspirou.»

Pedro da Silveira, que com Roberto de Mesquita compartilha as circunstâncias de ter nascido e vivido na mesma ilha e da rendição ao apelo das musas, salienta no

³⁰¹ LIMA, Marcelino, “Comentário”, op. cit., pp. 22-23

³⁰² NENÉSIO, Vitorino, op. cit., pp. 123-138

³⁰³ *Idem, ibidem*, p. 124

autor de *Almas Cativas* um estado de alma, uma sensação de isolamento, mesmo que voluntário, uma ânsia de evasão psíquica e onírica, que o circunscrevem adentro dos limites do quadro teórico que conforma o conceito de açorianidade:

«Hesito considerar Roberto de Mesquita rigorosamente um simbolista. Acima disso – e do que também tem de parnasiano – ele é um poeta de insularidade açórica, que foi buscar a Verlaine, L'Isle-Adam, Cesário, Antero e António Feijó (e talvez a Pessanha, que conhecia de revistas, e a Mallarmé) uns quantos elementos que o ajudassem a pôr a nu a sua dor de encarcerado da água do Atlântico.»³⁰⁴

Noutro passo, Pedro da Silveira recorda, novamente, a açorianidade de Roberto de Mesquita, em concomitância com os padrões parnasianos e simbolistas:

«Que se trata do maior dos simbolistas açorianos, e um dos mais altos representantes da poesia simbolista em língua portuguesa, é hoje unanimemente aceite. O que há de insular, de açorianidade, na sua obra, em parte também parnasiana, contribui largamente para lha marcar de originalidade.»³⁰⁵

Por fim, e só para citarmos aqueles que se responsabilizaram pelo trabalho sério e profissional de divulgação da obra poética mesquitiana, respondendo pela edição e reedição de *Almas Cativas*, exceção feita à referência a Vitorino Nemésio, seja-nos permitido recuperar as considerações de Tomás da Rosa, relativas à identificação do poeta florentino com o conceito de açorianidade:

«Roberto de Mesquita, adequando o seu “mundo” interior ou exterior, marcado pela solidão insular, aos princípios de certo simbolismo e de certa poesia de Antero, consegue uma expressão estilística própria, uma arte pessoal, resultante da experiência humana, vivida e intimamente sentida numa ilha. Numa pequena ilha isolada, muitas vezes brumosa e batida por temporais, lhe decorre a existência. Este isolamento, este viver em solidão sem terra firme e com o mar em roda num clima húmido e depressivo, caracteriza o que Vitorino Nemésio designou por açorianidade.»³⁰⁶

Embora esta seja uma perspectiva panorâmica, necessariamente muito resumida (vários outros exemplos poderiam ser aduzidos, mas a natureza e os limites deste trabalho obstam a tal propósito), a leitura dos excertos referenciados permite-nos aferir da unanimidade dos depoimentos, relativamente à identificação da poesia

³⁰⁴ SILVEIRA, Pedro da, “Carlos e Roberto de Mesquita”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d, p. 142

³⁰⁵ SILVEIRA, Pedro da, *Antologia de Poesia Açoriana – Do século XVIII a 1975*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1977, p. 208

³⁰⁶ ROSA, Tomás da, “Grande Poeta em Pequena Ilha”, in *Almas Cativas*, 3ª edição, Angra do Heroísmo, SREC, 1983, p. XV

de Roberto de Mesquita com o conceito de açorianidade, tal como foi proposto por Vitorino Nemésio, em 1932 (v. Parte I, cap. 2) e mantido, e desenvolvido, pela crítica sociológica e literária posterior.

Será, por certo, útil recuperar os condicionalismos humanos e geográficos com que se confrontava Roberto de Mesquita, em finais do século XIX e inícios do século XX, motivados pela sua vivência na ilha e, particularmente, por residir no ponto mais ocidental do arquipélago. Chegados a este ponto, não podemos deixar de recordar aquela que é, porventura, a mais famosa frase cunhada por Ortega y Gasset, ele que era um escritor que construía frases memoráveis a cada página escrita, em que diz: “*Eu sou eu e a minha circunstância e se não a salvo, não salvo a mim mesmo.*”, publicada no intróito ao livro *Meditações do Quixote*³⁰⁷. A frase do filósofo madrileno, quando aplicada no contexto da obra literária de Roberto de Mesquita, releva, singularmente, as suas circunstâncias, literária e insular.

No plano da criação literária, e atendo-nos, apenas, à primeira parte da supra citada sentença, somos remetidos para a manifestação das tensões que se operam no diálogo mantido entre o autor e o seu meio envolvente, expressas nos textos que apresentam uma maior adesão aos preceitos realistas/parnasianos. No texto mesquitiano encontramos, a todo o momento, para lá das preocupações técnico-compositivas formalistas próprias da escola parnasiana, o pendor narrativo-descritivista, presente na caracterização de estados atmosféricos, de paisagens e do modo de vida tipicamente insulares, associados à experiência de vida pessoal, independentemente de terem uma maior ou menor correspondência com ambientes de outras latitudes:

«Por esta noite de céu baço e sem luar
(...)
Sob este céu de chumbo...
(...)
Deserto todo o burgo. Eu divago através
De Quelhas negras, duma tétrica mudez,
Sob o agoiro dos céus cinzentos e pardos,» (“Jethesemani”)

«Lívido amanhecer, lufadas agressivas
Batem os canaviais e os álamos da estrada,
Que bilioso o acordar das perspectivas

³⁰⁷ GASSET, Ortega y, *Meditações do Quixote*, Rio de Janeiro, Editora Livro Ibero Americano, 1967

Por esta macilenta e gélida alvorada!

A paisagem que empana um céu cinzento e baço...» (“Alvorada Saturniana”

«Neste ocaso outonal, doente e langoroso» (“Tarde Enferma”)

«Expira a tarde; o mar entorpecido
Tem um canto monótono que embala» (“Tarde Sonhadora”)

«O mar suspira um salmo embalador» (“Tanit”)
«Na tarde em que te foste, o céu era cinzento.
Sob a nortada fria,
Soltava o arvoredo um lúgubre lamento...
(...)
E o primeiro serão sem ti, no quarto mudo
Donde escutava a chuva e o vento sibilante!
(...)
E o aflitivo nordeste em cujo uivar palngente
A alma do Inverno, como uma alma de viúva,
Chorava aguadamente.» (“Remember”)

«Paisagem fresca após a quadra pluviosa,
Um céu de intenso anil com fulvos tons de poente.» (“Idílio I”)

«Dezembro, dia pluvioso. Vem
Deste céu de burel um *spleen* mortal...
(...)
O véu cinzento e denso que se espalha
Lá por fora, empanando as perspectivas,
Dir-se-á também que as almas amortalha
E afoga as suas vibrações mais vivas.
(...)
Fumo e passeio, a chuva cai, ninguém
Passa na rua; e ao choro do beiral
Sucedem uivos do nordeste. Vem
Desta plúmbea manhã um *spleen* mortal.» (“Spleen”)

«Numa tarde outonal, cinzenta, em que se perde
A linha do horizonte em névoas afogada,
E em que um mar de tormenta, encapelado e verde,
Se vem despedaçar na rocha alcantilada...» (“A baleia”)

«Aves do mar que em ronda lenta
Giram no ar, à ventania,
Gritam na tarde macilenta
A sua bárbara alegria

Incha lá fora a vaga escura
Uiva o nordeste aflitivamente...» (“Ar de Inverno”)

«Linda tarde de estio. O mar infindo

É um sereno lago transparente.
Um enorme vapor que vai saindo
Vomita negro fumo ansiosamente.» (“O Último Olhar”)

Os elementos geográficos e atmosféricos configuradores do conceito de açorianidade: nebulosidade cerrada, humidade, presença constante do mar (com os seus “humores”, ora tranquilo ora alterado), luz difusa, bruscas mudanças climáticas, etc.³⁰⁸, estão, julgamos nós, sobejamente identificados nos exemplos apresentados e, em nosso entender, não são apenas motivados por um mais ou menos velado apelo de escola literária. O narrativismo/descriptivismo das estéticas realista e parnasiana, por si só, não explicam a atenção concentrada do olhar do poeta sobre estes fenómenos naturais. Eles são, afinal, o seu dia-a-dia, a sua “circunstância” sociológica e ambiental, a que a escrita poética não deve ser indiferente nem insensível.

Por outro lado, os estados psicossomáticos que perpassam por toda a obra mesquitiana e que, nas opiniões de Vitorino Nemésio e Luís da Silva Ribeiro, contribuem para caracterizar o modo de ser açoriano (uma tristeza irremediável e irreprimível, a nostalgia, a apatia, a sensação de aprisionamento, a solidão, a saudade, a religiosidade, etc.) não devem ser lidos, estritamente, à luz dos valores estéticos e filosóficos aventados pelo decadentismo e pelo simbolismo. Parece-nos que, para além destas influências, a que certamente o poeta não foi alheio, este modo de estar e de sentir a vida resulta da interacção do sujeito com o meio em que se insere e da modelação da sua sensibilidade intrínseca aos estímulos exteriores.

«Os poetas destas ilhas de bruma, portugueses dos quatro costados, manifestam as mesmas tendências literárias dos seus irmãos continentais; de facto, os seus poemas possuem as mesmas características gerais da poesia nacional. Além disso, as próprias escolas e correntes literárias encontram sempre imediatamente audiência nos poetas açorianos: eles as seguem! Daí, por consequência, não haver nos Açores poesia à parte, autónoma, de expressão ilha.

Contudo, devido ao isolamento forçado de quem nasceu em terras rodeadas de água por todos os lados, o poeta açoriano reflecte nos seus poemas – como não podia deixar de ser – o meio ambiente, paisagem, céu de nuvens quase permanentes, mar e vento – ao mesmo tempo que imprime à sua obra literária uma feição particularmente subjectiva, toda, - é claro – derivada de uma fina sensibilidade e de um temperamento constitucionalmente melancólico. É que o poeta açoriano é, no fundo, um solitário e contemplativo, permanentemente cosido com a sua dor e ralado de saudades, preso ao amor e ao encanto da sua terra natal, refugiando-se, em derradeira análise, no Sonho e na Miragem... Por isso, uma das características mais acentuadas da Poesia açoriana é, sem dúvida, o sentimento da Tristeza – aquela tristeza que é gémea da

³⁰⁸ Cf. os textos de Vitorino Nemésio e de Luís da Silva Ribeiro citados na Parte I deste trabalho.

Não é relevante, cremos nós, acentuar a semelhança da sensibilidade demonstrada na poesia mesquitiana, e vinculada aos valores afectivos que caracterizam, particularmente, o decadentismo português³¹⁰, com a de outros poetas continentais, contemporâneos de Roberto de Mesquita e, como este, também mais ou menos devedores das estéticas decadentista e simbolista, com o fim de vincular *Almas Cativas* a essas mesmas escolas poéticas e afastar a obra de uma possível inserção no conjunto de textos que dão forma e expressão à Literatura Açoriana.

Ressalvando a opinião de que Roberto de Mesquita não terá, consciente e propositadamente, almejado o objectivo de contribuir para esse *corpus* literário que se autonomiza, de maneira progressiva, da literatura nacional, num movimento que se iniciou na última década de oitocentos, que ganha novo fôlego na segunda década do século XX e que se acentua a partir dos anos 40, o facto é que, independentemente das influências literárias recebidas, existem marcas, na poesia de Mesquita, que qualquer leitor, nascido e criado nos Açores, ou que lá tenha vivido o tempo suficiente para experienciar e compreender os condicionalismos telúricos, climatéricos e sociológicos que modelaram a psique e o modo de estar no mundo do açoriano³¹¹.

Assim, considerar-se que a presença obsessiva do tédio de viver, da alma doente, que encontra correspondência na natureza e que, por ausência de solução, descai na melancolia e no pessimismo, a sensação de solidão e de aprisionamento ao espaço ilha, a ânsia de evasão, marcada textualmente por uma imagética da viagem recorrente e identificada pelo exotismo do espaço e no tempo, resultam, na poética mesquitiana, principalmente da identificação do poeta com modelos e estratégias técnico-expressivas próprias das estéticas finisseculares³¹², principalmente do

³⁰⁹ CARVALHO, Ruy Galvão de, *Poetas dos Açores*, Angra do Heroísmo, SREC, 1988, p. 17

³¹⁰ Cf. Parte II, capítulo 1.5 deste trabalho.

³¹¹ Esta compreensão não se atinge, plenamente, com viagens de natureza turística, como parece estar na moda nos nossos dias, assumindo um carácter exótico e a sensação de um suposto “regresso ao passado” ou ao “paraíso perdido”, ou como a que Raul Brandão realizou em 1926 e que deixou, impressionisticamente, registada no soberbo *As Ilhas Desconhecidas*, mas que mais não é que a perspectiva interessada, e arguta, de alguém que é exterior àqueles ambientes e que, tentando compreendê-los, não os vivencia, ou, ainda, através de permanências pontuais, de reduzida duração, em solo açoriano.

³¹² Cf. BEIRES, Isabel Maria Morujão de, *op. cit.*, p. 112

Decadentismo, e que se sobrepõem à manifestação genuína e natural de estados de alma caracterizadores do sujeito poético e motivados, principalmente, pela ambiência insular, parece-nos excessivo e resultante de um conhecimento superficial do modo de viver e dos condicionantes que modelam a vida no arquipélago açoriano.

Por um lado, não acreditamos que Roberto de Mesquita tivesse conhecimento, muito aprofundado, das obras de poetas continentais mais ou menos ligados aos valores estéticos e filosóficos decadentistas e simbolistas, como Júlio Brandão ou Henrique de Vasconcelos, um António de Oliveira-Soares ou Alberto Osório de Castro e, até, Camilo Pessanha, porque, não só eles trataram a matéria poética de modo diverso³¹³, sem a mesma incidência temática obsidiante, como a constante em *Almas Cativas*, como também, dificilmente, os seus textos chegariam à ilha das Flores, espaço onde as novidades só surgiam mensalmente, pelo navio da carreira, resultando, deste modo, no único veículo de comunicação existente, e que, nos meses de Inverno, nem isso acontecia. Para além deste facto, significativo da logística da época, não encontramos vestígios da presença daqueles autores nos meios culturais mais evoluídos, especialmente na ilha do Faial onde, como vimos, a actividade literária acontecia de forma bastante acentuada, nem referências na biblioteca pessoal de Roberto de Mesquita, tal como nos foi dada a conhecer por Venâncio Augusto Ferro Júnior ou Manuel Ferreira.

Por outro lado, nem sequer a constatação da participação de Roberto de

³¹³ Sobre a poética de Júlio Brandão, informa-nos Ester de Lemos, «A sua poesia (de Júlio Brandão), muito marcada pelo gosto da época (o primeiro volume de versos é de 1892), repete temas de Heine, ritmos e imagens de Junqueiro, novidades vocabulares aprendidas em Eugénio de Castro. Princesas de balada, virgens líliais, imagens tiradas duma liturgia cenográfica; um vago panteísmo, uma vaga ideia de metempsicose, a renúncia ao amor realizado, a saudade dos mortos queridos, a sombra de António Nobre, um aflorar de popularismo em que o Autor consegue certa frescura e graça.» in *Dicionário de Literatura*, vol. I, 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984, p. 122. Relativamente a Alberto Osório de Castro, o crítico literário Urbano Tavares Rodrigues refere que «Saído do ramo nacionalista-regionalista do Simbolismo, derivou (o poeta), no seu peregrinar por distantes terras, para um esteticismo orientalista, enamorado do exótico, largamente matizado de erudição, com características ainda parnasianas. Os seus quatro livros capitais (...) testemunham uma requintada predilecção pela singularidade, pelo “diferente”, pela morbidez.» in *op. cit.*, p. 166. Quanto ao autor de *Clepsidra*, ensina-nos Jacinto do Prado Coelho que «O lirismo de Camilo Pessanha, verlainiano pela qualidade musical, mostra-se discretamente feminino, duma calma e pungente resignação, raro cortada por um lamento mais alto ou por um grito de revolta. Dificilmente adivinhamos em alusões dos seus versos uma experiência concreta, biográfica. (...) os seus estados de alma parecem desligados da circunstância, como que subtraídos ao espaço e ao tempo; nunca são directamente expressos mas apenas insinuados, em breves acenos entrelaçados com farrapos de paisagem...», in *op. cit.*, vol. 3, p. 817

Mesquita em revistas literárias continentais resulta como justificação suficiente. Considerar-se Roberto de Mesquita como “colaborador” da revista *Os Novos*, de Coimbra, edição identificada com os cânones decadentista e simbolista, ou da *Ave Azul*, de Viseu, revista de intenção eclética, mas próxima daqueles princípios estéticos, parece-nos um epíteto algo exagerado, visto que o poeta florentino apenas marca uma presença circunstancial nas referidas edições (a composição “Do Livro Alma” surge na revista coimbrã, no seu nº 2, de Dezembro de 1893; “Além”, na revista viseense, fascículos 10-12, da 2ª série, em Outubro-Novembro de 1900) e, mesmo assim, certamente, mais por influência do irmão, Carlos de Mesquita, já que esse alimentava uma intensa actividade de crítica e de produção literárias em Viseu e em Coimbra³¹⁴, do que pela constatação de pertença a um grupo literária comungante das mesmas opções poéticas.

Face ao exposto, comungamos da apreciação de Jacinto do Prado Coelho quando afirma que:

«O destino humilde de certos poetas, fechados nos limites de um meio acanhado e remoto, tem um particular encanto que desperta a simpatia. Sucede assim com Roberto de Mesquita, modesto funcionário na ilha das Flores, perdida no Atlântico. Os seus versos, só postumamente reunidos em volume (... *Almas Cativas...*, 1931), denunciam cultura literária incompleta e retardada, hesitação entre caminhos vários apontados por modelos franceses e portugueses, por vezes fraquezas de expressão, mas, com tudo isto, constituem poesia autêntica, fruto de uma alma contemplativa e sensível, onde se reflecte a paisagem física e espiritual dos Açores.»³¹⁵

Regressando à frase lapidar de Ortega y Gasset, “*Eu sou eu e a minha circunstância e se não a salvo, não salvo a mim mesmo.*”, e atendo-nos, agora, à sua segunda parte, verificamos, na poética mesquitiana, algumas ténues tentativas para a superação da irredutibilidade do seu exílio insular³¹⁶, na própria terra-natal, bem como para o seu tédio de viver, a experimentação do “spleen”, baudelairianamente vivido, ou do “azorean torpor”, se encarado na perspectiva geo-climática do habitante insular. Este desejo do poeta, de quebrar os limites que cerceiam a sua própria liberdade, (limitações de âmbito geográfico, sociológico ou, tão só, de natureza psíquica), surgem, na poesia mesquitiana sob a forma de tentativas de evasão, de natureza vária.

³¹⁴ SILVEIRA, Pedro da, “Carlos e Roberto de Mesquita”, in *op. cit.*, pp. 141-142

³¹⁵ COELHO, Jacinto do Prado, “Pensamento e estesia em Roberto de Mesquita”, in *Problemática da História Literária*, 2ª edição, Lisboa, Edições Ática, 1961, p. 205

³¹⁶ Cf. “Exilado”

Deste modo, a visão pampsiquista da natureza, presente naqueles poemas de clara inspiração anterioriana (cf. Parte II, cap. 1.2), na qual o poeta procura a união com a alma cósmica, universal, tentando com esse esforço alcançar a totalização do ser e, metaforicamente, plasmada no texto poético pela visão platónica do mundo ideal³¹⁷, insere-se, a nosso ver, neste esforço do poeta para responder à nostalgia progressiva e irremediável que o invade.

A mesma pretensão estético-literária, e, simultaneamente, de filosofia de vida, se repete naqueles textos que denunciam um sistema de valores referenciais do cristianismo/catolicismo, nos quais, o poeta alimenta um diálogo com Deus³¹⁸, procurando respostas e conforto para a sua sensação de abandonado neste mundo de formas imperfeitas, geradores de estados de profunda nevrose e de abatimento emocional: «A lírica decadentista, em particular, apresenta um homem necessitado de Deus e buscando-o do coração, mas geralmente sem encontrar os caminhos que levam ao Seu encontro ou sofrendo pelo Seu silêncio, que deixa o homem perder-se e renunciar nas veredas que a Ele levariam.»³¹⁹

Como vimos, a atracção pelo distante, no espaço e no tempo, quer assumindo a forma da viagem exótica para épocas longínquas, do imaginário cristão (“Agag”, “Natan”, “Tabita”, “Morte de Moisés”, ...), da era cavaleiresca medieval (cf. “Relicários I e V”, “Remember”, “Epifania”, “Trova Lusitana”, ...) ou, simplesmente, dos nobres salões renascentistas (“Relicários IV”, “Almas Penadas II”, “Romanticismo”, ...), quer pelo retorno imaginativo à infância perdida (cf. “Relicários III”, “Abandonada”, “Soneto”, “Na Aldeia”, “Remember”, “Doente” ...), são formas de evasão que, a partir do adormecimento fantasista, promovem a alienação das inquietações do espírito e o soffrear das torturas do corpo.

Moram nesta alma, que parece omnicoeva,
Idades mortas, velhos tempos arrasados,
Como nas campas duma igreja medieva
Os religiosos, as infantas, os cruzados...

Não sei que espírito ancestral me anda a chorar
Dentro do coração, numa funda saudade...
Pobre exilado que jamais hás-de voltar

³¹⁷ Cf. “Universalidade I e II”, “Tarde Sonhadora”, “Nocturno II”, “Ancestral”, (...)

³¹⁸ Cf. “Eli! Eli!”, “Relicários II”, “Eu”

³¹⁹ PEREIRA, José Carlos Seabra, op. cit., p.292

À adorada Sião da tua extinta idade!

Como um esquisso vago e doce, o Outrora passa
Ante o dorido olhar desta alma fim de raça,
Intransigente com o Hoje estiolante.

Oh! A saudade do enfermo sem remédio
Que, para se furtar à invasão do tédio,
Contempla da janela a paisagem distante! (“Ancestral”)

Deste modo, expressando-se a partir de motivos característicos dos códigos estéticos decadentista e simbolista, Roberto de Mesquita continua a afirmar a sua condição de habitante ilhéu³²⁰, pela manifestação daqueles estados de espírito que conformam a psique insular (a nostalgia, o tédio, o pessimismo, o fascínio da viagem e o desejo de evasão, a sensação de exilado, a saudade, ...), condicionada pelas circunstâncias geográficas, climáticas e histórico-sociais. Também por isso, somos levados a inserir a sua obra no âmbito da Literatura Açoriana e, pela qualidade da sua escrita e originalidade do seu estro, o elevamos a um dos maiores pedestais dessa Literatura.

A questão da autonomização da Literatura Açoriana, que se afirma num espaço e num universo estético-literário específico, e por um corpus literário cada vez mais abundante, não deve ser encarada, repetimos, como um grito de revolta contra a Literatura Portuguesa, porque a ela está umbilicalmente ligada, evoluindo pelas mesmos gostos estéticos, participando das mesmas tendências literárias, interagindo nos mesmos processos da criação e da divulgação. A Literatura Açoriana contribui, cremos nós, com a sua originalidade e especificidade, para tornar mais rica e diversa a literatura nacional.

³²⁰ «Ninguém mais finamente exprimia a osmose do *eu* e da circunstância, principalmente nas horas baças do crepúsculo ou do cair monótono da chuva:

«Que viuvez desamparada
Chora no ar, no vento frio,
Por esta tarde macerada
Em que a esp’rança se esvaiu!...

Como perfumes, os vagos sentimentos andam dispersos pela Natureza:

A saudade sem causa, a vaga nostalgia
Que enche como um perfume este apagar do dia,
Gerou-se na minha alma ou acordou na tua?

Tal poesia reflecte com verdade impressionante a “situação” insular, o tédio de uma existência vazia, o embalo do “canto monótono” do “mar entorpecido”, e, quebrando a sonolência, a inquietação do desconhecido, do que está para além da imensa distância líquida.» in COELHO, Jacinto do Prado, *op. cit.*, p. 209

Conclusão

Na Introdução a este trabalho, estabelecemos como objectivo essencial a apresentação e caracterização dos principais elementos modeladores da geografia e do clima insulares, no intuito de provar a sua influência expressiva e determinante sobre os hábitos comportamentais (psíquicos, sociológicos, culturais e ideológicos) das gentes que povoam as ilhas açorianas, há praticamente seis séculos.

No capítulo 1, Parte I, procurámos estabelecer os parâmetros, naturais e humanos, que dão conformidade às realidades física e sociológica, tal como se fazem sentir, presentemente, no arquipélago açoriano. Assim, nesta luta épica, constante e obstinada, do homem com os elementos da natureza, enfrentando os abalos telúricos ocasionais, as frequentes intempéries marítimas, os ventos que, regularmente, assolam a terra de forma impiedosa e marcante (*Incha lá fora a vaga escura, / Uiva o nordeste aflitivamente., “Ar de Inverno”*), o *mormaço* que abafa o ar que se respira, inundando os corpos e as almas de uma humidade quase permanente e destrutiva (*Dezembro, dia pluvioso. Vem / Deste céu de burel um spleen mortal, “Spleen”*), foi possível discernir traços idiossincráticos singulares e que resultaram da transformação, progressiva e sucessiva, da índole original apresentada pelos primeiros colonizadores (cf. subcapítulos 1.2.1. e 1.2.2.)

Numa perspectiva etnogénica, movidos, porventura, pelas observações perspicazes e acertadas de Luís da Silva Ribeiro e Vitorino Nemésio³²¹, descobrimos alguns dos traços identitários do habitante açórico, que se manifestam, de forma sintética, por uma religiosidade profunda, uma certa atitude submissa e indolente, mas conjugadas com um notável espírito imaginativo e criador, a que não falta um tom marcadamente satírico. A constatação desta idiossincrasia açoriana, a par da sensação de abandono e de indiferença, em certos momentos da nossa história, por parte das

³²¹ Cf. Parte I, capítulo 2

autoridades continentais, tem induzido, ciclicamente, ao aparecimento de certos movimentos autonómicos e, alguns, numa manifestação, mais extremista, com pretensões independentistas³²².

Por outro lado, a par destas reivindicações de ordem política, mas não, necessariamente, correlacionadas, assistimos, em particular, a partir da década de 40 do século passado, a um movimento de produção e divulgação literárias, conjugado com a publicação de um cada vez mais frequente acervo de reflexão literária e sociológica, conducente à afirmação de uma forma peculiar de produção textual a que se vem convencionando chamar Literatura Açoriana, ou, como preferem alguns críticos, de Significação Açoriana³²³.

A facilitação dos meios de produção e de divulgação das obras produzidas, que se oferecem, actualmente, aos criadores residentes no arquipélago ou radicados nos espaços diaspóricos açorianos, facilita essa consciência de identificação com um *corpus* textual de expressão insular açoriana. Para além disso, a acção da Universidade dos Açores, lugar privilegiado de criação e de reflexão literárias, da Direcção Regional das Comunidades e da Secretaria Regional da Educação e Formação, tem sido relevante e particularmente mobilizadora para esta afirmação de criação literária. O mesmo valor emulante deve ser reconhecido à acção dos diversos institutos culturais e da imprensa escrita existente no arquipélago³²⁴.

Definidas estas premissas, partimos para a análise do *corpus* poético de Roberto de Mesquita, fixado na obra póstuma *Almas Cativas* (alinhavada, embora, pelo próprio poeta florentino), publicada em 1ª edição em 1931, a partir dos esforços dos familiares do poeta e do amigo Marcelino Lima³²⁵, e, posteriormente, enriquecida com os “Poemas Dispersos”, recolhidos, em jornais e revistas literárias, por Pedro da Silveira, na 2ª edição de 1973. O estudo que realizámos procurou, como vem claramente enunciado na Introdução do presente trabalho, descobrir os diversos diálogos intertextuais com alguns dos mais importantes autores finiseculares

³²² Cf. *loc. cit.*

³²³ Cf. Parte I, capítulo 3

³²⁴ Cf. *loc. cit.*

³²⁵ Cf. “Comentário” (da 1ª edição de *Almas Cativas*), in *Almas Cativas e Poemas Dispersos*

oitocentistas e respectivas escolas literárias³²⁶.

Assim, descobrimos um Roberto de Mesquita, ainda, moldado por uma formação romântica algo tardia, manifestando uma atitude poética marcada por um certo gosto do isolamento e da solidão, pela permanência dos ambientes nocturnos e dos espaços sepulcrais, por uma sensibilidade melancólica, depressiva e, nalgumas situações, anti-social. A linguagem poética, colocada ao serviço desta atitude estética é, também, marcadamente de matriz romântica³²⁷.

O valor da acção cívica e literária de Antero de Quental não passou despercebido ao poeta da longínqua ilha das Flores, que, daquele, apreendeu uma determinada atitude filosófica, expressa em forma poética, para lá do facto, não menos significativo, da inspiração para o título da sua obra. A irmanar os dois vates está, não só, a circunstância de ambos pertencerem ao mesmo espaço insular, mas também esta atracção, natural e irreprimível, por um certo Idealismo transcendental, de natureza kantiana, pelo Incognoscível, teologizado ou não, plasmado quer através do diálogo poético mantido com Deus, quer na vivência de uma perspectiva pampsiquista da natureza e do homem, a que se associa a nítida revivescência da visão platónica do mundo³²⁸.

O tempo da consciência de Roberto de Mesquita, situado a partir dos anos 80 do século XIX, é marcado, no âmbito literário, pela coexistência de várias tendências estéticas, as quais, mantendo entre si alguns pontos de contacto, divergem, noutros, pela visão estética, pela ideologia ou pelo formalismo. Estamos em presença de um tempo caracterizado por uma grande actividade criadora, que se manifesta pela proliferação das obras publicadas, pelo grande número de revistas literárias, à volta das quais se reúnem muitos dos literatos e artistas da época, bem como o incremento dos contactos com outros agentes criadores no estrangeiro, mormente de França, em relação à qual os intelectuais portugueses assumem uma postura epigonal, como, aliás, é claramente assumida pela Geração de 70.

Nos Açores, a década de 80 assiste à divulgação de *O Livro de Cesário Verde*, entre os diversos ambientes culturais, com relevo para a cidade da Horta, na altura, o

³²⁶ Cf. Parte II

³²⁷ Cf. Parte II, subcapítulo 1.1.

³²⁸ Cf. Parte II, subcapítulo 1.2.

principal centro irradiador de cultura. Por esta altura, encontramos o jovem Roberto de Mesquita, e o irmão, Carlos, estudando no Liceu faialense. Não espanta, pois, a atenção do poeta florentino às questões da poética realista/parnasiana. Em *Almas Cativas* encontramos, pois, o mesmo pendor descritivo, com manifestações de narratividade, a par de um cuidado formal, conscientemente assumido pelo poeta³²⁹. Os retratos citadinos não marcam uma presença tão impressionante em Mesquita, como em Cesário, porque a experiência de vida urbana não é comparável na realidade sociológica destes, mas, em ambos os poetas, por outro lado, assistimos à rememoração de idílicos episódios campestres, com laivos de saudosismo.

A postura epigonal de Roberto de Mesquita em relação a Cesário Verde também se estende, como vimos³³⁰, a outros autores mais representativos da escola parnasiana, como sejam os casos de Gonçalves Crespo e de António Feijó. Nestes, como no poeta florentino, deparamo-nos com a mesma atracção exótica por outros tempos e outros ambientes, da Antiguidade Clássica ou do imaginário judaico-cristão. A aproximação a Feijó verifica-se, sobretudo, pela rememoração de um episódio lírico, profundamente marcante na vivência de ambos os poetas.

A perspectiva satânica da vida e da realidade, esteticamente transposta para o campo poético e aprendida, fundamentalmente, a partir das leituras de Baudelaire, também está presente em *Almas Cativas*³³¹, como notara já Tomás da Rosa³³², bem como um pouco por todos os cultores do parnasianismo. Noutro plano aproximativo dos dois poetas, denunciámos, na obra mesquitiana, um sujeito poético inquiridor, capaz de “ler” os mistérios do Universo e, dessa leitura, inferir uma teia de correspondências e de analogias entre a realidade material e a psíquica, quer elas se verifiquem entre os mundos visível e invisível, quer radiquem, apenas, num plano da sensorialidade.

A atracção de Mesquita pela poética baudelairiana faz-se, ainda, notar através da expressão do *spleen*, enquanto modo de sentir e de pensar a existência humana, plasmada numa postura poética caracterizada pela soturnidade, pelo pessimismo e

³²⁹ Cf. “A Falsa Deusa”

³³⁰ Cf. Parte II, subcapítulo 1.3.

³³¹ Cf. Parte II, subcapítulo 1.4.

³³² ROSA, Tomás da, *op. cit.*

quase abandono em relação aos valores da vida (que reinventa a atracção romântica pela ideia de morte, de isolamento e de solidão). Concomitantemente, a esta perspectiva de vida, esteticamente reelaborada, descobrimos, na sua poesia, uma postura crítica típica do *flanêur* e do *dândi*, importada, directamente, de *As Flores do Mal* ou, indirectamente, porventura, de Fradique Mendes.

Toda a crítica da obra mesquitiana é unânime em considerar que o que de mais valioso existe em *Almas Cativas*, poeticamente falando, se identifica com as estéticas decadentista e simbolista, mais aquela do que esta. De facto, a expressão de uma alma doente, a atracção pelos ambientes nocturnos e outonais, a ocorrência obsidiante da sensação de impotência, de desistência e de prostração, em presença de uma realidade que se revela, aos olhos do poeta, vazia de sentido e insensível ao sofrimento humano, agravada pelo diálogo mudo estabelecido entre o poeta e Deus, são marcas caracterizadoras da sensibilidade decadentista. O mesmo se pode afirmar em relação à ânsia de evasão (sob a forma de viagem, de sonho, ou de revisitação saudosista), assumida pelo poeta em algumas composições³³³.

O simbolismo denuncia-se, na poesia de Mesquita, sobretudo, a partir da constatação da capacidade cognoscente do poeta e do visionarismo poético, que permitem o conhecimento dos mistérios do Universo e a identificação de uma psique semelhante no homem e na natureza. Esta é, na poética mesquitiana, como na da escola literária, uma reacção às mordagens impostas pelas tendências materialistas e cientistas por que enveredara a sociedade da época, ao mesmo tempo que propugna pelo primado da intuição (com a correspondente valorização das capacidades expressivas do símbolo e da música) como forma de conhecimento.

A influência de Verlaine sobre Roberto de Mesquita insinua-se, de uma forma particular, a partir da leitura das *Festas Galantes*. Desta obra, o poeta florentino aproveita a atmosfera culta, graciosa e musical dos antigos salões renascentistas e palacianos. Por ela, se recuperam, saudosisticamente, paisagens históricas que, no presente, sob uma forma fantasmática e espectral, se instituem como símbolo de um estado de espírito depressivo e inadaptado. O investimento nos efeitos de sugestão, oferecidos pela música e pela sinestesia, de matriz nitidamente verlainiana, presentes

³³³ Cf. Parte II, subcapítulo 1.4.

na poética mesquitiana, justifica-se como processo de elaboração da mensagem poética e como marca adesão aos princípios da escola simbolista.

A presença verlainiana faz-se, ainda, notar a partir da leitura, por parte de Roberto de Mesquita, dos *Poèmes Saturniens*, pois que, desta, se nota o aproveitamento de uma atmosfera sombria, taciturna, triste, plasmada no retrato de uma paisagem evanescente, brumosa e crepuscular, carregada de sons plangentes e que dão, por isso, expressão ao estado de alma do poeta³³⁴.

Por fim, somos chegados à questão da açorianidade de Roberto de Mesquita³³⁵ e da inserção do poeta no universo da Literatura Açoriana. Constatámos que não existem, na poética mesquitiana, referências explícitas a “ilha”, a “Flores”, aos “Açores”, a outros particularismos geográficos, às formas concretas da mundividência açoriana, nomeadamente, à sua religiosidade característica, ao modo de organização social e de manifestação cultural, etc.. Nem isso se tornava necessário, porque a função poética é mais sugestiva do que descritiva, mormente, num período histórico-cultural dominado pelos valores estéticos do decadentismo e do simbolismo.

Todavia, foi-nos possível vislumbrar, na poética mesquitiana, um ambiente geográfico, climatérico e determinadas formas de paisagem que, claramente, identificam um ambiente tipicamente açoriano. Por outro lado, a expressão de estados psicossomáticos particulares e, mais ou menos, tipificados, como aparecem explicitados nos estudos de natureza etno-sociológica, de Vitorino Nemésio e de Luís da Silva Ribeiro, reforçam essa identificação da obra de Roberto de Mesquita com um modo de pensar e sentir a vida característico do *modus vivendi* açoriano e estilizado na chamada Literatura Açoriana.

É um facto que alguns dos aspectos ideológicos e estéticos subjacentes a esta visão da vida e do mundo e a esta forma específica de interiorização da realidade e respectiva reacção emocional são comuns a outros autores e denunciam a adesão aos valores das escolas poéticas finisseculares, mormente a decadentista e a simbolista. No entanto, no que a Roberto de Mesquita diz respeito, e aceitando, pacificamente, a atracção do poeta por estes princípios estéticos e técnico-compositivos típicos de

³³⁴ Cf., por ex., “Alvorada Saturniana” e “Tarde Enferma”

³³⁵ Cf. Parte III

escola, preferimos acentuar a circunstância, feliz, de a um conjunto de valores poéticos específicos corresponder, para o caso açoriano, formas de existência e de concepção da realidade humana similares. Para além disso, a crítica é unânime em reconhecer a sinceridade e a genuinidade da mensagem poética mesquitiana, condicionada, certamente, pelo isolamento geográfico e cultural a que o poeta estava votado.

Deste modo, na obra poética de Roberto de Mesquita, denuncia-se, é indiferente se consciente ou inconscientemente, mais do que a expressão dum qualquer insularidade, a afirmação da açorianidade, porque é desta maneira que ela se impõe nos Açores e aos açorianos e não se confunde com outras formas de experienciar a vida nos diversos contextos insulares.

Bibliografia

Bibliografia do autor

MESQUITA, Roberto de, *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Prefácio de Jacinto do Prado Coelho, Comentário de Marcelino Lima, fixação do texto, recolha de dispersos e notas de Pedro da Silveira, Lisboa, Ática, 1973

Bibliografia sobre o autor

ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, "De Roberto de Mesquita e da sua açorianidade", *Boletim da Casa dos Açores do Norte*, No. 31, 1990, reeditado in *Pulsar/Açoriano Oriental 2*, 30 Jan. 1992

BEIRES, Isabel Maria Morujão, *Roberto de Mesquita – Almas Cativas e as estéticas fim-de-século*, Porto, 1988

BETTENCOURT, Urbano, *O gosto das palavras*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983

BUESCU, Helena Carvalhão, "O Esvaziamento cintilante dos afectos: Roberto de Mesquita e o não-lugar", *Luso-Brazilian Review* 38 (2), Madison

CÂNDIDO, Manuel, *Antero e Roberto de Mesquita*, Vila Franca do Campo, Editorial Ilha Nova, Colecção Opúsculos / 3, 1986

COELHO, Jacinto do Prado Coelho, "Pensamento e estesia em Roberto de Mesquita", in *Problemática da História Literária*, 2ª edição, Lisboa, Edições Ática, 1961
"Roberto de Mesquita e o Simbolismo", in *Ao Contrário de Penélope*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1976

COELHO, Paula Mendes, «Georges Rodenbach (1835-1898) e Roberto de Mesquita (1869-1923): da "ofelização" ao complexo de "Caronte"» on-line Universidade Aberta

FERREIRA, Manuel, *O segredo das "Almas Cativas"*, Santa Cruz das Flores, Câmara Municipal, 1991

JESUS, Eduíno de, "Roberto de Mesquita, poeta parnasiano", in *Estrada Larga*, nº 1,

antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), Porto, Porto Editora, s/d

JÚNIOR, Venâncio Augusto Ferro, *Roberto de Mesquita*, Dissertação para Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1941

LIMA, Marcelino, “Comentário”, in *Almas Cativas e Poemas Dispersos*, Lisboa, Ática, 1973

NEMÉSIO, Vitorino, “O poeta e o Isolamento: Roberto de Mesquita”, in *Conhecimento de Poesia*, 3ª edição, Lisboa, IN-CM, 1997

ROCHA, Luís de Miranda, *Para uma Introdução a Roberto de Mesquita*, Angra do Heroísmo, SREC, 1981

ROSA, Tomás da, “Grande Poeta em Pequena Ilha”, in *Almas Cativas*, 3ª edição, Horta, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983

SILVEIRA, Pedro, “Antologia”, in *Antologia da Poesia Açoriana do século XVIII a 1975*, Lisboa, Sá da Costa, 1977

“Carlos e Roberto de Mesquita”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d

Bibliografia geral

AFONSO, João, “Dos Anais da Família Dabney para a História Oitocentista dos Açores numa Perspectiva Atlântica”, in VV.AA., *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XIX*, Actas do Colóquio realizada nas ilhas do Faial e Pico de 10 a 13 de Maio de 1993, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1995

AGUIAR, Cristóvão de, “O homem açoriano é um mito e a expressão «literatura açoriana» é um equívoco”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983

ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *Açores, Açorianos, Açorianidade*, Ponta Delgada, Signo, 1989

A Questão da Literatura Açoriana, Angra do Heroísmo, SREC, 1983

Da Literatura Açoriana: subsídios para um balanço, Angra do Heroísmo, SREC, 1986

- Mensagem – Uma Tentativa de Reinterpretação* (Roberto de Mesquita Award, Secretaria Regional da Educação e Cultura of the Azores), Angra do Heroísmo, SREC, 1987.
- “Pedro da Silveira: uma homenagem em três andamentos”, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, nº 15, 2006
- BARROSO, Ivo, *Charles Baudelaire: Poesia e Prosa*, Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar, 2006
- BATISTA, Adelaide, “Identidade e Espírito do Lugar”, in *João de Melo e a Literatura Açoriana*, Lisboa, Dom Quixote, 1993
- BATISTA, Adelaide Monteiro, *João de Melo e a Literatura Açoriana*, Lisboa, Dom Quixote, 1993
- BELL, Aubrey F. G., *A Literatura Portuguesa – História e Crítica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1931
- BORGES, Paulo A. V. et alii. *Listagem da fauna e flora terrestres dos Açores*, Direcção Regional do Ambiente, Angra do Heroísmo, 2005
- BRANDÃO, Raul, *As Ilhas Desconhecidas*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1991
- BRASIL, Luiz Ant3nio Assis, “A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia”, in *Via Atlântica*, S. Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, nº 2, 1999
- CARVALHO, Ruy Galvão de, *Antologia Poética dos Açores*, vol. I, Angra do Heroísmo, SREC, colecção “Gaiivota”, nº 3, 1979
- CARVALHO, Ruy Galvão de, *Poetas dos Açores*, Angra do Heroísmo, SREC, 1988
- “Possibilidade de uma literatura de significação açoriana”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983
- CASTRO, Eugénio de, *Obras Poéticas de Eugénio de Castro*, Tomo I, Direcção e Textos Introdutórios de Vera Vouga, Porto, Campo das Letras, 2001
- CASTRO, Sílvio, *O Percurso Sentimental de Cesário Verde*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, nº 114, 1990
- CIDADE, Hernâni, Antero de Quental, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença, 1988
- COELHO, Jacinto do Prado, “Panorama do Simbolismo Português”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d

- “Romantismo”, in *Dicionário de Literatura*, vol. III, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984
- CORDEIRO, Pe. António, *História Insulana*, 3ª edição, Angra do Heroísmo, SREC, 1981
- CORDEIRO, Carlos, “Identidade e autonomia. Do discurso contestatário à afirmação identitária nos Açores”, in *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, Horta, nº 15 *Nacionalismo, Regionalismo e Autoritarismo nos Açores durante a I República*, Lisboa, Salamandra, 1999
- CRESPO, Gonçalves, *Obras Completas* (organização de Afrânio Peixoto), Rio de Janeiro, Livros de Portugal Lda, 1942
- D’ANGELO, Martha, “A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin”, in *Revista Estudos Avançados*, vol. 20, nº 56, São Paulo, Jan./Abr. 2006
- DIAS, Eduardo Mayone, *Açorianos na Califórnia*, Angra do Heroísmo, SREC, 1982
- ENES, José, “A Integração do Açoriano no Mundo Actual”, in *Livro da III Semana de Estudos dos Açores*, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1965
- FERRO, Túlio Ramires, “O Alvorecer do Simbolismo em Portugal”, in *Estrada Larga*, antologia do suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (organização de Costa Barreto), nº 1, Porto, Porto Editora, s/d
- FIGUEIREDO, Fidelino, *História Literária de Portugal (séculos XII a XX)*, 3ª edição, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1966
- FREITAS, Vamberto, *O Imaginário dos Escritores Açorianos*, Lisboa, Edições Salamandra, 1992
- Mar cavado: da literatura açoriana e de outras narrativas*, Lisboa, Salamandra, 1998
- FRUTUOSO, Gaspar, *Saudades da Terra*, Livro III, Ponta Delgada, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998
- FRYE, Northrop, *The Bush Garden. Essays on the Canadian Imagination*, Canada, Hunter Rose Comp., 1971
- FURTADO, Arruda, *Materiaes para o Estudo Anthropológico dos Povos Açorianos. O Povo Michaelense*, Ponta Delgada, Typ. Popular, 1884
- GARCIA, Eduíno Borges, “Por uma autêntica literatura açoriana”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983
- GARCIA, José Martins, “Actualidade da Literatura Açoriana”, in *Para uma Literatura Açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987

- “Ainda a Questão da Literatura Açoriana”, in *Para uma Literatura Açoriana*, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1987
- GASSET, Ortega y, *Meditações do Quixote*, Rio de Janeiro, Editora Livro Ibero Americano, 1967
- LEAL, João, “Açorianidade: Literatura, Política, Etnografia (1880-1940)”, in *Etnográfica*, Lisboa, vol.1, 1997
- LOBÃO, Carlos Gomes, “Liceu Nacional da Horta – História de uma Instituição Secular”, in VV.AA., *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Actas do III Colóquio, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 2004
- LOURENÇO, Eduardo, “Da Autonomia como questão cultural”, in *A Autonomia Como Fenómeno Cultural e Político*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1987
- MACEDO, Helder, *Nós – Uma leitura de Cesário Verde*, 3ª ed., Lisboa, Publicações D. Quixote, 1986
- MAGALHÃES, Justino, “Cultura letrada e modernidade – escolarização e sociedade no distrito da Horta”, in VV.AA., *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Actas do III Colóquio, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 2004
- MAGALHÃES, Luís, “Prefácio” a FEIJÓ, António, *Sol de Inverno*, Paris-Lisboa, Livraria Aillaud e Bertrand, 1922
- MAIA, Visconde de Faria e, “Recordações de Família e Impressões Pessoais”, in *Antero de Quental – In Memoriam*, ed. Fac-similada, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993
- MARTINS, Ana Maria Almeida, “Prefácio”, in *Antero de Quental – In Memoriam*, ed. Fac-similada, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993
- MARTINS, Cabral, *Poesias de Álvaro de Campos*, Lisboa, Editorial Comunicação, 1986
- MARTINS, J. Cândido, “Prefácio”, in *Poesias Completas de António Feijó*, Porto, Edições Caixotim, 2004
- MATOS, Manuel Cadafaz, *Arruda Furtado, Correspondente de Darwin*, Lisboa, IN-CM, 1986
- MELO, João de, *Antologia Panorâmica do Conto Açoriano*, Lisboa, Vega, 1978
- “A produção literária açoriana nos últimos dez anos (1968-1978)”, in *Revista Colóquio/Letras*, n.º 50, Jul. 1979

- “Há ou não uma Literatura Açoriana”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1983
- “O lugar, a memória e a vida na moderna ficção açoriana”, in ALMEIDA, Onésimo Teotónio, *Da Literatura Açoriana: subsídios para um balanço*, Angra do Heroísmo, SREC, 1986
- MOISÉS, Massaud, *A Literatura Portuguesa*, S. Paulo, Cultrix, 1960
- As Estéticas Literárias em Portugal*, vol. II, Lisboa, Editorial Caminho, 2000
- MOTTA, Aristides da, “Projecto de lei apresentado à Câmara dos Srs. Deputados na sessão de 31 de Março de 1892”, in *A Autonomia dos Açores na Legislação Portuguesa 1892-1947*, org. pref. e notas de LEITE, José Reis, Horta, Assembleia Regional dos Açores, 1987
- NEMÉSIO, Vitorino, “O Açoriano e os Açores”, *Sob os Signos de Agora*, Lisboa, IN-CM, 1995
- Corsário das Ilhas*, 3ª edição, Lisboa, IN-CM, 1998
- “Gomes Leal”, in *Dicionário de Literatura*, vol. II, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984
- PENNAFORT, Onestaldo de, “Advertência”, in VERLAINE, Paul, *Festas Galantes*, 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1983
- PEREIRA, José Carlos Seabra, *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1975
- PORTILLO, Lorenzo (direcção geral), “Açores”, in *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*, vol. I, Alfragide, Ediclube, 1996
- PIRES, A. M. B. Machado, “Evocação de Antero e o Romantismo – Antero Romântico”, in *Revista de Guimarães*, Guimarães, nº 102, Jan.-Dez. 1992
- “Para um conceito de literatura açoriana”, in *Raul Brandão e Vitorino Nemésio*, Lisboa, IN-CM, 1988
- QUEIRÓS, Eça, “Um Génio que era um Santo”, in *Antero de Quental – In Memoriam*, ed. Fac-similada, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993
- QUENTAL, Antero, “Carta a Wilhelm Stork – Ponta Delgada, 14 de Maio de 1887”, in *Cartas II (1881-1891)*, organização. Introdução e notas de Ana Maria Almeida Martins, Lisboa, Editorial Comunicação e Universidade dos Açores, 1989

- RAMOS, Jaime A. e FRANCISCO, David, *O priôlo e a floresta natural de altitude*, 2ª ed., Nordeste, Câmara Municipal, 2005
- RÉGIO, José, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, in *Crítica e Ensaio I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994
- REIS, Carlos e PIRES, Maria da Natividade, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. V, 2ª edição, Lisboa, Editorial Verbo, 1999
- REIS, Jaime Batalha, “Introdução”, in QUEIRÓS, Eça de, *Prosas Bárbaras*, Lisboa, dição Livros do Brasil, 2001
- RIBEIRO, Luís da Silva, “Os Açores de Portugal”, *Obras II. História*, Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira – SREC, 1983
- Subsídios para um ensaio sobre a açorianidade*, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 1964
- RODRIGUES, Urbano Tavares, “António Feijó”, in *Dicionário de Literatura*, vol. II, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984
- “Parnasianismo”, in *Dicionário de Literatura*, vol. III, 11ª reimpressão da 3ª edição, Porto, Figueirinhas, 1984
- SAMPAIO, Alberto, “Anthero de Quental – Recordações”, in *Anthero de Quental – In Memoriam*, ed. Fac-similada, 2ª ed., Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993
- SANTOS, João Marinho dos, *Os Açores nos séculos XV e XVI*, vol. I, Angra do Heroísmo, Direcção Regional dos Assuntos Culturais, SREC, 1989
- SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, *História da Literatura Portuguesa*, 14ª edição, Porto, Porto Editora, 1987
- SENA Jorge de, *Líricas Portuguesas I*, 3ª edição, Lisboa, Edições 70, 1984
- SEQUEIRA, Montalverne de, *Correspondência (1881-1930)*, Ponta Delgada, Instituto Universitário dos Açores, 1980
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, II, Lisboa, Editorial Verbo, 1977
- SERRÃO, Joel, *O primeiro Fradique Mendes*, Lisboa, Livros Horizonte, 1985
- SILVA, Heraldo Gregório da, *Açorianidade na prosa de Vitorino Nemésio - Realidade, Poesia e Mito*, Lisboa, IN-CM, 1985
- SILVA, Victor Manuel de Aguiar e, *Teoria da Literatura*, 8ª edição, Coimbra, Livraria

Almedina, 1988

- SILVEIRA, Pedro da, "Sobre a Horta como centro literário: uma proposta de estudo", in VV.AA., *O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX*, Actas do Colóquio realizado nas ilhas do Faial e S. Jorge de 12 a 15 de Maio de 1997, Horta, Núcleo Cultural da Horta, 1998
- SIMÕES, João Gaspar, "Existirá uma literatura Açoriana?", in ALMEIDA, Onésimo Teotónio de, *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo, SREC, 1983
- Perspectiva Histórica da Poesia Portuguesa, Porto, Brasília Editora, 1976
- Valéry, Paul, "Introdução às Flores do Mal", apud Baudelaire, Charles, *As Flores do Mal*, tradução de Maria Gabriela Llansol, Lisboa, Relógio d'Água, 2003
- VERDE, Cesário, *O Livro de Cesário Verde*, Lisboa, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 2ª edição, s/d
- VV. AA., *História dos Açores: Do descobrimento ao século XX*, vol. I, Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura, 2008
- VV.AA., *In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro*, Angra do Heroísmo, SREC, 1982

Webgrafia

- ÁVILA, Ermelindo, "Dia de São Vapor", in <http://domeuretiro.blogspot.com/2008/03/dia-de-so-vapor.html>
- BRASIL, Luiz Ant3nio Assis, "Vertentes da Literatura Açoriana Pós-25 de Abril", in <http://www.pucrs.br/fale/pos/literaturaslusofonas/memoriadasgentes/trabalho6.htm>
- COSTA, Ricardo Madruga da, "Dabney, Família", in *Centro de Conhecimento dos Açores*, <http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=2442>
- "Ensino", in <http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=2916> e <http://www.ecclesia.pt/seminarioangra/>
- "Garcia Monteiro", in <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/gmonteir.htm>
- LACERDA, Eugénio Pascele, *O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos locais e globais da açorianidade*, in http://www.musa.ufsc.br/docs/eugenio_tese.pdf
- Nota de Abertura (Intro), in <http://lusofoniaazores2008.com.sapo.pt/intro.htm>

Página Oficial da Presidência da República, <http://www.presidencia.pt>.

RILEY, Carlos Guilherme, "António Feliciano de Castilho", in *Enciclopédia Açoriana*, Centro de
Conhecimento dos Açores,

<http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=1507>

Sumário

Introdução	5
Parte I	
1. Os Açores, a terra e o homem	9
1.1. A terra	10
1.2. O homem	12
1.2.1. As origens	14
1.2.2. Características	17
2. Da consciência da insularidade ao conceito de açorianidade	20
3. A questão da literatura açoriana revisitada	27
Parte II	
1. As “leituras” de Roberto de Mesquita	45
1.1. Reminiscências da estética romântica em <i>Almas Cativas</i>	49
1.2. Roberto de Mesquita, leitor de Antero	57
1.3. O Parnasianismo na poética mesquitiana	66
1.4. Roberto de Mesquita e o baudelairianismo	83
1.5. Roberto de Mesquita, poeta decadentista / simbolista	93
Parte III	
1. Roberto de Mesquita e a questão da Literatura Açoriana	113
Conclusão	126
Bibliografia	133